

ALEXANDRA BITTENCOURT DE CARVALHO

**REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES DE MULHERES GORDAS EM
PRÁTICAS MUDIÁTICAS DIGITAIS: TENSÕES ENTRE VOZES DE
RESISTÊNCIA E VOZES HEGEMÔNICAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

C331r
2018
Carvalho, Alexandra Bittencourt de, 1981-
Representações e identidades de mulheres gordas em
práticas midiáticas digitais : tensões entre vozes de resistência e
vozes hegemônicas / Alexandra Bittencourt de Carvalho. –
Viçosa, MG, 2018.
ix, 138 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Maria Carmen Aires Gomes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 114-116.

1. Análise crítica do discurso. 2. Obesas - Identidade.
3. Gordofobia. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento
de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. II. Título.

CDD 22. ed. 401.41

ALEXANDRA BITTENCOURT DE CARVALHO

**REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES DE MULHERES GORDAS EM
PRÁTICAS MUDIÁTICAS DIGITAIS: TENSÕES ENTRE VOZES DE
RESISTÊNCIA E VOZES HEGEMÔNICAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 19 de março de 2018.


Viviane Cristina Vieira


Maria de Fátima Lopes


Maria Carmen Aires Gomes
(Orientadora)

*Dedico esta dissertação a todas as
mulheres gordas, cujos corpos são
resistência e cujas vivências, luta.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma forma de demonstrar que nenhum trabalho é feito sozinha. Agradeço, primeiramente, a CAPES e a Universidade Federal de Viçosa que me possibilitaram financeira e institucionalmente a realização da pesquisa. A todas professoras da PPG Letras, em especial a Ana Maria Barcelos, que demonstrou que a sala de aula pode ser um espaço democrático e de luta. Obrigada, Ana Maria!

Agradeço a minha orientadora Maria Carmen Aires Gomes pela orientação pessoal e acadêmica e pelos ensinamentos. Obrigada por me mostrar que a pesquisa é um trabalho conjunto, horizontal e a importância ética da nossa temática. A Ciência é teoria, método, mas é também amor, paciência e cuidado. Agradeço, também, à professora Érica que contribuiu imensamente para a dissertação e que, infelizmente, não pôde estar na defesa e às professoras Viviane e Fatinha que compuseram a banca de forma tão amável.

Agradeço a minha rede de apoio da maternidade: a minha mãe e ao meu pai, sempre presentes e cuidando do meu Raul, ao pai e à avó materna por cuidar do meu filho quando precisei estar sozinha para estudar e escrever. Ser uma pesquisadora mãe é difícil e por isso sei que esta dissertação só foi possível por eu ter essa rede.

Aos meus guias espirituais que sempre estão comigo: Cabocla Jurema, Vovó Maria Redonda, Rosa Baiana, Seu Rei do Laço, Juju, Maria Molambo e Seu Pinga Fogo. Aos meus orixás Xangô, que me ensina a Justiça e Iemanjá, que com seu corpo gordo foi uma das mulheres que se inserem na pesquisa.

Às minhas amigas Karina, Tatá, Aline, Marcelle, Cris, Larissa, Gabi, Gracielle Marcelinha, Juju e Débora: mulheres fortes e de luta que me acompanharam nessa jornada de estudos e sempre me acompanharam na jornada da vida. Aos meus amigos Ralph e Diogo, e ao meu companheiro Adriano: homens de escuta e de luta. Nunca consegui separar amor da amizade. Obrigada!!!

Agradeço, por fim, a todas as mulheres gordas, somos o motivo dessa dissertação.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	v
LISTA DE GRÁFICOS.....	v
LISTA DE QUADROS.....	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	viii
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	1
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
1.1 As concepções de discurso.....	7
1.1.1 O modelo tridimensional – O discurso como prática social.....	8
1.1.2. A abordagem da Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO) – O discurso como um momento da prática social.....	15
1.1.3 O texto como material de pesquisa – o discurso como significados.....	19
1.2 As teorias sociais.....	24
1.2.1 Teorias sobre o(s) corpo(s).....	25
1.2.2 <i>Fat Studies</i>	33
1.2.3 Os dois eixos do discurso sobre gordas/gordos.....	35
1.2.4 O relato de si – as cenas de interpelação.....	39
1.2.4 As identidades de resistência, de projeto e a de projeto-resistência.....	44
CAPÍTULO 2 – PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	48
2.1 Caracterização da pesquisa.....	48
2.2 <i>Corpus</i> : constituição, seleção e sistematização.....	51
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	59
3.1 Conjuntura sociopolítica e cultural.....	59
3.1.1 As concepções de saúde/doença.....	59
3.1.2 As concepções sobre a beleza.....	64
3.2 Análise da prática particular.....	71
3.3 Análise do discurso.....	75
3.3.1 (Des)construindo o feio e o doente.....	76
3.3.2 Criando e transformando o “ser gorda”.....	87
3.3.3 Desejando a resignificação e amando o corpo gordo.....	95
3.4. Os cenários da negociação da diferença.....	104
3.5. Investigação da função do problema na prática.....	108
3.6. Investigação de possíveis formas de ultrapassar os obstáculos.....	109
4. REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE.....	111
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
6. ANEXOS.....	117

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Conceção tridimensional do discurso	9
Figura 2 – Momentos da prática social	16
Figura 3 – Caminho para a seleção de textos (BAUER e AARTS, 2000, p.53)	53
Figura 4 – Vênus de Willendorf, estátua do período paleolítico.....	64
Figura 5 – Vênus de Milo, Alexandro de Antioquia, século II a.C.	65
Figura 6 – Madona e o menino, de Giotto, 1320/1330	66
Figura 7 – Vênus ao Espelho, de Peter Rubens, (1577-1640)	68
Figura 8 – O padrão de corpo feminino na <i>Belle Époque</i>	68
Figura 9 – Propaganda da Mollico, 1983.	69
Figura 10 – Campanha C&A	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Recorrência dos principais processos	75
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Abordagem para ADC (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999)	50
Quadro 2 – Configuração do corpus	52
Quadro 3 - Categorias de análise.....	55
Quadro 4 – Sistematização dos temas e ordens do discurso	75
Quadro 5 - Cenário da negociação da diferença.....	104

RESUMO

CARVALHO, Alexandra Bittencourt de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2018. **Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas**. Orientadora: Maria Carmen Aires Gomes.

É notável a preocupação com o corpo que uma parcela da sociedade contemporânea possui. Ele é visto como referência de bem-estar, sucesso profissional, financeiro e amoroso assim como performatizador de padrão de beleza. Os discursos que permeiam os dias de hoje sobre os corpos estabelecem uma concepção de que estes devam ser saudáveis, magros, desejáveis, brancos, ricos e belos. Portanto, sentidos negativos são gerados e discursos são disseminados sobre os corpos gordos constituindo a base simbólica da gordofobia, um preconceito baseado no tamanho e peso das pessoas. Tal preconceito tem como efeito a repulsa destes corpos, configurando-os como um corpo abjeto (BUTLER, 2016). Em contrapartida, sentidos positivos que combatem a gordofobia emergem, fazendo com que se ressignifiquem os corpos gordos, construindo discursos a favor da diversidade dos corpos e da autoaceitação. A pesquisa, então, tem como objetivo, a partir da Análise do Discurso Crítica de cunho anglo-saxã (FAIRCLOUGH, 2001[1992]; CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003) inter cruzada às teorias sobre corpos (BORDO, 1997; LE BRETON, 2010; BUTLER, 2016), aos *Fat Studies* (HARJUNEN, 2009; ROTHBLUM, 2011) e aos Relatos de si (BUTLER, 2016), uma análise crítica discursiva sobre as representações e identidades que mulheres gordas fazem de si, em relatos em práticas midiáticas digitais, trazendo à tona os sentidos negativos que a sociedade faz delas – e, por extensão, de outras gordas – bem como revelando outros possíveis olhares sobre seus corpos. Assim, investigar quais instituições são responsáveis pela construção negativa de discursos e identidades sobre corpos gordos bem como os responsáveis por combatê-los. Outro interesse é analisar como as representações e identidades dos corpos gordos se modificam quando interseccionadas a outros marcadores sociais como raça, gênero, sexualidade e geração. Nosso *corpus* é constituído por dez (10) textos digitais, sendo três (3) blogs e uma (1) revista online, respectivamente *Gorda e Sapatão*, *Kiss the Fat Girl*, *Beleza sem Tamanho* e *Capitolina*. Dividimos a análise em três categorias temáticas: a (des)construção do corpo feio e doente; a criação e transformação das representações e identidades das gordas e o empoderamento. Na primeira categoria, constatamos que as instituições que legitimam os sentidos sobre os corpos gordos como feios são, primeiro, a pornografia, ao construir um ideal de beleza e desejo no corpo

tonificado e, segundo, a moda, ao estabelecer o ideal de beleza magro, e, no que concerne à moda *plus size*, o ideal de um corpo gordo que mais se assemelha ao padrão. Além disso, a biomedicina, a partir da medicalização (HARJUNEN, 2009) dos corpos gordos, homogeneizando-os como doentes e, portanto, alvo de cura. A instituição que ressignifica tais corpos é a da militância gorda, inserida nos movimentos feministas de vertente interseccional, trazendo os corpos gordos como belos e saudáveis. Na segunda categoria, as instituições que criam as representações e identidades negativas sobre os corpos gordos são o governo, a partir de políticas de acessibilidade que não contemplam todos os corpos e a moda ao criar um padrão de gorda para a moda *plus size*. A transformação se dá nos relatos de si, também na militância gorda, a partir da representatividade de mulheres gordas como exemplos a serem seguidos e da autoaceitação. Na terceira categoria, representada pela mesma instituição de ressignificação e transformação das representações e identidades, o empoderamento é compreendido ainda na esfera do desejo, através, principalmente, da autoaceitação e da crítica às feminilidades. Por fim, constatamos que, a partir do entrecruzamento do cenário da negociação da diferença de Fairclough (2003) aos marcadores sociais da diferença, quanto maior é a intersecção destes nos relatos de si, mais temáticas são problematizadas, acentuando as diferenças, e revelando lutas de significado. No que tange à identidade de gênero, constatamos que não há relatos de mulheres trans gordas, uma forma de suprimir as diferenças e emergir relações assimétricas de poder dentro dos relatos de si de gordas nas práticas midiáticas digitais.

ABSTRACT

CARVALHO, Alexandra Bittencourt de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2018. **Representations and identities of fat women in digital mediatic practices: tensions between resistance voices and hegemonic voices.** Advisor: Maria Carmen Aires Gomes.

It is noticeable how part of contemporary society worries about the body. It is seen as a reference of well-being, professional, financial and love relationship success as well performatizing beauty pattern. Current discourses about bodies establish a conception that these bodies should be healthy, thin, desirable, white, rich and beautiful. Therefore, negative meanings are generated and discourses are disseminated about fat bodies constituting a symbolic base for fatphobia, a prejudice based on people's size and weight. Such prejudice has the effect of repulsion over these bodies, configuring them as an abject body (BUTLER, 2016). In contrast, positive meanings that combat fatphobia have emerged, causing a redefinition of fat bodies, constructing discourses in favor of diversity of bodies and self-acceptance. This study aims to do, through Anglo-Saxon Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH,2001[1992];CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003) intertwined with body theories (BORDO, 1997; LE BRETON, 2010; BUTLER, 2016), with *Fat Studies* (HARJUNEN, 2009; ROTHBLUM, 2011) and with *Giving An Account of Oneself* (BUTLER, 2016), a critical discursive analysis about representations and identities that fat women have about themselves, in digital media practice, eliciting negative meanings society makes about them – and, by extension, of other fat women – as well as revealing other possible looks over their bodies. Thus, to investigate which institutions are responsible for the negative construction of discourses and identities of fat bodies as well as the responsible ones for combating them. Another interest is to analyze how representations and identities of fat bodies modify when intersected with other social markers such as race, gender, sexuality and generation. Our corpus is constituted of ten (10) digital texts, being three (3) blogs and one (1) online magazine, respectively *Gorda e Sapatão*, *Kiss the Fat Girl*, *Beleza sem Tamanho* and *Capitolina*. The analysis was divided in three thematic categories: a (de) construction of ugly and sick body; the creation and transformation of representations and identities of fat women and empowerment. In the first category, we notice that the institutions which legitimate meanings about fat bodies as ugly bodies are, first, pornography, by constructing a beauty and desire ideal of the toned body and, second, fashion, by establishing a beauty ideal of the thin body, and, concerning plus size fashion, the ideal of a fat body that most resembles to the pattern.

Besides those, biomedicine, through medicalization (HARJUNEN, 2009) of fat bodies, homogenizing them as sick and, therefore, healing targets. The institution which gives a new meaning to such bodies is fat militancy, inserted on feminist movements of intersectional aspect, giving meaning to fat bodies as beautiful and healthy bodies. In the second category, the institutions which create negative representations and identities about fat bodies are the Government, through accessibility policies that do not contemplate all bodies and Fashion by creating a pattern of fat women for plus size fashion. Transformation happens in self-reports, also in fat militancy, through representativeness of fat women as examples to be followed and self-acceptance. In the third category, represented by the same institution of redefinition and transformation of representations and identities, empowerment is still noticed on the desire sphere, through, mainly, self-acceptance and criticism to femininities. Finally, we realize that, from the tangle of difference negotiation scenario by Fairclough (2003) to the social markers of difference, the biggest the intersection of these self-reports, the most themes are problematized, accentuating differences, and revealing meaning fights. Concerning gender identity, we noticed that there are no reports of *trans* fat women, a way to suppress differences and emerge asymmetrical power relationships inside self-reports of fat women in digital media practice.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um dos pontos que configura a contemporaneidade é a tônica dada aos setores da sociedade representados como “minorias” de forma que grupos marginalizados têm se organizado e suas vozes ouvidas e lidas, mesmo que, em espaços próprios, longe das grandes mídias: as mulheres, os grupos LGBTQ, entre outras minorias, cada vez mais lançam discursos, orais ou escritos, que problematizam suas questões. Esse é o caso das mulheres gordas¹ que, ao resistirem às representações que os grupos hegemônicos (pautados no discurso de corpo padrão) fazem delas, promovem páginas em que suas vozes possam ser lidas, configurando assim representações sobre o corpo gordo feminino diferentes do que a grande mídia faz dele.

Essa pesquisa intitulada “Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas” parte, primeiramente de um eu, a própria pesquisadora, gorda, que não conseguia ver seu corpo representado na televisão, nas revistas e em textos *online*, e, quando representado, através de vozes que não levavam em consideração o olhar da gorda sobre o próprio corpo. A partir daí o contato com a Análise de Discurso Crítica permitiu compreender que a análise dos textos perpassava tanto as questões linguísticas como as sociais e, com isso, possibilitava identificar quais vozes contribuíam para a construção de representações sobre os corpos gordos femininos. Por fim, o contato com o Feminismo Interseccional me possibilitou também o encontro com grupos de gordoativismo, aqueles aos quais a temática se insere no empoderamento e discussão sobre a pauta gorda dentro do movimento.

O corpo é objeto de estudo de diferentes áreas de conhecimento, tais como a Sociologia, Antropologia entre outros. A história do corpo está ligada à história da civilização (SILVA, 2015), portanto, o corpo assume várias nuances tanto em relação à historicidade que o constitui como às perspectivas diversas que o construiu como um objeto de conhecimento. Dessa maneira, observar a representação dos corpos gordos femininos vai além de apenas traçar características sobre este corpo, mas é também uma forma de pensar a vida em sociedade e os conhecimentos que dela são gerados.

¹Ao utilizarmos o termo “gordas”, propomos uma reflexão acerca da representação do corpo identificado como fora dos padrões hegemônicos, com base, principalmente no corpo comum no mundo da moda, sendo, por fim, inserido na população acima do peso e obeso.

Pelo fato de termos maior contato com as mídias que iteram construções discursivas hegemônicas, representativas do corpo magro, duro e saudável, analisar a negação desses discursos em práticas midiáticas digitais é compreender como as gordas são vistas socialmente e como discursos excludentes são disseminados, e, na perspectiva da resistência, como as visões distorcidas sobre elas são ressignificadas. Sabe-se que a sociedade carrega definições sobre o corpo tendo como referência de padrão o corpo magro, considerado como único exemplo de beleza e de saúde, contrastando ao corpo gordo feio, deformado, assimétrico e doente. É exatamente sobre esse padrão que as gordas são marginalizadas e invisibilizadas.

Trazer, portanto, à tona as páginas de gordoativismo² é revelar um outro lado sobre o corpo, desviado do padrão, em que a representação dele seja positiva, contribuindo para a aceitação do corpo, representação esta resistente à ideia de que este seja repulsivo: é um exercício de aceitar-se como é, e não como o outro pensa que deve ser.

É na relação do eu e do outro que se constitui a pesquisa, o contraste e a interseção entre as vozes hegemônicas (do discurso do magro/belo/simétrico/padrão) e de resistência (do discurso da gorda/belo/empoderado/assimétrico) que estabelecem saberes e poderes distintos sobre o mesmo objeto, através de escolhas lexicogramaticais diferentes, cada qual construindo representações distintas.

O corpo gordo feminino vem, cada vez mais, sendo evidenciado na sociedade. A emergência da moda *plus size*, assim como coleções de marcas famosas como a C&A e Duloren para o público gordo, mostram que esse segmento da sociedade constitui um mercado promissor. O mercado brasileiro *plus size* teve um abundante crescimento: 4,5 bilhões, em 2014, representando 5% do setor do vestuário nacional (SILVA, 2015). Do mesmo modo, há uma crescente mobilização para a aceitação do corpo gordo feminino, tanto em páginas *online* como em movimentos como o *bodypositive*.

Além disso, de acordo com a pesquisa feita anualmente pela Vigitel (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico), 52,5% da população brasileira está acima do peso sendo que 17,9% são considerados obesos. Observamos, então, que mais da metade da população brasileira é considerada gorda e por isso a necessidade de pesquisas que a contemple, que consiga descrever, interpretar

² Utilizamos o termo “gordoativismo” como todo texto que possua uma visão positiva do corpo gordo a fim de ajudar no empoderamento das gordas.

e explicar como o corpo gordo é representado e como ele se representa. Daí o caráter crítico da pesquisa, pois essas representações muitas vezes propõem uma visão deturpada sobre os corpos gordos, em especial o feminino, estabelecendo padrões atributivos que marginalizam as gordas. Temos, aqui, projetos de grupos particulares que estabelecem práticas hegemônicas (FAIRCLOUGH, 2001) que as desprestigiam, gerando efeitos preocupantes, tais como problemas psicológicos graves. Ao mesmo tempo, representações positivas sobre os corpos gordos, e, novamente, em especial os femininos, começam a circular, gerando discursos e identidades de resistência³ (CASTELLS, 1999), em uma tentativa de quebrar ou, ao menos, ressignificar os discursos excludentes, os quais podem proporcionar a aceitação do corpo gordo.

Analisar textos que possuem a temática dessa dissertação é pertinente já que são produtos de escolhas dentro de um contexto definido, e, pelo fato de essas escolhas serem de caráter funcional, possuem elementos culturais e, portanto, sociais, que delimitam certas escolhas em detrimento de outras (GOUVEIA, 2009). Em outras palavras, analisar os textos possibilita identificar as potencialidades de significados assim como o entrecruzamento naturalizado de discursos, que, a princípio, seriam comuns a ordens discursivas distintas (FOUCAULT, 2014).

A dissertação, ao propor analisar textos midiáticos digitais que configuram discursos de resistência sobre os corpos gordos femininos, permite observar que diferentes textos confluem em diferentes representações que legitimam diferentes modos de ação e que podem construir diferentes modos de identificação sejam de marginalização, sejam de emancipação.

Nosso objetivo geral é analisar discursiva e criticamente as representações do corpo gordo feminino, em relato de gordas, em dez textos midiáticos digitais, no período de 2014 a 2017, com a finalidade de investigar quais as representações e identidades das gordas sobre si e suas possíveis intersecções de raça, gênero e sexualidade e geração e quais efeitos ideológicos são potencialmente construídos/iterados/contestados na sociedade. Para alcançar esse objetivo buscaremos especificamente:

- (i) descrever, interpretar os significados representacionais (FAIRCLOUGH, 2003) através das categorias do Sistema de Transitividade (HALLIDAY, 1994), da Interdiscursividade, das lexicalizações e relexicalizações

³Aqui, o termo “discursos de resistência” está relacionado ao termo “gordoativismo”.

(FAIRCLOUGH, 2003) a fim de investigar quais vozes são iteradas e combatidas nos relatos de si;

- (ii) descrever, interpretar os significados identificacionais (FAIRCLOUGH, 2003), em especial as categorias das modalidades epistêmicas e deônticas, a fim de investigar as identidades das/sobre gordas geradas pelos relatos;
- (iii) descrever, interpretar os significados acionais (FAIRCLOUGH, 2003), em especial os cenários das negociações das diferenças, a fim de investigar as temáticas e identidades das/sobre gordas geradas pelos relatos e sua intersecção com marcadores sociais de diferença;
- (iv) explicar, criticamente, quais efeitos ideológicos são potencialmente construídos, iterados e contestados na sociedade e quais relações de poder são negociadas em relação às representações do corpo gordo feminino nos relatos.

A nossa tese é que os relatos de si de gordas em práticas midiáticas digitais negam representações hegemônicas da medicina, da pornografia, da moda e da mídia tradicional configurando identidades de resistência (CASTELLS, 1999) bem como emerge vozes de empoderamento das gordas, a partir do desejo de minar as atitudes gordofóbicas da sociedade e da procura da autoaceitação do corpo, configurando identidades de projeto-resistência.

A presente dissertação se insere no grupo de pesquisa AFECTO – Abordagens Farcloughianas para Estudos sobre Corpo/Discurso Textualmente Orientados, no Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa sob a coordenação da Prof. Dra. Maria Carmem Aires Gomes. O objetivo do grupo em questão é analisar como as diferentes mídias promovem discursos acerca do corpo e de identidades de gênero bem como suas relações com outros marcadores sociais, a fim de revelar possíveis relações de poder e como tais relações configuram representações e identidades de projetos particulares que ora sustentam assimetrias, ora as combatem.

No primeiro capítulo, discutiremos as bases teóricas que subsidiam a análise, iniciando pelas teorias discursivas e linguísticas. Assim, serão discutidas as concepções de discursos em três momentos da teoria faircloughiana: o discurso como prática social, tendo como referência *Discurso e Mudança Social* (FAIRCLOUGH, 2001[1992]); o discurso como um momento da prática social, apoiado em *Discourse in late modernity*

(CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999) e o discurso como significados em *Analysing Discourse*(2003). O caminho percorrido através das teorias parte do enfoque da análise no discurso para uma preocupação maior das práticas sociais a que os discursos se inserem para, por fim, os significados gerados pelos discursos. Isso representa a preocupação da Análise de Discurso Crítica de relacionar questões linguísticas a sociais, assim como descrever, interpretar e explanar possíveis efeitos ideológicos gerados pelos discursos. Além das teorias discursivas, discutiremos as bases linguísticas a partir da Gramática Sistêmico Funcional (HALLIDAY, 2004; FUZER e CABRAL 2016) em especial o Sistema de Transitividade, a partir dos processos, atores e circunstâncias.

As teorias sociais discutidas no primeiro capítulo partem, primeiramente, do objeto corpo através das teorias de Le Breton (2010) em *Sociologia do Corpo*, de Bordo (1997) em *Gênero, Corpo e Conhecimento* (1997) e Butler (2016) em *Problemas de Gênero*. O objetivo dessa discussão é promover um caminho que parte de um olhar passivo e docilizado dos corpos para um olhar de agência destes no social. Dessa forma, evidenciar que, apesar de o corpo carregar os insumos culturais da sociedade, ele gera significados que podem transformá-la. Assim, os corpos gordos femininos podem revelar relações de poder assimétricas bem como reestruturá-las, inserindo tais corpos nas lutas hegemônicas.

O segundo momento das teorias sociais se debruça nos *Fat Studies* através dos estudos de Rothblum (2009) em *The fat studies reader* e Harjunen (2009) em *Woman and fat*. As principais contribuições teóricas das autoras é analisar as razões pelas quais a contemporaneidade promove sentidos negativos sobre os corpos gordos e que instituições se beneficiam deles. Além disso indicar os dois eixos dos discursos sobre gordas e gordos: a problemática da saúde e a medicalização dos corpos e da aceitação social e a relação de gordas e gordos com o corpo.

O terceiro momento das teorias sociais discute a noção do relato a partir de Butler (2015) em *Relatar a si mesmo*, no qual elabora a importância das cenas de interpelação e a despossessão de si no momento de relatar vivências. Em outras palavras, a autora discute que relatamos nós mesmas no momento que o Outro nos pergunta quem somos, de maneira explícita ou implícita. Desse modo investigar quais as instituições que fazem com que mulheres gordas se relatem é de extrema importância para a discussão das representações e identidades que gordas fazem de si e de outras gordas nos blogs da dissertação. A importância do outro revela que o eu se coloca em

um movimento de despossessão de si fazendo com que o outro se entremeie nos relatos e vozes e, por isso, instituições são reveladas no ato de fala em questão.

O último momento debate as concepções de identidades através de Castells (1999) em *O poder da identidade*, principalmente a identidade de resistência, cujo atores são pessoas marginalizadas. No caso da pesquisa, as mulheres gordas, ao negar representações e identidades que as instituições da medicina, da pornografia e da moda fazem delas, promovem tais identidades. Além disso, na voz do empoderamento, a ressignificação dos sentidos hegemônicos sobre os corpos gordos femininos ainda se situa no campo do desejo e da possibilidade demonstrando um avanço da identidade de resistência, mas não completamente uma identidade de projeto pois não há concretização dos novos sentidos. Dessa forma propomos uma identidade de projeto-resistência, inserindo em um *continuum* entre as de resistência e a de projeto.

O segundo capítulo são os percursos metodológicos da pesquisa: a caracterização da pesquisa, constituição, seleção e sistematização do *corpus*. Nesse momento, caracterizamos a pesquisa como qualitativa, de cunho documental dentro de um paradigma interpretativo e crítico. Delineamos os dez (10) textos de blogs de gordas assim como as temáticas recorrentes, as categorias discursivas entrecruzadas às categorias sociais e as perguntas de pesquisa. Evidenciamos, também, a importância do Realismo Crítico na composição do modelo teórico-metodológico da Análise do Discurso Crítica de cunho anglo-saxã.

O terceiro capítulo dedica-se à análise e discussão dos dados, através da abordagem teórico-metodológica da Análise do Discurso Textualmente Orientada: a análise da conjuntura, da prática particular, do discurso, das possíveis maneiras de se superar os obstáculos bem como as reflexões sobre a análise. Dessa maneira, descreveremos uma historicidade dos conceitos de saúde e de beleza; discutiremos a relação dos blogs com o Relato de si, descreveremos, interpretaremos e explanaremos os textos, traremos alternativas possíveis para superar a gordofobia e refletiremos sobre lacunas da pesquisa e contribuições teórico-metodológicas que a dissertação promove.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

O arcabouço teórico se fundamenta, principalmente, nos estudos desenvolvidos pela Análise de Discurso Crítica (ADC) de vertente britânica (FAIRCLOUGH, 2001; CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003; RESENDE e RAMALHO, 2016). O propósito da abordagem é o debate teórico e metodológico do discurso e, por isso, concebe a linguagem relacionada à prática social, opondo, assim, à Linguística Formal que a estudava do ponto de vista apenas da descrição gramatical.

A Análise de Discurso Crítica faircloughiana, de cunho anglo-saxã, se constitui como transdisciplinar uma vez que relaciona os elementos linguísticos do discurso com os conceitos de ideologia e de poder, entre outros, provenientes das teorias sociais críticas. É uma abordagem que coloca em relação dialética o discurso e a sociedade (MAGALHÃES, 2004) atravessando as questões críticas que engendram a vida em sociedade, questões ligadas às desigualdades sociais, culturais, às relações de saber e de poder imbricadas na formação de identidades, principalmente das minorias.

A ADC de vertente britânica se debruça nos problemas sociais parcialmente discursivos da chamada *Modernidade Tardia* (FAIRCLOUGH, 2001; RESENDE e RAMALHO, 2016). Esses problemas resultam das estratégias de grupos particulares, hegemônicos, para fins também particulares e é uma forma de sustentação de práticas dominantes. O estudo permite descrever, interpretar e explicar, então, esses discursos hegemônicos e indica, também, alternativas a eles (MAGALHÃES, 2001). Para isso acontecer, ela é uma síntese teórico-dialética entre o linguístico e o social (MAGALHÃES, 2004). Para melhor elucidar esse percurso teórico, é necessário discorrer sobre os momentos da teoria desenvolvida e proposta por Norman Fairclough, partindo de um modelo que centraliza a análise discursiva (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]) para um olhar mais apurado às práticas sociais (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003).

1.1 As concepções de discurso

Quando se propõe a realizar uma análise do discurso, o termo “discurso” é central já que se trata de um objeto de estudo. No caminho teórico-metodológico percorrido por Fairclough (2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999), a ampliação da análise proposta em *Analysing Discourse: textual analysis for social research*

(FAIRCLOUGH, 2003) e *Discourse in late modernity: Rethink critical discourse analyses* (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999) modifica, na abordagem da Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), a noção de discurso proposta no modelo tridimensional em *Discurso e Mudança Social* (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]). Buscamos, então, trazer para a discussão as perspectivas sobre o conceito partindo do modelo tridimensional para a proposta da ADTO para, enfim, a compreensão da semiose social.

1.1.1 O modelo tridimensional – O discurso como prática social

Fairclough (2001), em *Teoria Social do Discurso*, propõe uma concepção de discurso que considera a linguagem como uso, ou seja, o *discurso como prática social*. Essa visão apresenta a relação entre o discurso e a sociedade, pois, ao mesmo tempo, o primeiro é uma forma de *ação* sobre o mundo e sobre outras pessoas e uma forma de *representação* do mundo. Além disso, as formas de ação e de representação são parcialmente constrangidas por estruturas exteriores a elas, de natureza social, e por isso os eventos sociais variam de acordo com as estruturas sociais a que pertencem. Assim, “implica uma relação dialética entre discurso e estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91). Ao emergir a concepção de que o discurso tanto é constituído como constitui a sociedade, o autor permite que a análise possa se debruçar nas mudanças sociais, dado o caráter constitutivo do discurso. Assim, o discurso pode contribuir para a

constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou, indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p.91).

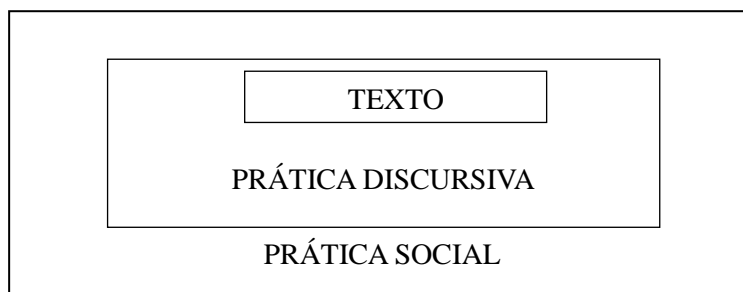
O autor salienta, então, os três efeitos da dupla faceta do discurso ao admitir que este contribua para a construção de identidades sociais, de relações entre pessoas e de sistemas de crenças e valores, o que corresponde às três funções da linguagem (Cf. HALLIDAY, 1994): identitária – como as identidades pessoais são estabelecidas; relacional – como as relações sociais são negociadas; e ideacional – como os textos significam o mundo (FAIRCLOUGH, 2001). Partindo da visão multifuncional da

linguagem, cria um modelo tridimensional de análise do discurso, buscando associar a teoria à prática e estabelece uma metodologia descritivo-interpretativa:

O quadro (...) tenta combinar três tradições analíticas, cada uma delas indispensável para a análise do discurso: a tradição de análise linguística e textual da linguística, a tradição macrossociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais e a tradição interpretativa ou microssociológica de análise da prática social enquanto ativamente produzida e entendida pelas pessoas com base de procedimentos compartilhados de senso comum (MAGALHÃES, 2001, p.24).

O quadro tridimensional propõe uma análise em que as três dimensões – a análise linguística, a análise discursiva e a análise social, embora divididas didaticamente, relacionam-se uma com as outras, cujas escolhas linguístico-textuais são parcialmente constringidas por discursos moldados em práticas ideológicas/excludentes/criativas compartilhadas entre grupos. Desse modo, a prática discursiva medeia a prática linguística e a prática social e, por isso, é possível estabelecer uma descrição, interpretação e explicação do fenômeno linguístico como parte da sociedade, ou, em outras palavras, como prática social. O modelo é representado pela figura a seguir:

Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001, p. 101)

O discurso como texto está relacionado aos aspectos formais, entretanto, o autor enfatiza que a divisão entre os aspectos formais e a prática discursiva não é muito nítida. Isso se deve ao fato de que não se pode analisar a forma do texto sem relacioná-la aos aspectos de produção e consumo do mesmo. Analisar textos compreende, simultaneamente, “questões de forma e questões de conteúdo, [pois] (...) há razões sociais para combinar significantes particulares a significados particulares” (FAIRCLOUGH, 2001, p.102-103). Em outras palavras, os sentidos potenciais do texto estão diretamente ligados às ordens do discurso tanto do produtor, que lança possíveis

sentidos investidos política e ideologicamente, quanto do intérprete, que lança, também, suas investidas. Desse modo, os sentidos do texto são heterogêneos, abertos e estritamente relacionados às estruturas sociais que os permeiam.

As categorias de análise da prática textual são, de acordo com Fairclough (2001), o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. Para os objetivos desta pesquisa, apenas o vocabulário será utilizado. Para o autor, o vocabulário deve ser entendido além do sentido dicionarizado, já que existem distintos usos de um mesmo léxico, todos motivados socialmente. Nessa perspectiva, os sentidos potenciais das palavras são investidos tanto ideologicamente, pois trazem estratégias de significação, quanto politicamente, pois atuam nas práticas sociais, tendendo a heterogeneidade dos sentidos já que implicam “processos de lexicalização (significação) do mundo que ocorrem diferentemente em tempos e épocas diferentes e para grupos de pessoas diferentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p.105).

Além das *lexicalizações*, as *relexicalizações* – formas de lexicalização alternativa – apontam o caráter político e ideológico da palavra, pois formas diferentes de nomear o mesmo objeto pressupõem posturas distintas socialmente. Outro ponto a ser investigado no vocabulário é o sentido da palavra, pois, como já dito, o caráter aberto da significação permite analisar como sentidos das palavras estão diretamente ligadas a projetos hegemônicos, sejam de forma a iterar tais significações, sejam de forma a contestá-las. Nas palavras de Fairclough, um foco a se discutir é

o sentido da palavra, particularmente como os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas: quero sugerir que as estruturações particulares das relações entre as palavras e das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia (FAIRCLOUGH, 2001 [1992], p.105).

O discurso como prática discursiva parte de uma análise microssociológica, que investiga como os participantes produzem e interpretam os discursos à análise macrossociológica que analisa a natureza dos recursos dos membros – os contextos – de forma normativa ou criativa. A análise macrossociológica parte da noção de que produção e a interpretação são parcialmente restringidas pelos recursos disponíveis aos membros (estruturas sociais, normas convenções e ordens do discurso) e pela natureza específica da prática social a que pertence, prática esta que determina os elementos dos recursos dos membros a que faz referência e como isso se realiza:

Um aspecto fundamental do quadro tridimensional para a análise de discurso é a tentativa de exploração dessas restrições, especialmente a segunda - fazer conexões explanatórias entre a natureza dos processos discursivos em instâncias particulares e a natureza das práticas sociais de que fazem parte. Dado o foco deste livro na mudança discursiva e social, é este aspecto dos processos discursivos - a determinação dos aspectos dos recursos dos membros a que se recorre e como se recorre - que é de maior interesse (FAIRCLOUGH, 2001, p.109).

As categorias de análise da prática discursiva são a produção, a distribuição, o consumo, o contexto, a força, a coerência e a intertextualidade. Para os objetivos desse estudo, apenas a intertextualidade será utilizada. Para Fairclough (2001), a relação dos textos com outros textos e contextos é uma categoria de análise que evidencia as possíveis mudanças no discurso e que pode estruturar ou reestruturar as ordens do discurso. Dessa maneira, a intertextualidade confere ao texto uma historicidade, já que ele pode tanto ser comparado a textos anteriores e posteriores a ele quanto ser relacionado a contextos diferentes, e, por isso, tem papel central para analisarmos as mudanças sociais. Assim, o texto “responde, reacentua e retrabalha textos passados e, assim fazendo, ajuda a fazer história e contribui para processos de mudança mais amplos, antecipando e tentando moldar textos subsequentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p.135).

Levando em consideração tal historicidade, os textos transformam outros, de modo a confirmar os posicionamentos do texto anterior ou, então, reestruturá-los. Essa produção de novos textos permite tanto justapor ou contrapor vozes e colocar em evidência aquelas que situam em ordens do discurso hegemônicos, quanto confrontar vozes se inserindo, assim, em outra ordem do discurso. A *interdiscursividade*, a relação dos textos e os contextos “estende a intertextualidade em direção ao princípio da primazia da ordem do discurso” (FAIRCLOUGH, 2001 [1992], p.114).

O discurso como prática social inclui as estruturas sociais que são relacionadas aos discursos e eventos sociais. Fairclough (2001 [1992]) se baseia nos conceitos de ideologia e de hegemonia que confluem na relação dialética do discurso e, para isso, é preciso discorrer de onde vêm alguns conceitos importantes que permeiam essa relação. A ideologia é discutida, principalmente, a partir de Thompson, em *Ideologia e Cultura Moderna* (1995), e hegemonia a partir de Gramsci, em *Concepção Dialética da História* (1995) e revisto por Laclau e Mouffe, em *Hegemonia, Estratégia Socialista e Democracia Radical* (2015).

O autor denomina ideologia como construções de significados que assumem distintas formas dentro das práticas discursivas, ou seja, a ideologia está presente nos discursos dispersos na sociedade. Diferentes formas de discursos, como, por exemplo, distintas formas de nomear o mesmo elemento social, são materializações de diferentes ideologias. Elas servem para criar, sustentar ou transformar relações de dominação, e, por essa razão, é importante a análise para investigar como certos grupos conseguem, durante certo tempo, estabelecer poder sobre outros (FAIRCLOUGH, 2001). Desse modo, a ideologia é eficaz quando tácita, em um processo de naturalização que faz com que pessoas iteram tais visões do mundo, mesmo que estas possam, de certa maneira, prejudicá-las. Entretanto, ao focalizar os estudos nas mudanças sociais, Fairclough (2001), aponta para a necessidade de, além do senso comum, observar a transformação das ideologias, ou seja, investigar

a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação. Quando são encontradas práticas discursivas contrastantes em um domínio particular ou instituição, há probabilidade de que parte desse contraste seja ideológica (FAIRCLOUGH, 2001, p.117).

A ideologia está materializada nos eventos sociais, mas também é propriedade das estruturas sociais e isso confirma a concepção dialética do discurso pois permite entender que textos iteram ou transformam ideologias, mas ao mesmo tempo são parcialmente moldados pelas circunstâncias sociais a que se remete, pois são situados e produtos de eventos anteriores. Essa historicidade é tanto uma “orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos” (FAIRCLOUGH, 2001, p.119). Dessa maneira, sujeitos podem ser subjugados às ideologias, e contribuir para a sustentação de ideologias, mas podem agir de forma criativa sobre elas, reestruturando e contribuindo para a mudança social. Quando o primeiro acontece, é instrumento de hegemonia; quando o segundo, instrumento de luta hegemônica.

Assim sendo, a hegemonia é compreendida como poder, pois é dominação de uma classe (ou classes) admitida como fundamental na sociedade através de alianças não pela força e coação, mas sim pela concessão. Isso permite inferir que ela se dá por estratégias implícitas, principalmente calcadas no discurso, na dispersão de ideologias de grupos particulares. No entanto, essa hegemonia existe senão parcialmente, já que ela

é foco de lutas constantes e esse ponto é convergente à concepção dialética de discurso de Fairclough (2001), já que as lutas hegemônicas abrem espaço para o caráter constitutivo do discurso assim como a hegemonia abre espaços para o caráter construído do mesmo.

A hegemonia como poder relativamente estável aponta para a possibilidade de articulação, desarticulação e rearticulação das ordens do discurso já que estas são consideradas “como a faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável que constitui uma hegemonia” (FAIRCLOUGH, 2001, p.123). Os discursos hegemônicos carregam facetas discursivas implícitas, gerando ideologias que circundam a sociedade, tacitamente, elaboradas como senso comum, um instrumento eficiente de manutenção de poder. A análise dessas ideologias, e, por conseguinte, das hegemonias, permite, pois, desnaturalizar o senso comum, revelando as relações de poder – relações hegemônicas - nas práticas sociais. Assim, a hegemonia

ênfatisa a importância da ideologia no estabelecimento e na manutenção da dominação, pois, se hegemonias são relações de dominação baseadas mais no consenso que na coerção, a naturalização de práticas e relações sociais é fundamental para a permanência de articulações baseadas no poder (RESENDE e RAMALHO, 2006, p.47).

O interesse de Fairclough (2001) está na observação e análise das mudanças sociais pelo fato de admitir que os discursos mantêm uma relação dialética com a sociedade, nas mudanças discursivas. Dessa forma, o autor evidencia o caráter funcional do discurso na contemporaneidade e aponta a necessidade de analisarmos as mudanças nos eventos discursivos orientadas para as mudanças sociais que permeiam tais eventos. Em outras palavras, as mudanças discursivas devem ser sempre relacionadas às mudanças nas estruturas sociais, tanto locais, quanto globais.

O autor argumenta a importância de observarmos as posições sociais que ocupam os produtores e intérpretes nos eventos discursivos. Assim escolhas lexicogramaticais distintas apontam significados distintos, revelando posições e negociações, sempre atrelados às estruturas sociais que compõem o cenário da prática. Isso revela que mudanças discursivas são produtos de rearticulação de ordens do discurso, uma forma criativa de reestruturação social a partir do discurso, inovando códigos hegemônicos, enfraquecendo fronteiras em processos como a hibridização, ressignificando representações e identidades parcialmente produzidas pelos discursos:

um evento discursivo pode ser uma contribuição para preservar e iterar as relações e as hegemonias tradicionais de gênero e poder,

portanto, ligar-se a convenções problematizadas, ou pode ser uma contribuição para a transformação dessas relações mediante a luta hegemônica: dessa forma, tentando resolver os dilemas pela inovação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 128).

Para o autor, essas inovações dependem da natureza da prática social, ou seja, os eventos discursivos inovadores estão atrelados a rede de ordens discursivas e estruturas sociais que permeiam a prática. Dessa forma, mudanças discursivas são efeito e causa das mudanças sociais. Essas inovações revelam que efeitos ideológicos e construções de sentidos não são fixos e possuem caráter fluido, ou seja, que as mudanças discursivas levam a admitir o que mais tarde ele discute, na operacionalização do Realismo Crítico, da vida social ser um sistema aberto.

Para a presente dissertação uma tendência de mudança discursiva⁴ é importante: a tecnologização. Fairclough (2001) admite que a contemporaneidade se caracteriza pelo fato de cada vez mais pessoas são controladas a partir de técnicas discursivas. Os tecnólogos são atores sociais que tem consciência dessa técnica, pessoas que possuem instrumentos de trabalhar com a linguagem de forma instrumental. Em outras palavras, técnicas que são produzidas para modificar outras pessoas:

As tecnologias discursivas estabelecem uma ligação íntima entre o conhecimento sobre linguagem e discurso e poder. Elas são planejadas e aperfeiçoadas com base nos efeitos antecipados mesmo nos mais apurados detalhes de escolhas linguísticas no vocabulário, na gramática, na entonação, na organização do diálogo, entre outros, como também a expressão facial, o gesto, a postura e os movimentos corporais. Elas produzem mudança discursiva mediante um planejamento consciente (FAIRCLOUGH, 2001[1992], p. 265).

O **aconselhamento** é uma das formas de tecnologização que o autor problematiza a partir de discussões feitas por Foucault. Ele se origina na terapia, como uma forma de dar espaço às pessoas que, de alguma forma, se sentem marginalizadas pela sociedade. É uma forma, então, de libertação dos atores sociais. Entretanto, o autor evidencia o caráter ambíguo do aconselhamento ao discutir que a técnica está sendo cada vez mais utilizadas em espaços institucionais públicos e privados para o controle das pessoas. O que ocorre no *corpus* é a utilização do conselho como um diálogo proposto pelas autoras, de forma direta, para a autoaceitação. Assim, há um controle com as interlocutoras, mas que leva a uma tentativa de liberdade do corpo e

⁴ Outras tendências de mudanças discursivas são a **democratização**, que retira marcas linguísticas de hierarquias e promovem uma pseudo horizontalização entre o produtor e o consumidor dos textos e a **comodificação**, que coloniza ordens dos discursos institucionais por tipo de discursos associados ao econômico.

autoaceitação das mulheres gordas possíveis leitoras dos blogs. É importante salientarmos que as tendências de mudanças discursivas podem ser utilizadas como forma de manter relações assimétricas, mas elas mesmas podem ser focos de luta hegemônica: é o que acontece com o aconselhamento nesta pesquisa.

1.1.2. A abordagem da Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO) – O discurso como um momento da prática social.

Apoiados na Ciência Social Crítica (CSC), mais especificamente, no Realismo Crítico, Chouliaraki e Fairclough (1999) reiteram a concepção de que o social é um sistema aberto e estratificado e, por isso, a prática social possui várias dimensões e níveis (estratos) – o nível físico, social, psicológico e semiótico - cada um deles com suas próprias estruturas. Essas estruturas geram, por sua vez, efeitos sociais distintos dependendo da articulação de seus mecanismos, sempre mediados pelas articulações dos mecanismos de outras estruturas e, por isso, os eventos são complexos e nunca previsíveis. É a partir deste ponto que os autores admitem a concepção de que *a vida social é um sistema aberto*.

O objetivo, então, dos estudos nas Ciências Sociais, especificamente no Realismo Crítico, são as relações entre as esferas sociais e as atividades econômicas, políticas e culturais, em outras palavras, as relações entre os mecanismos das dimensões da prática social. Isso possibilita a identificação de modos como outras dimensões da sociedade são estritamente ligadas a essas atividades, sempre situadas em um tempo e espaço específicos. Assim, partindo da CSC, a vida social é constituída nas práticas e ao mesmo tempo estas são constituídas no social. Práticas sociais são, pois,

formas habituais, situadas em um tempo e espaço particulares, nas quais as pessoas aplicam recursos (materiais e simbólicos) para agir em conjunto no mundo. Práticas são constituídas dentro da vida social – dentro de domínios especializados da economia e da política, por exemplo, mas também dentro de domínios culturais, incluindo a vida cotidiana (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p.21. Tradução nossa).

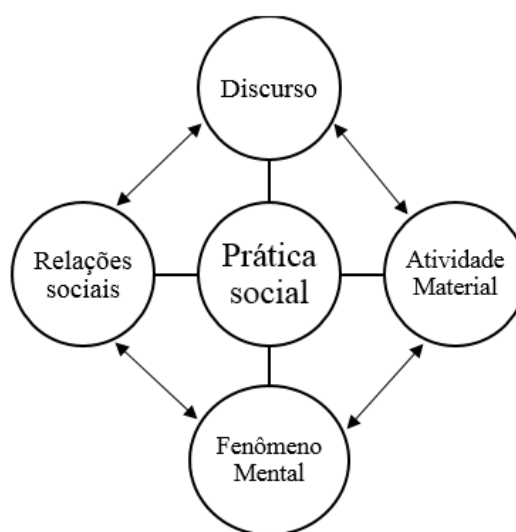
Essa concepção de prática social faz com que esta seja o ponto de mediação entre as estruturas abstratas (dos domínios econômicos, políticos e culturais) e os eventos concretos do social - entre a sociedade e as pessoas agindo nesta. Isso corresponde ao que os autores denominam como *ambiguidade da prática*: ela tanto

pode ser entendida como ação social, e relacionada, pois, aos eventos concretos, mas também como práticas habituais de ação e relacionada às estruturas abstratas. “Essa ambiguidade é útil porque aponta para o posicionamento intermediário das práticas entre estruturas e eventos, estruturas e agência - as práticas têm em parte o caráter de ambos” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p.22. Tradução nossa).

Essa dialética entre estrutura e agência demonstra que estruturas constroem, mas não determinam necessariamente as estratégias, pois aquelas são produzidas ou iteradas dentro destas, ou seja, estruturas podem ser transformadas através de estratégias (FAIRCLOUGH, 2005). Por outro lado, podemos perceber também que práticas são constituídas dentro de domínios especializados, formas particulares de representação da sociedade é peça fundamental para se investigar como tais formas dominam a sociedade bem como são confrontadas.

As práticas sociais envolvem formas de configuração do social e possuem diversos mecanismos, portanto a investigação da vida social tenta mapear a interação entre esses mecanismos, em termos mais específicos, tenta investigar como essa interação é realizada na vida social em uma prática particular. Esta agrupa distintos elementos da vida social: particulares tipos de atividade interligados em formas materiais particulares e sempre situados (atividade material), sujeitos particulares com suas respectivas vivências (fenômenos mentais), em relações sociais particulares (relações sociais) e recursos semióticos particulares (discurso). Esses elementos são vistos, pelos autores como *momentos da prática* (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999). Os momentos da prática estão sintetizados no esquema a seguir:

Figura 2 – Momentos da prática social



Para os autores, embasados em Harvey (1996), cada momento da prática internaliza os outros sem, contudo, se reduzir a eles e, então, a relação dialética da prática particular corresponde às relações entre os momentos. Essa concepção de prática social abre caminhos para investigar as formas como essa relação dialética acontece dentro de uma prática específica, reiterando a concepção de que tais formas são constantemente abertas à mudança (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999). A internalização do momento da prática de outros momentos é vista a partir da concepção de articulação trazida por Laclau e Mouffe (1985).

Para os autores, a articulação implica que os momentos da prática estabelecem não só relações de estabilidade – à medida que são articuladas dentro da prática – mas também implica transformações, quando são levadas a novas combinações entre si – à medida que são rearticuladas. É por essa última faceta que se pode admitir que a articulação seja capaz de estabilizar práticas sociais somente em *relativas permanências* (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999).

Além disso, o processo de (re)articulação pode ser percebido dentro de um momento da prática social, por exemplo, o momento discursivo das práticas sociais. Este (re)articula mecanismos específicos – os gêneros, discursos e estilos – denominados como recursos simbólicos discursivos. Tais recursos são articulados, também, dentro de uma relativa estabilidade e são momentos do momento semiótico da prática social. Assim “as formas particulares feitas pela articulação dos recursos dentro do momento da prática são moldadas pelas suas relações com os outros momentos – ou seja, é o efeito da sua internalização dos outros momentos” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p.21. Tradução nossa). Desse modo o *discurso* (o momento semiótico da prática social) é um dos momentos da prática que se articula a outros momentos não discursivos.

As práticas sociais se caracterizam por serem *formas de produção* do social, mas também por serem localizadas dentro de *redes de relação com outras práticas*, o que faz com que suas relações externas determinem suas constituições internas. Elas se caracterizam, além disso, por possuir uma *dimensão reflexiva* já que práticas sociais “geram representações do que elas fazem como parte do que fazem” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p.22. Tradução nossa). A natureza complexa das práticas sociais, dialeticamente composta por momentos que se articulam e se internalizam,

promovem, através da reflexividade, teorizações especializadas da vida social, vistas inclusive como uma prática particular recorrente. Essas teorizações são “uma característica da modernidade que estão fortemente conectadas com a dependência de outras práticas complexas” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p.23. Tradução nossa), determinando hegemonias.

Essa visão da reflexividade aponta para a relação entre prática e teoria já que as representações geradas pela reflexividade, cujos sentidos são desenvolvidos por sujeitos sociais, são, de certa forma, teorias das próprias práticas. Além disso, Chouliaraki & Fairclough (1999) discorrem sobre dois aspectos da reflexividade: primeiro, é identificada nas lutas sociais pelo fato de que conhecimentos frutos da reflexividade são conhecimentos posicionados gerados por projetos particulares; segundo, implica que todas as práticas possuem um aspecto discursivo, em seja, construções discursivas são sempre parte da prática e fruto da reflexividade. Quando essas representações reflexivas são utilizadas para sustentar relações de dominações, podem ser denominadas ideologias.

Ideologias são, portanto, construções particulares sobre as práticas e, por isso, podemos afirmar que, por serem discursivas, investigar ideologias é investigar discursos. Elas são implícitas e tácitas, pois se entremeiam nas redes de práticas e, portanto, é necessário analisar como os discursos se relacionam com outros momentos da prática a fim de mapear as relações ideológicas naturalizadas naqueles. Dessa forma, percebemos que o discurso tem o poder de dominar outros discursos bem como outros momentos da prática social em termo de *colonização*. Nas palavras de Chouliaraki e Fairclough:

Nós podemos dizer que o discurso de uma prática coloniza outras, ou que estas apropriam da forma, dependendo de como as relações de poder são expressas como relações entre práticas e discursos. Então, ideologias são construções relacionadas à dominação de uma prática, que são determinadas pelas relações discursivas em específico entre a prática de dominação e outras práticas (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p.27. Tradução nossa).

Para eles, essa concepção de ideologia traz consigo a relação entre teoria e ideologia pelo fato de que a teoria é considerada, por si mesma, uma prática e, por isso, conhecimentos são ideológicos por serem moldados dentro de representações reflexivas particulares. Desse modo, combatê-las depende da resistência ideológica das

representações particulares, ou seja, da capacidade de articular os discursos a outros momentos da prática social diferentemente da prática dominante.

O discurso, então, se refere ao elemento semiótico da prática social incluindo linguagem verbal, não verbal, imagens ou outros elementos semióticos (momento da prática) bem como se refere a perspectivas particulares nessas várias formas de semiose (momento do momento da prática): “discurso é um momento da prática social que é dialeticamente relacionado a outros momentos, com uma orientação para a intervenção social com a finalidade de mudar (parte do) mundo” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p.41. Tradução nossa). As práticas sociais são, portanto, formas de interação social, formas estas produzidas por pessoas na constituição do social, cujos elementos são (re)articulados possibilitando novas formas de relação sociais, novas identidades e novas estruturas sociais, o que os autores denominam como *ação conjunta* (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999).

Essa ação conjunta na interação social faz com que as contribuições de todos as/os participantes sejam fundamentais para a constituição da prática social. Em outras palavras, os sujeitos avaliam e são avaliados nas relações com outros sujeitos e todos participam ativamente das representações que a prática social gera. Assim, são construídas identidades sobre si e sobre o outro cujos sentidos estão ligados às representações discursivas dentro da prática social. Por isso “na interação comunicativa, pessoas não representam o mundo abstratamente, mas dentro e para os propósitos de suas relações sociais com outras pessoas e suas respectivas construções de identidades sociais” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p.41. Tradução nossa).

1.1.3 O texto como material de pesquisa – o discurso como significados.

Em *Analysing Discourse* (2003), Fairclough reitera a concepção do discurso como um momento semiótico da prática social, constituído de gêneros, discursos e estilos. A proposta desse momento teórico-metodológico é ampliar a concepção de que a linguagem não somente possui funções – e estas tanto moldam como são moldadas por práticas sociais – mas também significam tais práticas. Dessa forma, o material empírico da linguagem, os textos

simultaneamente representam aspectos do mundo (do mundo físico, do mundo social e do mundo mental); ativam relações sociais entre participantes em eventos sociais e atitudes, desejos e valores dos participantes; e coerente e coesivamente conectam partes de textos

conjuntamente, assim como conectam textos com seus contextos situacionais (HALLIDAY, 1994). Ou melhor, pessoas fazem isso na *construção de significados* nos eventos sociais que incluem a tessitura dos textos (FAIRCLOUGH, 2003, p. 27. Tradução e grifos nossos).

Entretanto a multifuncionalidade, materializada nas construções de significados que agentes sociais produzem na construção de seus textos, é discutida de maneira diferente de Halliday e Matthiessen (1994) em Fairclough (2003): como formas de agir, formas de representar e formas de ser. Dessa maneira, o autor desloca a predominância da função para a significação, já que, para ele, essas formas não apenas funcionam para algo como significam. Em outras palavras, a realidade social existe, pois a significamos.

Existem três principais tipos de significação: a ação, a representação e a identificação. A primeira está ligada aos gêneros; a segunda, aos discursos e a terceira, aos estilos. Para o autor, gêneros são formas relativamente estáveis de ação; discursos são formas relativamente estáveis de representação e estilos são formas relativamente estáveis de identificação. Assim, ao analisar os textos, é necessário tanto interconectar as três formas de significação – e como elas são realizadas dentro deles em termos linguísticos – como interconectá-las às redes de práticas sociais a que estão inseridas (FAIRCLOUGH, 2003). Os três tipos de significação são categorizados em Fairclough (2003) em três tipos de significados: o significado acional, o significado representacional e o significado identificacional.

O primeiro são formas de ação e interação social, ou seja, as maneiras como significamos a realidade através de nossas ações discursivas. É por essa razão que o significado acional está relacionado aos gêneros: são através deles que agimos na sociedade, a partir de formas relativamente estáveis de agir e interagir no mundo. Dessa maneira, “quando analisamos um texto ou interação em termos de gênero, estamos questionando como eles figuram e contribuem para a ação social e a interação nos eventos sociais” (FAIRCLOUGH, 2003, p.65). É importante frisar, também, que gêneros são construídos a partir de suas relações com as práticas sociais, ou seja, eles são moldados tanto por interesses particulares como são transformados por estes já que “são definidos pelas práticas sociais a eles relacionadas e pelas maneiras como tais práticas são articuladas, de tal modo que mudanças articulatórias em práticas sociais incluem mudanças nas formas de ação e interação” (RAMALHO e RESENDE, 2016, p.62).

O segundo são formas de representação do mundo, ou seja, como significamos a realidade a partir de processos, participantes e circunstâncias, tendo como base, principalmente, o sistema de transitividade da Linguística Sistêmica Funcional (HALLIDAY, 1994). Os significados representacionais estão atrelados ao conceito de discurso, um dos momentos do momento semiótico da prática social (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999). O discurso em tal elemento diz sobre as representações do mundo vinculadas a (rede de) ordens do discurso que moldam e podem ser moldadas por aquelas. Os enunciados dos textos, como forma de representação, assim como qualquer unidade gramatical dos eventos sociais, são, então, uma “imposição de ordem nas infinitas variações e fluxos de eventos” (HALLIDAY, 1994, p. 170. Tradução nossa). Esse ordenamento é chamado de transitividade:

O sistema de transitividade interpreta o mundo da experiência dentro de um conjunto articulado de tipos de processos. Cada tipo de processo organiza seu próprio modelo ou esquema para interpretar um domínio particular da experiência como uma figura de uma forma particular [da realidade] (HALLIDAY, 1994, p.170. Tradução nossa).

Tal sistema tenta categorizar linguisticamente os momentos em que atores sociais expressam a sua experiência tanto exterior – o mundo material – quanto interior – o mundo da consciência – com o social. De acordo com Fuzer e Cabral (2014), a primeira constitui-se de ações, o que atores fazem ou levam outro a fazer enquanto a segunda, de “lembranças, reações, reflexões e estados de espírito que se verificam no nível da consciência” (FUZER e CABRAL, 2014, p.39).

Os elementos que constituem a transitividade são os *processos* que se desenrolam através do tempo, os *participantes* envolvidos nos processos e as *circunstâncias* associadas a estes. Eles se organizam para configurar a interpretação das experiências sobre o que acontece na vida social, e, por isso, “o conceito de processo, participante e circunstância são categorias semânticas que explicam de maneira geral como o fenômeno de nossa experiência do mundo é interpretado como estruturas linguísticas” (HALLIDAY, 1994, p.178. Tradução nossa). Dessa maneira, realizações lexicogramaticais (re)iteram representações do mundo através de grupos verbais, nominais e circunstanciais, trazendo, respectivamente, os tipos de processos, participantes e circunstâncias.

O significado representacional, como dito anteriormente, está ligado ao conceito de discursos que, nas palavras de Fairclough (2003) são “formas de representação de aspectos do mundo – os processos, as relações e estruturas do mundo material, do

‘mundo mental’ dos pensamentos, sentimentos, crenças, etc, e do mundo social” (FAIRCLOUGH, 2003, p.124). Dessa forma, diferentes discursos estabelecem divergentes posições de quem os profere porque são distintas perspectivas de mundo. Eles podem, também, construir identidades e estabelecer relações sociais pois representações distintas da realidade revelam formas de ser e formas como agentes sociais mantem relações com outros, tanto na realidade concreta quanto em projeções de realidades:

Os diferentes discursos não apenas representam o mundo ‘concreto’, mas também projetam possibilidades diferentes de ‘realidade, ou seja, relacionam-se a projetos de mudança de mundo de acordo com perspectivas particulares. As reações estabelecidas entre diferentes discursos podem ser de diversos tipos (...) porque os discursos constituem parte do recurso utilizado por atores sociais para se relacionarem cooperando, competindo, dominando (RESENDE e RAMALHO, 2016, p.70-71).

O discurso como recurso para agentes sociais se relacionarem com outros nos mostra que a análise do significado representacional deve levar em conta não apenas aqueles discursos que são próprios do texto, o elemento mais visível da tessitura, mas também os de outros, que se relacionam de forma cooperativa, combativa, competitiva entre outras. Em outras palavras, textos misturam representações de mundo, então “seus [dos textos] ‘próprios’ discursos, são também frequentemente misturados ou híbridos” (FAIRCLOUGH, 2003, p.128).

A análise textual deve focalizar, então, tanto o elemento social que está representando como também a perspectiva particular da representação identificando, assim, os principais temas e seus pontos de vista (FAIRCLOUGH, 2003). Dessa maneira, os pontos de vista sobre o tema revelam as posições que agentes sociais estão e as redes de práticas sociais, estabelecendo a relação entre os elementos linguísticos e sociais dos significados representacionais. Isso demonstra que formas de representações de mundo – discursos – estão atreladas a construções sociais que instituições estabelecem e, portanto, a relações de poder que podem permanecer ou serem contestadas e transformadas:

Quando diferentes discursos entram em conflito e discursos particulares são contestados, o que é centralmente contestado é o poder desses sistemas semânticos pré-construídos de gerar visões particulares de mundo que podem ter o poder performativo de sustentar ou refazer o mundo a partir da sua imagem (FAIRCLOUGH, 2003, p.130).

Dessa maneira, os significados representacionais e, portanto, os discursos, são formas de analisar como as representações do mundo são construídas, desconstruídas e ou reconstruídas e, assim, como visões de mundo carregam ideologias e relações de poder que se sustentam e legitimam práticas de marginalização.

Os estilos configuram formas de ser no mundo, ou seja, como nos identificamos e geramos identidades, a partir do nosso comprometimento, ou em outras palavras, na forma como modalizamos, atribuímos valores e metaforizamos os textos. O significado identificacional está ligado ao conceito de estilo, “o aspecto discursivo das identidades, ou seja, relacionam-se à identificação de atores sociais em textos” (RESENDE e RAMALHO, 2016, p.76). Para Fairclough (2003), a identidade, ou o que o sujeito é, está ligada a forma como os sujeitos falam, escrevem e, também, como a forma da corporeidade desses sujeitos é atribuída. A identidade está ligada ao processo de identificação, ou em outras palavras, ao processo que revela como os sujeitos se identificam e identificam outros nas práticas sociais que participam.

As identidades construídas nos textos não podem ser admitidas apenas como uma identidade social, pelo fato de serem ativamente construídas pelos sujeitos: “pessoas não são somente pré-posicionadas na forma como participam nos eventos sociais e nos textos, elas também são agentes sociais que fazem coisas, criam coisas, mudam coisas” (FAIRCLOUGH, 2003, p.160. Tradução nossa). Entretanto não são totalmente livres nos processos de identificação, pois estão dentro de rede de práticas sociais e rede de ordens discursivas que parcialmente constroem os agentes sociais. Para o autor, a capacidade de gerar identidades capazes de transformar as estruturas sociais hegemônicas depende do poder de reflexividade dos agentes sociais, o que leva o conceito de agência como sendo discursivamente produzido.

Fairclough (2003) argumenta que os estilos são realizados linguisticamente de diversos modos como aspectos fonéticos do discurso, passando pela escolha do vocabulário, pela utilização de metáforas e pelas modalidades. O autor enfatiza o fato de estilos não serem totalmente aspectos discursivos: a linguagem corporal é elemento importante de sua produção, demonstrando os aspectos não discursivos do processo de identificação e produção de identidades. Isso leva a reconhecer “a natureza dialética da relação entre o mundo discursivo e o não-discursivo. Este internaliza aquele” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 162).

Para a análise do *corpus*, o comprometimento dos autores é elemento importante. As modalidades epistêmicas – relacionadas ao comprometimento do autor

com a verdade – (FAIRCLOUGH, 2003), estão relacionados a forma mais ou menos categórica dos enunciados em relação a troca de conhecimento. Dessa forma, a negação é uma forma categórica de comprometimento com a (in)verdade, ao passo que as modalizações é uma forma que afasta os autores da verdade, diminuindo a força e sendo menos categórica às assunções. As duas formas de comprometimento, então, geram estilos diferentes, promovendo diferentes identidades.

As modalidades deônticas – relacionadas ao comprometimento em relação à obrigação e necessidade – (FAIRCLOUGH, 2003) estão relacionadas como a forma mais ou menos categórica em relação a troca de atividades, ou seja, quando os autores demandam ou oferecem algo. Dessa forma, os imperativos são formas mais categóricas de demanda ao passo que a modalização, menos. De novo, formas diferentes de comprometimento geram estilos e identidades distintas, que podem acontecer, inclusive, ao mesmo tempo, em uma “hibridização” de identidades.

O objetivo de analisar criticamente os significados representacionais e identificacionais dessa dissertação permite descrever, interpretar e explanar os discursos iterados sobre corpos gordos femininos enfatizando as instituições e vozes que nelas estão inseridas ou invisibilidades bem como os estilos e as identidades que se formam quando mulheres gordas relatam sobre si – e outras. Os diferentes discursos e identidades podem revelar como corpos gordos são representados, reconfigurados e identificados de diferentes pontos de vistas, trazendo à tona possíveis relações assimétricas e possíveis reconstruções destas.

Na próxima seção serão apresentadas as teorias sociais que inter cruzam às linguístico-discursivas: as discussões sobre o corpo a partir de Le Breton (2010), Bordo (1997) e Butler (2016); os *Fat Studies* com Harjunen (2009) e Rothblum (2009); os Relatos de Si de Bulter (2015) e as Identidades a partir de Castells (1999).

1.2 As teorias sociais

A Análise de Discurso Crítica de cunho anglo-saxã propõe, como já explicado, uma abordagem teórico-metodológica transdisciplinar, apoiada na concepção dialética da linguagem, mais especificamente na relação entre discurso e sociedade. Assim, as teorias linguísticas são imbricadas às teorias sociais, como forma de explanação dos problemas parcialmente discursivos, já que o discurso é um momento da prática social e, por isso, existem momentos não discursivos dentro da prática – o que justifica a

concepção do parcialmente. As quatro principais teorias sociais que perpassam pela pesquisa são: teorias sobre o corpo (BORDO, 1997; BUTLER, 2016; LE BRETON, 2010), cuja abordagem coloca o corpo como objeto central da teoria; os Fat Studies (HARJUNEN, 2009; ROTHBLUM 2009), aos quais se propõem ressignificar o corpo gordo, em especial o feminino; o Relato de si (BUTLER, 2015), que coloca em relação o relato de si à interpelação do sujeito e, por fim, as identidades de resistência (CASTELLS, 1999), que demonstra o combate aos ideais hegemônicas como forma de identificação de si nos relatos.

1.2.1 Teorias sobre o(s) corpo(s)

Para entrecruzarmos as teorias discursivas ao objeto de estudo desta pesquisa, é necessário fazer uma discussão sobre o objeto maior “corpo(s)”, à luz de sua concepção política. Esta concepção orienta-se para uma análise crítica de representações sobre os corpos entendendo que tais representações são situadas, ou seja, que elas participam de uma rede de práticas sociais e, por isso, são (re)definidas por instituições que nelas atuam. Dessa forma, partiremos de algumas discussões de Le Breton (2010), em *A Sociologia do Corpo*, obra que busca categorizar o “corpo” como objeto central de uma vertente da Sociologia; de Susan Bordo (1997), em *Gênero, Corpo e Conhecimento*, cuja proposta é demonstrar uma perspectiva sobre o corpo a partir de uma apropriação feminista de alguns conceitos de Michel Foucault ; e, por fim, de Butler (2016), em *Problemas de Gênero*, que traz as concepções de performatividade e paródia para os corpos, bem como a importância do conceito de interseccionalidade, evidenciando o poder de transformação destes. O caminho percorrido entre os três autores assume a perspectiva de demonstrar como as teorias partem de um olhar passivo e geral sobre o corpo para um olhar de agência e multiplicidade dos corpos.

Para Le Breton (2010), “o corpo é um vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (LE BRETON, 2010, p.7) moldado e condicionado às estruturas sociais as quais ele pertence. Este vetor é unidirecional: o corpo recebe os insumos culturais e os reproduz a partir das significações que o corpo apenas repassa. Também, para o autor, a existência é corporal, ou seja, as representações que os sujeitos possuem do mundo são mediadas pelo corpo. Dessa forma, do corpo

nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o

tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (LE BRETON, 2010, p.7).

É interessante percebermos que o autor admite a produção de significados que o corpo gera, mas esses significados estão irremediavelmente atrelados a concepções anteriores a ele, a um compartilhamento e, portanto, um pertencimento a uma comunidade, a um elemento pré-discursivo que molda e orienta os significados, fazendo do corpo um **resultado** das condições sociais a que ele se insere e, por isso, socialmente constrangido. Nessa perspectiva, o corpo produz significados interagindo com outros corpos e utilizando dos sistemas simbólicos que a comunidade oferece. Nas palavras do autor, “a corporeidade é socialmente construída” (LE BRETON, 2010, p.19).

Assim, o objeto “corpo” é tratado sempre em relação ao Homem, um objeto que não pode ser analisado como um dado *a priori* e, por isso, investigar a genealogia do corpo é fundamental para traçar o máximo de informações acerca tanto das condições sociais as quais o corpo, e os significados sociais dele são submetidos quanto dos sistemas simbólicos utilizados. Estes dão ao corpo o *status* de “estrutura simbólica”, demonstrando que os significados do corpo são variados e múltiplos, características importantes a se destacar, já que revela que os significados são uma das possibilidades entre muitas de significação. Por isso “o conhecimento biomédico, conhecimento oficial das sociedades ocidentais, é uma representação do corpo entre outras, eficaz para as práticas que sustenta” (LE BRETON, 2010, p.29). Discutiremos adiante o processo de medicalização dos corpos, mas aqui já fica evidente como uma representação particular pode sustentar práticas e significações acerca dos corpos, o que o autor toma como “eficácia simbólica”.

Diante essas constatações, Le Breton (2016) admite o caráter ficcional do corpo, inserindo-o em uma realidade provisória, instável, entrecortada de valores sociais que mudam de acordo com as mudanças históricas da sociedade. É por essa razão que a concepção de corpo para a Sociologia distancia da visão biomédica que tenta homogeneizar e universalizar a partir de características puramente anatômicas, biologizantes:

Os trabalhos de orientação sociológica demonstram que as ações do corpo ao longo da existência do homem, ao contrário de serem artefatos da organização biológica e instintiva, obedecem muito mais à simbólica social e cultural. (...) A única universalidade consiste na

faculdade de mergulhar na ordem simbólica da sociedade (...). A condição do homem (e também a extensão física da sua relação com o mundo) está sob a égide do universo de sentidos que adere a ele e mantém o vínculo social (LE BRETON, 2010, p.7).

Desse modo, ao mergulhar na ordem simbólica, os corpos reproduzem os sentidos na relação com o outro e no pertencimento, e as mudanças de sentidos dados aos corpos é compreendida antes como uma adaptação às mudanças sociais que propriamente a mudança em si. O corpo é, dessa forma, passivo aos condicionantes sociais, apenas um suporte onde reflete os significados sociais de uma ou mais de uma comunidade.

Susan Bordo (1997) amplia a visão de Le Breton ao admitir o corpo como uma “metáfora da cultura” no qual podemos, a partir das representações que uma sociedade tem sobre o corpo, revelar as hierarquias e as relações de poder que o circunscrevem. Dessa forma, o corpo é visto como moldado socialmente como Le Breton sugeria, mas a noção de pertencimento é problematizada. Em outras palavras, nem todos os sentidos que são gerados pelo corpo estão em consonância com a comunidade a que ele se insere, podendo assim, ser visto como um “lugar prático direto de controle social” (BORDO, 1997, p. 19).

Em sua apropriação feminista das ideias de Foucault, a autora argumenta que os corpos femininos, ainda vistos dentro de uma perspectiva que universaliza o corpo – já que os estudos privilegiam uma análise de mulheres brancas, cis e de classe média – são alvo de uma vigília constante na busca de uma feminilidade não pela força, mas pelo consentimento:

Através de seus últimos trabalhos “genealógicos”, *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade*, Foucault salienta constantemente a primazia da prática sobre a crença. Não essencialmente através da “ideologia”, mas por meio da organização e da regulamentação do tempo, do espaço e dos movimentos de nossas vidas cotidianas, nossos corpos são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminidade. (BORDO, 1997, p. 20).

Bordo (1997) admite então que os corpos femininos são corpos docilizados, vigiados e disciplinados a partir das dietas, das maquiagens, vestuário e outras disciplinas que incidem sobre tais corpos. Isso faz com que as mulheres “sejam convertidas em pessoas menos orientadas para o social e mais centradas na automodificação” (BORDO, 1997, p. 20). A autora argumenta, pois, que os corpos

docilizados estão indubitavelmente encarnados no controle social, e que a transformação social e a reconfiguração das feminidades são algo difícil de acontecer. A partir dessa constatação, urge a necessidade de um discurso político sobre os corpos, o que para ela é possível através da apropriação dos conceitos foucaultianos, trazendo para a análise as relações de poder que configuram as representações de tais corpos.

A apropriação tem como resultado uma reconfiguração dos discursos feministas dos anos 60 e 70 ao admitir que o poder não é mais exercido através de dicotomias - sendo que uma das partes é dona e exerce o poder sobre a outra - mas a partir de uma visão de que o poder é exercido “na rede práticas, instituições e tecnologias que sustentam posições de dominância e subordinação dentro de um âmbito particular” (BORDO, 1997, p. 21). Dessa maneira, a análise feminista deve entender como certas instituições promovem representações sobre os corpos femininos e colonizam (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999) outras práticas sociais que iteram e admitem as “verdades” que constituem essas representações. Bordo também admite um olhar de rebeldia sobre as instituições e mecanismos de poder, para uma possível reconfiguração das representações dos regimes de verdade legitimados na sociedade.

Uma distinção interessante que a autora faz é entre a concepção do “**corpo inteligível**” e o “**corpo útil**”. O primeiro são as representações que a sociedade tem sobre os corpos, a inscrição cultural que promove valores, normas, modelos e cujas instituições legitimadas, como a Medicina e a Ciência, são responsáveis. Entretanto, esse corpo inteligível cria atitudes, “um conjunto de regras e regulamento práticos, através dos quais o corpo vivo é "treinado, moldado, obedece, responde", tornando-se, em resumo, um "corpo útil", socialmente adaptado (FOUCAULT, 1979, p.136) (BORDO, 1997, p.32). Em outras palavras, as representações sobre o corpo geram atitudes e comportamentos, em uma relação dialética em que um alimenta o outro. Desse modo, o inteligível pode criar disciplinas para o corpo, de forma que este seja alvo de controle social. Para Bordo (1997), a descrição e a análise do corpo útil são de extrema importância para discursos políticos e possivelmente transformadores sobre os corpos.

Ao fazer o recorte de sua análise para os corpos anoréxicos, a autora descreve a busca pela esbeltez como uma disciplina para os corpos femininos. Para a autora, a inclusão das mulheres no mercado de trabalho faz com que estas incorporem atitudes ditas como tipicamente masculinas, como o autocontrole. A busca pela magreza e a negação do apetite é incorporado pelas mulheres como um poder de controlar o próprio

corpo, evidenciando a contradição dessa disciplina, já que ao invés de controlarem são controladas em uma eterna vigia do peso. É importante destacarmos que essa realidade é uma das possibilidades de controle do corpo das mulheres, como aponta a própria autora:

Evidentemente, esses dilemas são vividos de forma diferente, dependendo da classe, da idade de outros aspectos da situação das mulheres. A agorafobia e a anorexia são, afinal, principalmente patologias de mulheres de classe média e média-alta, para as quais surgiu a ansiedade da possibilidade; mulheres que têm os recursos sociais e materiais para levar a linguagem da feminidade até o excesso simbólico. Claramente, precisamos separar as análises dos diferentes modos de protesto empregados, dos efeitos das práticas femininas homogeneizantes em relação às classes e aos vários grupos raciais (BORDO, 1997, p. 29).

Embora admita a importância de relacionar questões de gênero a outros marcadores sociais, sua análise baseia-se em mulheres brancas cis e de classe média e alta, como dito anteriormente. O que Butler (2016) discute em *Problemas de Gênero* é trazer a interseccionalidade não apenas como um adendo dentro da análise, mas a própria condição da análise. As concepções sobre o que é feminino e o que é mulher, bem como as representações sobre os corpos femininos, são postas em xeque, já que existem várias identidades sobre o que é ser mulher e suas condições de existência não dependem apenas do gênero em si, mas da sua relação com outros marcadores sociais. O que o movimento feminista até a década de 90 lutava, uma política de identidade das mulheres, universalizava a condição da mulher em um paradigma branco, heterossexual, cis, magro e de classe média e alta:

Se alguém “é” mulher isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra de ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidade *discursivamente construídas* (BUTLER, 2016, p. 21. Grifos nossos).

Aqui é um ponto importante de intercruzamento das teorias sociais e discursivas, já que Chouliaraki e Fairclough (1999) admitem o discurso como um momento da prática social, o que torna toda prática e, por extensão, todas as representações e identidades, discursivamente construídas. Dessa maneira, a partir dos discursos que são iterados na rede de práticas sociais, representações sobre o que é ser mulher e

representações sobre os corpos que elas possuem são gerados e sua análise permite trazer à tona as relações de poder que configuram os corpos.

O que distancia Butler das duas concepções de corpo que discutimos anteriormente é o fato de a autora não presumir que as representações são inevitavelmente resultado das condições sociais. Tanto Le Breton (2010) quanto Bordo (1993; 1997) admitem ser o corpo um resultado dos contextos sociais a que eles pertencem, seja como reprodução de sentidos e pertencimento, seja como corpo útil e docilizado. Ambos dão aos corpos o lugar de serem compelidos e moldados, e, portanto, sem agência. Butler, ao contrário, se questiona: “Como conceber novamente o corpo, não mais como um meio ou instrumento passivo à espera da capacidade vivificadora de uma vontade caracteristicamente imaterial?” (BUTLER, 2016, p. 30).

Desse modo, a autora argumenta que a análise deve contemplar não apenas os corpos estabelecidos como padrão ou normativo tampouco admitir uma leitura normativa e pré-discursiva dos corpos que não pertencem à o que ela chama de “matriz de inteligibilidade”. Ela admite uma incompletude das categorias gênero e corpo, não os colocando como algo a ser preenchido por outros marcadores sociais, mas antes dialogando com os marcadores de forma a tentar trazer a vivência das mulheres dentro da rede de práticas sociais que compõe suas representações e identidades. Assim, ao invés de corpos irremediavelmente passivos e docilizados, poderemos descrever e analisar corpos que contestam as condicionantes sociais, gerando novos significados. As identidades se tornam, realmente, fluidas e descontínuas, resultando em significações nem sempre dóceis e passivas:

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou descontínuo, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas” (BUTLER, 2016, p.43).

É por essa razão, pelo fato de existirem corpos que não são inteligíveis a partir de um olhar normativo e passivo do corpo, que a autora enfatiza a necessidade de se questionar, antes de tudo, que corpo é esse representado e porque ele se representa assim. Em outras palavras, é preciso saber que instituição admitiu uma representação e gerou uma identidade, e questionar esse elemento anterior e cultural dos corpos que selecionam e normalizam certos corpos em detrimento de outros. Para a autora, o que torna um corpo abjeto – “aquilo que foi expelido do corpo, descartado como

excremento, tornado literalmente ‘o Outro’” (BUTLER, 2016, p.230), em outras palavras, um corpo fora da matriz de inteligibilidade – são práticas sociais que regulam os contornos do corpo, dando a impressão de que este é fixo e universal: “Essa estabilidade, essa coerência, é determinada em grande parte pelas ordens culturais que sancionam o sujeito e impõem sua diferenciação de abjeto” (BUTLER, 2016, p.231).

Entretanto, quando analisamos os corpos que se encaixam em uma desregulação do gênero, podemos perceber que essa regulação não é natural e anacrônica, pois esta possui, em si mesma, sujeitos que não obedecem suas leis. Ao que a filósofa define como coerência do gênero contraditória, já que incoerências emergem em contextos lésbicos, bissexuais, transgêneros e gordos, por exemplo. Para Butler (2016), o fato de existirem descontinuidades do gênero não significa necessariamente um campo de subversão – mas que podem se tornar – porque, apesar de existirem, ainda há um desejo de alcançar tal coerência, que está inscrita superficialmente nos corpos, em forma de gestos e ações:

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretender expressar, são *fabricações* manufaturadas e sustentadas em signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade (BUTLER, 2016, p.35).

Os atos que tentam fabricar uma essência fundadora e normativa do gênero são, também, produtos dos discursos que práticas sociais geram. Esse é um ponto convergente da teoria discursiva faircloughiana, já que ela admite que toda prática tem a função de *reflexividade* (CHOULIARAKI e FAIRCLOUG 1999), e, portanto, discursiva. Dessa forma, ao admitir a performatividade, o processo de construção do gênero, a autora aponta a noção de que nossas representações e identidades são produzidas nas práticas, é um “fazer” constante, iterado pelas instituições que são legitimadas e que promovem a ficção da coerência do gênero, iterações realizadas discursivamente:

as identidades de gênero são construídas e constituídas pela linguagem, o que significa que não há identidade de gênero que preceda a linguagem. (...) não é que uma identidade “faça o discurso” ou a linguagem, mas é precisamente o contrário – a linguagem e o discurso é que fazem o gênero (SALIH, 2015, p.91).

Dessa forma, a análise dos discursos que são veiculados sobre os corpos é uma forma de descrever e analisar as performances que os corpos geram e, ao recortar sobre os corpos gordos femininos, como feminilidades são performatizadas. As performances constituem os atos que discutimos anteriormente, os fazeres e, em consequência, as representações e identidades geradas por esses atos. Assim, conseguimos perceber que a realidade vivenciada através da corporeidade são atos imitativos, entretanto, tais atos não reproduzem tal e qual o imitado. O gênero, então, se constrói a partir da repetição de atos, mas, como nas palavras da autora, uma “repetição estilizada de atos” (p.242). Essa estilização não é, contudo, puramente subjetiva: é preciso imitar algo e esse algo se faz na interação e na relação com outros corpos e suas significações. Tal imitação, ou **paródia**, possui certo grau de coerência com o gênero estável, admitido e legitimado, uns se aproximam mais, outros menos da matriz de inteligibilidade. Isso reforça a concepção de que a norma em si mesma gera ininterrupções e confrontos, pois a norma age sobre os sujeitos, mas a forma como estes a performatizam é diferente uns dos outros.

É nessa perspectiva de performatividade e paródia que o objeto “corpo” é visto não apenas como suporte ou metáfora do cultural, mas ele mesmo agente dessa cultura. As performatividades que desviam do padrão são vistas não mais como erros, mas como possibilidades que emergem dentro da norma, evidenciando o caráter transformador e heterogêneo das representações e identidades sobre os corpos e a impossibilidade de uma concepção fundacional e estável sobre o gênero:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais e contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2016, p. 244).

Dessa forma, a problematização das instituições que legitimam o caráter universal e permanente dos gêneros, e, como efeito, das masculinidades e das feminilidades, pode revelar a estratégia tácita de manutenção de hierarquias e processos de dominação. Em consonância com a visão crítica da Análise de Discurso, demonstrar as relações de poder que não estão explícitas, mas se encontram nos discursos iterados na sociedade. Assim, analisar as representações e identidades de mulheres gordas pode revelar as relações de poder assimétricas e as instituições que regulamentam e orientam representações negativas, bem como revelar instituições que tentam reconstruir a visão

dos corpos gordos como abjetos. A próxima seção se debruçará em teorias que tentam ressignificar visões hegemônicas sobre os corpos gordos.

1.2.2 *Fat Studies*

A primeira vez que se utilizou o termo *Fat Studies* foi em 2009, quando Marllyn Wann escreve “*Fat Studies: to Invitation to Revolution*” no qual indica que esse campo de estudo não focaliza seu olhar apenas na diversidade dos pesos dos corpos, mas como essa diversidade é representada na sociedade. Nessa perspectiva, se pergunta os porquês de a sociedade ocidental valorizar o corpo magro e rechaçar o corpo gordo bem como se pergunta quem se beneficia dessa relação assimétrica. Os *Fat Studies*, além disso, tentam desconstruir as atitudes negativas em relação ao corpo gordo com o intuito de ressignificar tal corpo e de exigir igualdade de direitos (ROTHBLUM, 2009).

De acordo com a autora, o movimento de aceitação do corpo gordo, entretanto, começa no final dos anos 60, com a fundação da NAFFA (*National Association to Advance Fat Acceptance*), uma associação que pedia o fim da discriminação contra pessoas gordas. Nos anos 70, um grupo de mulheres gordas funda a *Fat Underground* que, assim como a NAFFA, combatia a discriminação, entretanto focaliza o ativismo nas práticas médicas que utilizavam dietas.

Nos anos 80 e 90, pesquisadores do movimento de aceitação do corpo ainda estavam ligados a disciplinas relacionadas à saúde como a medicina e a nutrição, cujas críticas focalizavam nos riscos da saúde atrelados ao corpo gordo e a efetividade das dietas. No século XXI, entretanto, os estudos sobre o corpo gordo têm se tornado mais interdisciplinares, deslocando seu objeto de interesse para a literatura, para os estudos culturais e para pesquisas midiáticas, entre outras esferas do social, cunhando sua posição como uma disciplina acadêmica. É notável o interesse para a análise de sites que se proliferam com a temática da aceitação do corpo com distintos temas, tais como a moda para gordos, o ativismo gordo, entre outros. A proliferação fez com que redes de prática sociais digitais possam ser reunidas em uma esfera gorda (*fatsphere*), assim denominada por Rothblum (2009). O foco sobre as desigualdades sociais nas pesquisas, portanto, faz emergir a necessidade de os estudos partirem de uma ciência social já que temas importantes, como o preconceito baseado no peso, fogem da perspectiva médica sobre o corpo gordo.

Um dos pontos de convergência desses momentos do movimento de aceitação do corpo é a preferência por utilizar os termos *gorda/gordo* em detrimento de *obesa/obeso* ou *acima do peso* que, por sua vez, implicam, implicitamente, que há um corpo ideal a ser atingido e nega a diversidade dos corpos. Sendo assim, os grupos oprimidos

tem substituído as formas de diagnóstico clínico ou médico por expressões mais descritivas e populares (por exemplo “gay”), às vezes recuperam palavras que antes eram usadas contra eles (por exemplo “queer”). Do mesmo modo, ativistas gordos perceberam que os termos “acima do peso”, “abaixo do peso” e “peso normal” implicam que existe um peso ideal a ser atingido quando de fato existe uma grande diversidade no peso (ROTHBLUM 2009, p.174. Tradução nossa).

Fat Studies, então, investigam as razões pelas quais a cultura ocidental tem de modo recorrente se preocupado com o peso, já que pessoas, independentemente do seu peso, possuem atitudes negativas contra as pessoas gordas, mais fortemente ligadas ao corpo gordo feminino. Mulheres são mais preocupadas com seus corpos do que homens e esse fato é frequentemente relatado por elas trazendo efeitos sociais negativos e diminuição de sua autoconfiança, pois esta é estritamente ligada à aparência. Em uma sociedade capitalista, na qual as pessoas são classificadas de acordo com seus valores financeiros, a aparência da mulher é considerada a forma mais preciosa para o sucesso profissional. Isso leva, pois, a uma discriminação baseada na aparência, denominada, para Rothblum, (2009) como “*Looksism*” que afeta mais comumente mulheres não brancas, pobres, não heterossexuais e gordas.

O foco de análise dos *Fat Studies* se desvincula da visão médica da perda de peso, repensando a relação entre corpo e saúde, pois descobriu a visão de que o corpo magro é a única possibilidade de ter saúde. Em outras palavras, a concepção de saúde é revista, principalmente, através do movimento *The Health at Every Size* (HAES), uma iniciativa da saúde pública que focaliza a saúde para todos os tipos de corpos, trazendo uma relação diferente dos sujeitos e a comida. A saúde, nessa perspectiva, “é definida como física, emocional e espiritual” (ROTHBLUM 2009, p.179. Tradução nossa) estendendo a visão médica da saúde definida apenas por razões físicas. Essa extrapolação nos faz admitir que

o corpo incorpora e excorpara, tem fronteiras semipermeáveis: há um movimento de fora para dentro, mas algumas atividades acontecem para além da pele, para fora. A ação não depende apenas da pessoa, mas da interação com elementos externos. Os corpos agem, mas suas fronteiras vazam e eles interagem com o meio, incorporando pedaços

e partes do ambiente externo, enquanto sua ação deve ser externalizada, excorporada. (SOUZA e MONEIRO, 2014, p.167).

Essa excorporação evidencia a relação dos corpos gordos com a biomedicina bem como à ideia de saúde que esta incorpora. Ao extrapolar as fronteiras do corpo, ele próprio é parcialmente constrangido pelas representações externas a ele. Os Fat Studies promovem, então, outras possibilidades de relacionar os corpos gordos a outros (gordos ou não), principalmente redefinindo a concepção de saúde, distanciando de sua relação estritamente física e, por fim, relacionando tal concepção a uma noção de bem-estar emocional e espiritual.

1.2.3 Os dois eixos do discurso sobre gordas/gordos

Para elucidar o preconceito contra pessoas gordas, na perspectiva discursiva, Harjunen (2009) propõe dois eixos que controlam e promovem representações sobre gordas/gordos: **da problemática da saúde e da aceitação social**, ambas utilizadas nos discursos hegemônicos mundiais contemporâneos. A relação naturalizada entre o corpo gordo e a saúde é localizada dentro do paradigma médico sobre a gordura, que é vista como forma convencional e dominante de representar a gordura como um problema. O corpo gordo é visto como um alvo a ser reabilitado ou curado, representação está ligada à forma biomédica de conceber a doença, desvinculada, pois, de fatores sociais. Isso significa que “as construções sociais do que dizem sobre “doença” ou os discursos que produzem, mantem e iteram tais construções não são consideradas” (HARJUNEN, 2009, p.23. Tradução nossa).

Essas representações calcadas na biomedicina são construções discursivas e, portanto, a concepção de gordura é definida e produzida por discursos médicos, naturalizando a concepção de que esse objeto pode ser apenas definido por eles. Dessa forma, interpretações médicas sobre a gordura

tem sido entendidas como uma visão “objetiva” e “autoritária” sobre a gordura e, conseqüentemente, especialistas médicos tem, por extensão, garantido o monopólio do conhecimento sobre a gordura. Entretanto, os discursos médicos sobre a gordura têm sido recentemente confrontados, e suas limitações têm sido cada vez mais colocadas em pauta (HARJUNEN, 2009, p.23. Tradução nossa).

Esse é um ponto de conexão importante com Chouliaraki e Fairclough (1999), no sentido de que a reflexividade da prática social particular da biomedicina sustenta

representações ideológicas sobre a gordura, e, conseqüentemente, sobre gordas. Os discursos médicos *colonizam* outras práticas sociais, garantindo que a visão particular destes seja iterada em outras práticas. Em termos de colonização, a “verdade” sobre a gordura é a visão da biomedicina sobre ela, fazendo com que as discussões públicas da saúde e as opiniões de outras esferas sociais sejam parcialmente representadas por essa verdade.

Esse processo no qual a medicina expande sua visão de mundo sobre a realidade é chamada de *medicalização*. É interessante perceber como a medicalização está presente nos discursos sobre o social, em específico sobre o corpo gordo feminino. Isso causa interferências em “como falamos sobre as questões sociais bem como as questões podem ser tratadas, gerenciadas e reguladas” (HARJUNEN, 2009, p.24. Tradução nossa). A questão da gordura torna-se então uma questão médica. O paradigma médico reforça, assim, o controle, a regulação e o gerenciamento da gordura como um tipo de doença. A medicalização da gordura corrobora a ideia de que intervenções e tratamentos médicos são a única forma legítima para a cura, revelando as estruturas sociais que enfatizam o corpo gordo como inaceitável e legitimam a vinculação dessa visão.

Para Harjunen (2009), o conceito de medicalização está ligado à noção de *healthism*, em outras palavras, o entendimento de que a saúde é condição primária para o bem-estar do indivíduo. Nas palavras de Amaral (2014), o *healthism* é um tipo de ideologia “na qual a saúde deixou de ser apenas uma preocupação para se tornar um valor absoluto” (AMARAL, 2014, p.142). De acordo com essa concepção, a saúde é alcançada por meio de escolhas individuais relacionadas à estilo de vida, a comportamentos e a atitudes, o que faz com que a questão da gordura seja, também, uma questão moral. A saúde é vista, então, como em termos de um imperativo moral de autocontrole, responsabilidade individual e de boas escolhas. O sujeito passa a ser “por um lado construído como único responsável pela sua saúde, mas, por outro lado, falho ao tentar corresponder a isso, por uma questão ou outra” (HARJUNEN, 2009, p.24. Tradução nossa). A saúde se torna, assim, uma regra, e a solução oferecida para alcançá-la é a perda de peso.

Dessa maneira, a gordura tem sido representada como uma questão pessoal que implica que as possíveis conseqüências negativas, sejam físicas, sociais ou emocionais, é de responsabilidade das/dos gordas/gordos. Assim, a “solução” para o problema da gordura está dentro dos indivíduos o que promove uma constante frustração destes, abordagem que vem sido duramente criticada por ser simplista e não levar em conta as

múltiplas razões, além das físicas, para a gordura. A medicalização se torna um instrumento para legitimar “a melhoria da saúde do corpo gordo. Além disso, alguns pesquisadores têm apontado que, atualmente, parece haver um forte impulso para a normalização do corpo gordo, o tornando mais magro e parecer normal” (HARJUNEN, 2009, p.25. Tradução nossa).

O segundo eixo dos discursos hegemônicos sobre gordas/gordos é **a aceitação social**. Os fatores sociais, principalmente os relacionados ao status, a aceitação social, as relações e os modos como gordas/gordos são tratados na sociedade é parte do problema da gordura, ou seja, um impedimento para a sociedade aceitar gordas/gordos. Como vimos no eixo do paradigma médico, a solução para tal obstáculo se foca na perda de peso como forma de inclusão desse segmento da sociedade. (HARJUNEN, 2009).

A prática da perda de peso emergiu no século XIX, em um panfleto produzido pelo médico britânico Willian Batting que já discutia o preconceito em relação a pessoas gordas, apontando como solução a perda de peso. Nesse contexto, a solução passa a ser, como a biomédica, uma estratégia individual para aceitação social. Esta se torna, então, a chave para o entendimento da exclusão de gorda/gordos o que faz aproximar a abordagem da representação de/sobre as gordas às ciências sociais. Portanto, o corpo gordo feminino é visto como principal alvo das visões ideológicas excludentes e isso faz com que o corpo seja, ao mesmo tempo, normatizado e idealizado estabelecendo concepções estereotipadas sobre o corpo das mulheres. Essas formas estereotipadas, podemos situá-las na esfera das feminilidades:

(...) feminilidades – hegemônicas ou não – são construções sociais e históricas que se edificam a partir das práticas por meio das quais os sujeitos são generificados. Essas se constroem em referência às estruturas sociais e de gênero, sem, no entanto, se esgotarem nessas estruturas. Enquanto resultado das ações dos sujeitos, as masculinidades e feminilidades tomam contornos distintos em diferentes cenários, contornos esses sempre passíveis de mudanças, reconstruções e contestações (DINIZ, 2016, p.6).

A construção do corpo gordo feminino como socialmente inaceitável, e, portanto, desviante das feminilidades, é um tipo de tecnologia de poder, no sentido foucaultiano, de controle e regulação dos corpos das mulheres, gordas ou não. As demandas normativas para a regulação e controle do corpo da mulher deve ser vista não apenas como normatização da aparência, mas também como regulação e controle da

agência da mulher no social, reafirmando a posição submissa, diminuindo a liberdade social das mulheres e perpetuando a dominação dos homens. (HARJUNEN, 2009).

É importante discutir que essa relação é ainda heterogênea ao relacionarmos outros marcadores sociais de diferença, como por exemplo, os corpos femininos gordos e negros bem como os de classe média/alta e os de baixa renda, destacando outros marcadores, tais como raça e sexualidade, corroborando a ideia de que “são ‘diferenças que fazem diferença’ na forma como vários grupos de mulheres vivenciam tal discriminação” (CRENSHAW, 2002, p.173). Atentarmos aos marcadores sociais de diferença é, pois, admitirmos a interseccionalidade como ponto de partida da análise:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p.173).

O que essa dissertação pretende é **propor** como marcador social de diferença, e, portanto, um dos eixos de subordinação, o **tamanho/gordura**, retratando como as mulheres gordas são alvo de discriminação e como o gênero se relaciona a tal marcador – e este a outros - de forma a marginalizar as mulheres em suas vivências. Tal marcador evidencia como a forma do corpo – os chamados corpo-pera, corpo-maçã, por exemplo, ou o corpo com mais busto ou com mais quadril, e a gordura, corpos magros, não magros, gordos, atuam para reforçar feminilidades construídas em nossa sociedade: “ a grande população ‘sofre’ a imposição de uma mesmo padrão corporal que associa saúde, beleza, magreza e juventude, amplamente difundido pelo discurso midiático e que recai, principalmente, nas mulheres” (AMARAL, 2014, 0.140). Assim, quanto mais magro, mais saudável, mais bonito e mais jovem, tanto mais bem-estar social e sucesso. O nosso trabalho se propõe a pensar o corpo à luz do marcador **tamanho/gordura**, em intersecção com outros marcadores, pois admitimos, assim como Amaral (2014), que a contemporaneidade desenvolveu um culto ao corpo associado ao ideal de não só beleza, mas principalmente da magreza.

Dessa forma, ao relacionar a análise de gênero a mulheres gordas, uma experiência importante do que é ser mulher é problematizada. Isso evita a subinclusão, que pode ser definida como quando “um subconjunto de mulheres subordinadas

enfrenta um problema, em parte por serem mulheres, mas isso não é percebido como um problema de gênero, porque não faz parte da experiência das mulheres dos grupos dominantes (CRENSHAW, 2002, p.175). Trazer os relatos que diferentes mulheres gordas fazem de si pode revelar como a vivência dessas mulheres questiona as representações e identidades que o tamanho/gordura possui, resignificando o que é ser belo e ser saudável, em um movimento discursivo de negações e transformações que podem gerar significações importantes para mulheres gordas, como a auto aceitação. Isso será discutido nas análises, posteriormente.

1.2.4 O relato de si – as cenas de interpelação

Outra questão importante para a análise do *corpus* é a conceito de relato, pois é nesse ato de fala que se configuram os textos deste presente projeto. Gordas relatam o que é ser gorda, e, dessa maneira, configuram identidades e representações de seus corpos baseadas nas identidades e representações que outros fazem deles. Dessa maneira, é preciso compreender e problematizar como o relato de si está em constante relação com relatos de outros sobre o si, ou em outras palavras, como a construção de si é produzida, na interação, também pelo tu.

Butler (2015) situa o relato de si como uma questão moral, ou seja, como a esfera do saber e das condutas, e salienta que tal questão surge sempre em contextos de relações sociais. Além disso, a autora problematiza que questões morais aparecem quando surgem novos comportamentos e, conseqüentemente, quando as normas destes deixam de ser óbvias. Há, portanto, um desequilíbrio entre o que é ditado com aquilo que acontece na realidade, cujo efeito é entender que questões morais nem sempre são reproduções de um *ethos* coletivo, ao contrário, geralmente surgem em contextos de tensão entre o *ethos* e a moral “tanto que o enfraquecimento daquele é condição para o aperfeiçoamento desta” (BUTLER, 2015, p.14).

Portanto, para conquistar o *status quo* que permite sua condição de *ethos* dominante, esse *ethos* coletivo utiliza de mecanismos violentos para se concretizar ainda como realidade presente (como, por exemplo, a medicalização dos corpos gordos). Nesse anacronismo, ou seja, o fato de já ser passado, mas requerer ser presente, a violência se torna um modo de se impor como realidade, uma tentativa de universalização forçada que não possui um sentido real para os sujeitos. A autora, ao trazer as ideias de Adorno a suas reflexões, enfatiza a ideia de que, para evitar a

violência ética, as normas devem, necessariamente, ser apropriáveis pelos sujeitos, ou seja, não deveria haver um conjunto de regras que seja uma forma de exclusão:

Considerando que se possa reservar o termo “ética” para se referir aos amplos contornos dessas regras e máximas, ou para a relação entre si-mesmos implicada por essas regras, Adorno insiste que a norma ética que não oferece um modo de vida ou que se revela, dentro das condições sociais existentes, como impossível de ser apropriada tem de ser submetida à revisão crítica (BUTLER, 2015, p.16).

A autora, partindo dessa visão, enfatiza a importância do contexto – da cena de interpelação - já que a ética que exclui sujeitos é uma forma de violência. O contexto, então, é elemento que deve ser analisado no momento dos relatos, pois é nele que as condições de reconhecimento de si e a possibilidade do relato de si são produzidas. A ética, então, deve ser reformulada sempre em resposta aos contextos em que está situada. Essa reformulação é o espaço de “debate democrático”, ou em termos da ADC faircloughiana, local de lutas hegemônicas. A recusa das normas, ou em outros termos, *a revisão crítica*, faz emergir as estruturas sociais que as moldam implicando trazer à tona o caráter violento destas, quando “essa violência consiste, em parte, em sua indiferença para com as condições sociais sob as quais uma apropriação vital poderia se tornar possível” (BUTLER, 2015, p.17). Dessa maneira, o lugar e o significado do eu é chave para a constituição da ética e da moral.

É importante destacar que a concepção de eu não se figura em uma visão subjetivista e idealista. Pelo contrário, é visto dentro de uma relação constante com as normas condicionadoras que podem moldá-lo e, por isso, não está separado destas, mesmo quando há posição de um eu nessa revisão crítica. O relato de si, desse modo, parte de um “eu” que não se encontra em si mesmo, implicando uma temporalidade social que começa antes dele, mas que o constitui. Em outras palavras, o relato de si nunca é apenas do eu, é preciso uma *desposseção* de si para entender as condições sociais que possibilitam seu relato. Essa desposseção, no entanto

não significa que tenhamos perdido o fundamento subjetivo da ética. Ao contrário, ela pode bem ser a condição para a investigação moral, a condição de surgimento da própria moral. Se o “eu” não está de acordo com as normas sociais, isso quer dizer apenas que o sujeito deve deliberar sobre essas normas (...). Nesse sentido, a deliberação ética está intimamente ligada à operação da crítica (BUTLER, 2015, p.19).

Butler salienta, além disso, que o eu que se apropria da norma é ele mesmo condicionado por ela que, portanto, constrói o sujeito em suas identidades e

comportamentos bem como estabelece seu lugar no social. A apropriação da norma, ou sua revisão crítica, estabelece sempre uma relação entre o eu e as condições tanto da sua constituição quanto da possibilidade de realizar a revisão. Assim, o sujeito negocia, reflexivamente, as normas que o orientam.

Partindo da concepção que o relato de si é sempre uma relação com o outro, a autora inicia as discussões dessa relação tendo como foco as *cenas de interpelação*. Relatamos sobre nós mesmos quando o outro pede, ou interpela, seja diretamente, seja indiretamente. As releituras promovidas por Butler (2015) se inicia pela *Genealogia da Moral*, de Nietzsche, na qual o autor argumenta que o relato de si acontece em uma esfera jurídica, quando se interpela alguém por uma ação atribuída a ele cujo efeito causa sofrimento a outra. Essa esfera, para o autor, impõe ao relato um sistema de castigo e punição e, então, as condições de possibilidade do relato de si surgem

depois de uma acusação, ou no mínimo de uma alegação, feita por alguém em uma posição de aplicar um castigo (...). Consequentemente, começamos a refletir sobre nós mesmos pelo medo e pelo terror. Com efeito, são o medo e o terror que nos tornam moralmente responsáveis (BUTLER, 2015, p.22).

Butler, no entanto, admite que nem sempre as cenas de interpelação estão situadas no sistema jurídico e enfatiza a importância de salientar outras cenas em que o sujeito é interpelado para relatar a si. É o caso do presente projeto, no qual as cenas de interpelação são constituídas por um “tu” situado, principalmente no eixo do paradigma médico e da aceitação social. É importante, pois, analisarmos essas cenas para se entender o que leva gordas relatarem a si mesmas, quais vozes estão implícitas nesse processo de resposta, que geram representações sobre si que não estão em si.

A autora parte, então, para a visão de Foucault em *O uso dos prazeres* e argumenta que este autor recusa a generalização da cena de interpelação nietzschiana. O autor foca sua análise na criatividade que se encontra na moral e como a revisão crítica leva a novos valores. Se distanciando da concepção de que o medo e o terror são elementos para o relato de si, Foucault admite que as condições para o relato estão relacionadas a códigos de conduta: “seu interesse foi desviado para uma consideração de como certos códigos prescritivos historicamente estabelecidos determinavam certo tipo de formação do sujeito” (BUTLER, 2015, p.28).

Dessa maneira, o sujeito, ao relatar a si mesmo, se constitui dentro de normas preestabelecidas que, investidas de poder, traçam os limites do que pode ser

reconhecido como sujeito e, portanto, não há um relato de si fora das normas que direcionam o relato. A crítica às normas, no entanto,

expõe os limites do esquema históricos das coisas, o horizonte epistemológico e ontológico dentro do qual os sujeitos podem surgir. Criar-se de tal modo a expor esses limites é precisamente se envolver numa estética do si-mesmo que mantém uma relação crítica com as normas existentes (BUTLER, 2015, p.29).

Partindo dessa visão de que o sujeito cria a si mesmo em relação a normas que o precedem, a moral é inventiva e, por isso o sujeito não é necessariamente construído apenas por elas, mas luta com as condições que surgem no momento de engendrar a si mesmo. Essa capacidade de ação não é, entretanto, totalmente livre, pois no momento do relato de si, mesmo quando o relato se encontra em uma revisão crítica, as normas são condição do ato moralmente criativo.

O sujeito, então, não conhece a si mesmo plenamente já que as condições do relato de si dependem, também, do outro, é sempre uma relação relacional e de dependência. A isso, a autora denomina de *opacidade do sujeito*, característica inerente ao vínculo ético que se encontra o sujeito relatante. Como consequência, é impossível fazer um relato completo de si, reforçando a ideia de que identidades e representações de um objeto da realidade estão abertas a constantes revisões. O outro, então, estabelece as cenas de interpelação e, por isso, o relato é sempre social e gerador de normas. (BUTLER, 2015).

Segundo Butler (2015), as condições para o engendramento de si são dadas por um regime de verdade que possuem o poder de definir o que será reconhecido e o que não será. O reconhecimento de si nunca está somente no “eu”, mas sim nas relações do eu com os regimes de verdade. Dessa forma, a relação com os regimes é, ao mesmo tempo, relações consigo mesmo e, portanto, questionar tais regimes é questionar a si mesmo, ou nas palavras da autora, toda “operação crítica não pode acontecer sem uma dimensão reflexiva” (BUTLER, 2015, p.35). Questionar um regime de verdade é questionar também a própria condição ontológica do eu o que pode gerar o risco de não ser reconhecido por tais regimes.

Analisar relatos, então, deve levar em consideração as cenas de interpelação e investigar quais normas – regimes de verdade – que possibilitam tais relatos e suas relações de poder que permitem a condição do reconhecimento de si. Deve levar, também, em conta quem é o outro e onde ele se situa, pois o “tu” é chave para o

enquadre da norma que norteia e permite o sujeito se tornar reconhecível. O sujeito é, então, depende do “tu” e do contexto social das normas que governam a cena de reconhecimento e falhas deste

marcam um lugar de ruptura no horizonte da normatividade e implicitamente pedem pela instituição de novas normas, pondo em questão o caráter dado do horizonte normativo prevalecente. O horizonte normativo no qual eu vejo o outro e, com efeito, no qual o outro me vê, me escuta, me conhece e reconhece também é alvo de abertura crítica (BUTLER, 2015, p.37).

A autora parte, então, para a leitura de Cavarero em *Relating Narratives* salientando a importância de que, para as cenas de interpelação do relato de si, é mais importante a pergunta “quem és tu?” que propriamente “quem sou eu?” e, que, diferentemente da concepção de Nietzsche na qual o relato é fruto de uma interpelação acusatória, as cenas de interpelação podem abrir possibilidades de altruísmo. Em outras palavras, as cenas de interpelação não estão calcadas na pergunta “quem fez isso a quem”, mas sim na existência de que existe um tu que não me reconhece.

Butler (2015) explica, a partir de sua leitura de Cavarero, que somos sujeitos que possuímos vulnerabilidades que são expostas ao outro e que necessitamos negociar essa *exposição* – a experiência corporal - da melhor maneira. Isso demonstra a necessidade do “tu” para o reconhecimento do “eu” e que, como já explicado, pelo fato de ambos se encontrarem em regimes de verdade que orientam tal reconhecimento é preciso fundamentar o social no relato de si. Essa exposição é dada, principalmente, pela corporalidade, já que o eu “é constituído corporalmente na esfera pública” (BUTLER, 2015, p.47).

Essa corporalidade é elemento de unicidade do eu que se relaciona com a unicidade do “tu” e faz com que o elemento relacional do relato de si esteja ligado por aquilo que diferencia o primeiro do segundo. No entanto, ao admitirmos que o “eu” se constitua a partir do “tu”, o sujeito não possui sentidos inerentes, e a essa ausência de sentidos faz com que minha singularidade possua elementos da singularidade do outro:

este fato de singularizar a exposição, que deriva da existência corporal, pode ser reiterado continuamente, ele constitui uma condição coletiva, caracterizando todos nós de maneira igual, não só restabelecendo o nós, mas também estabelecendo uma estrutura de substituíbilidade no núcleo da singularidade (BUTLER, 2015, p.49).

Butler (2015), então, sintetiza o relato de si da seguinte forma: há uma exposição que não permite ser narrada e que estabelece minha singularidade pela experiência corporal; há relações sociais que formam identidades e representações na história da vida do “eu”; essa história que não é do “eu” constitui a opacidade parcial do “eu”; há normas que geram condições do relato de si, que gera a despossessão de si na linguagem e, finalmente, uma estrutura narrativa calcada na estrutura de interpelação. Todos esses momentos devem ser levados em conta na análise de qualquer relato de si, pois constituem tanto os significados quanto as relações de poder estabelecidas no engendramento de si.

1.2.4 As identidades de resistência, de projeto e a de projeto-resistência

Para a análise das identidades formadas no texto, entrecruzaremos os significados identificacionais de Fairclough (2003) com as concepções de identidade de resistência e de projeto de Castells (1999) e proporemos uma noção de identidade de projeto-resistência que mescla as características da primeira concepção com a segunda.

Para Castells (1999), as identidades são processos de construções de significados de si e dos outros que tem por base os valores e significações dados por uma cultura, significações estas múltiplas e que permeiam a construção de si nas práticas sociais. Em outras palavras, as identidades se formam no momento que os atores sociais interagem com sentidos produzidos no social, que podem estar vinculados a atributos culturais de uma comunidade ou de mais de uma, revelando o caráter plural das identidades. Entretanto, essa interação não se dá de forma passiva, como que as condicionantes culturais impusessem seus significados, ao contrário, “essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social” (CASTELLS, 1999, p.22). Dessa forma, os significados culturais estão em permanente revisão no instante em que as pessoas se identificam e identificam outras bem como agem a partir dessas significações:

Identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios autores, por eles originadas, e construídas por meio da individualização. Embora, conforme argumentarei adiante, as identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal posição quando e se os atores sociais a internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização (CASTELLS, 1999, p. 23).

Esse é um ponto de intercruzamento com a discussão faircloughiana sobre identidades e processos de identificação. Para Fairclough (2003), a identidade não pode ser resumida apenas como identidade social, pois há uma agência dos atores sociais ao produzirem identidades sobre si e sobre os outros. Isso aproxima da noção de individuação de Castells: da mesma forma que este admite que a construção de significados parte, também, de um processo individual, aquele admite a agência dos atores sociais na construção dos sentidos de si e dos outros. É na relação do “eu” com o mundo, da interação de sua corporeidade com a dos outros, que sentidos e, portanto, identidades, são produzidos no social.

Esses sentidos são admitidos por Castells (1999) como uma identificação simbólica que os atores produzem e admite que as identidades são construídas socialmente. Entretanto, o autor enfatiza a concepção de que é importante analisarmos não a afirmação dessa construção social, mas também como essa identidade é construída, a partir de quê, por quem e para que essa construção acontece. A metodologia crítica discursiva de cunho anglo-saxã dá conta de responder essas questões, já que o **como** pode ser descrito interpretado e explanado através dos significados representacionais e identificacionais; o **a partir de quê** através das (redes) de ordens do discurso na análise da interdiscursividade; o **por quem** através das vozes e instituições que promovem significações sobre os atores sociais e o **para que** a partir das relações de poder reveladas na análise.

Castells (1999) ao evidenciar a importância de uma análise mais profunda das identidades, argumenta que os aparatos sociais são internalizados pelos atores a partir de suas tendências e predileções atreladas a projetos que participem de redes de práticas sociais. Em outras palavras, os sujeitos promovem identidades na concordância – ou no combate – a estruturas sociais que, de certa forma, identificam os sujeitos, dentro de relações de poder. É aqui o ponto em que Castells (1999) identifica três possibilidades de identidade: a legitimadora, a de resistência e a de projeto.

A primeira é construída pelas instituições legitimadas pela sociedade e tem o intuito de expandir suas representações como forma de dominação de práticas sociais. Ela é altamente difundida e, por essa razão, tem-se a impressão de que sempre existiu e tem como objetivo esconder o caráter de constituição social, ou seja, as representações são naturalizadas. Por isso que sua efetividade é alta: seus efeitos ideológicos são tácitos e internalizados de forma não reflexiva pela maioria das pessoas.

A segunda é construída, principalmente, por pessoas excluídas e marginalizadas por essas concepções legitimadoras. Aqui é um ponto importante de intercruzamento tanto com a ADC, já que sua preocupação nas mudanças sociais leva ao interesse de discursos promovidos na tentativa de reestruturar relações de poder, quanto na discussão de Butler (2016) dos atos corporais subversivos, já que a autora promove uma discussão de corpos que não se encaixam no padrão (nas identidades legitimadoras). Então, as identidades de resistência são construídas

por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base nos princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos (CASTELLS, 1999, p. 24).

A terceira é construída a partir da relação dos atores sociais com o social no momento que criam novas identidades capazes de reestruturar relações de poder assimétricas, buscando, assim, a mudança social. O autor aponta que tais identidades de projeto podem ser transformadas em identidades legitimadoras dependendo de como essas identidades geram significados futuros, reestabelecendo a assimetria de poder, e, assim, impondo suas identidades como única possibilidade de geração de significados sobre si e sobre os outros. Então as identidades de projeto acontecem

quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem um nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, buscar a transformação de toda estrutura social. Esse é o caso, por exemplo, do feminismo, que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo (CASTELLS, 1999, p. 24).

A análise dos dados do *corpus* nos trouxe a necessidade de repensar as três formas de identidade estabelecida por Castells, pois há uma recorrência importante nos processos de identificação das mulheres nos relatos de si em blogs. A identidade de resistência está presente: as identidades são comumente produzidas a partir do combate e negação às significações que as ordens médica, pornográfica, da moda e midiáticas promovem. Entretanto, quando novas identidades de si são produzidas, elas se situam em uma esfera do desejo e da possibilidade, o que nos fez refletir de que a ação concreta das identidades de projeto ainda não é realidade dessas novas identidades. Em outras palavras, a transformação social gerada pelas identidades de projeto não está configurada. É por essa razão que **promovemos as identidades de projeto-resistência**: novos significados são gerados – e, portanto, está na ordem do projeto – mas a

efetivação concreta, a ação social de transformação não – e, portanto, está na ordem da resistência. As identidades de projeto-resistência demonstram o *continuum* das identidades definidas por Castells (1999), colocando em evidencia a hibridização (FAIRCLOUGH, 2003) das identidades.

No próximo capítulo, descreveremos os percursos metodológicos da pesquisa, caracterizando-a, relatando a seleção do *corpus*, a constituição do mesmo, a sistematização das categorias discursivas e sociais bem como as perguntas de pesquisa que orientaram a análise e discussão dos dados.

CAPÍTULO 2 – PERCURSOS METODOLÓGICOS

2.1 Caracterização da pesquisa

Para explorar as representações do corpo gordo feminino nos relatos de gordas em blogs e revista *online*, essa pesquisa se insere nos moldes qualitativos configurados como paradigma de pesquisa que formula diversas possibilidades de aproximação da realidade, considerada como um objeto complexo de observação. Desse modo, a pesquisa qualitativa trabalha na “formulação de desenhos abertos para a participação, a construção situacional, o reconhecimento contextual, a análise e a interpretação dos fenômenos estudados” (PARDO ABRIL, 2007, p.91). Essa perspectiva que coloca o/a pesquisador/a como parte da pesquisa bem como lança o olhar para o objeto tanto de forma interna quanto externa possibilitam que análises qualitativas transformem o mundo social em representações que são capazes tanto de descrevê-lo como interpretá-lo e, por isso, a objetividade científica é negada (VIEIRA e RESENDE, 2016).

O caráter transdisciplinar dos estudos discursivos críticos é relevante para uma pesquisa de cunho qualitativo, pois rompe fronteiras epistemológicas para analisar parte da realidade. Assim, as teorias linguísticas são intercruzadas às teorias sociais constituindo um tipo de abordagem sociodiscursiva, cuja linguagem é parte da vida social, um dos momentos da prática social que se relaciona com todos os outros (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999). O material empírico da ADC cunhada por Fairclough (2001, 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999), predominantemente os textos, é observado e analisado, dialeticamente, com as estruturas sociais que os circundam.

A relação discurso-sociedade faz emergir a preocupação da ADC de vertente britânica de investigar relações assimétricas de poder recuperadas nas articulações de sentidos potencialmente ideológicos presentes nos textos, dados como tácitos, e que contribuem para a formulação de representações do mundo, maneiras de agir com e sobre os outros e identidades de si e do outro (VIEIRA e RESENDE, 2016). Nas palavras de Magalhães (1986), “tais ideologias podem não ser aparentes no discurso dos participantes (...), pois eles não têm consciência delas: devemos buscá-las não ‘no que se diz mas no que não se diz’” (MAGALHÃES, 1986, p. 186). No caso da pesquisa, analisar como os discursos hegemônicos sobre o corpo gordo feminino são iterados e ressignificados nos relatos que as gordas dão de si.

A pesquisa se vincula, então, à Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO) tal como proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999); e Fairclough (2003) que se caracteriza por ser uma abordagem crítica e explanatória. A vinculação à Ciência Social Crítica, mais precisamente ao Realismo Crítico, se dá pelo fato de que este olhar sociológico se compromete a questionar aspectos políticos da vida social, concebida como um sistema aberto a mudanças e estratificado (VIEIRA e RESENDE, 2016). Esse aspecto transformacional da teoria permite olhar a realidade a partir da relação entre estruturas e agência humana que coexistem e se transformam já que “agentes individuais se valem da estrutura social (re)articulando mecanismos e poderes causais, e a (re)produzirem, gerando no mundo efeitos imprevisíveis” (VIEIRA e RESENDE, 2016, p.41).

Assim, a partir da análise das práticas sociais, concebidas como um ponto de conexão entre as estrutura e ação, é possível analisar os efeitos ideológicos que permitem estruturas sociais se manterem ou se rearticularem. É aqui que se encontra o caráter crítico da pesquisa, pois o objetivo de uma pesquisa de tal caráter é emergir tais efeitos e, como consequência, as relações assimétricas de poder na sociedade (MAGALHÃES, 1986). A ADTO, então, operacionaliza o Realismo Crítico no momento que concebe as práticas sociais como conexão entre a estrutura social e os eventos sociais, considerando a linguagem como um estrato da realidade, o estrato semiótico, que se relaciona e internaliza outros traços de estratos distintos da vida social (VIEIRA e RESENDE, 2016).

Nas palavras de Ramalho (2010), uma das características da ADTO é a “operacionalização do Realismo Crítico na proposta de abordagem crítica explanatória de problemas sociais que envolvem a linguagem” (RAMALHO, 2010, p. 225). O presente projeto de pesquisa vincula-se, então, a um paradigma interpretativo-crítico, pois possibilita oferecer subsídios para a análise de discursos que instauram, mantêm ou superam problemas sociais (VIEIRA e RESENDE, 2016).

Esta proposta de pesquisa configura-se de cunho documental, cujo material empírico são textos, retirados de blogs de gordas e de uma revista *online*. Como a ADTO reconhece os textos como o material concreto de eventos sociais (FAIRCLOUGH, 2001, 2003), analisar os textos dos blogs e da revista é perceber que se relacionam a outros momentos da prática social a que se conectam bem como às estruturas sociais a que estão imbricados. É nesse momento que reconhecemos a

perspectiva relacional/dialética da ADTO já que “textos são materializações situadas de discurso” (VIEIRA e RESENDE, 2016, p.105).

Serão investigados quais *discursos particulares* sobre o corpo gordo feminino são iterados e transformados e como estes podem (re)modelar as estruturas sociais que participam dessas representações. Serão analisados, também, como esses discursos são legitimados (ou não) no *gênero discursivo* blog e texto de revista *online* e como podem promover *estilos*, na medida em que é possível identificar identidades das gordas sobre si como também identidades que o outro internaliza e performatiza sobre as gordas, ou a forma como se posicionam nos textos. Essa abordagem nos permite investigar a função do discurso para a modificação das relações assimétricas de poder já que os blogs e a revista em questão constituem um espaço de tentativa de empoderamento (SARDENBERG, 2006) das gordas.

A pesquisa se apoia na abordagem epistemológica da ADTO (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999) cujo objetivo é abordar interpretativa e criticamente os mecanismos discursivos e seus efeitos ideológicos como também refletir sobre a superação do problema social advindo destes:

Quadro 1 – Abordagem para ADC (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999)

1. Um problema		
2. Obstáculos a serem superados	(a) Análise da conjuntura	
	(b) Análise da prática em particular	(i) Práticas relevantes
		(ii) Relações do discurso com outros momentos da prática
(c) Análise do discurso	(i) Análise estrutural	
	(ii) Análise interacional	
3. Função do problema social na prática		
4. Possíveis maneiras de superar obstáculos		
5. Reflexão sobre a análise		

Fonte: CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 60

A primeira etapa da estrutura analítica é a identificação de um problema social que possui aspecto semiótico (VIEIRA e RESENDE, 2016) já que questões sociais parcialmente discursivas revelam práticas sociais hierarquizadas, permitindo, pois, descrever e interpretar e explicar as relações de poder que configuram o objeto do estudo. Na pesquisa, *o problema social é a representação do corpo gordo feminino na perspectiva da gorda, trazendo o relato de si como uma forma de confrontar – e algumas vezes iterar -, principalmente, a representação médica e da moda sobre o referido corpo. Isso permite que vozes de marginalizadas/os possam emergir tanto quanto as vozes daqueles/as que não são excluídas/os.*

Na segunda etapa, a análise de conjuntura permite relacionar os eventos sociais à macroanálise, pois é o momento de identificação e descrição de redes de prática que produzem, circulam e fazem consumir os textos. A análise da prática particular permite relacionar o discurso a outros momentos da prática social além de analisar se os discursos entram em conflito e/ou concedem com os outros momentos da prática. ***A prática particular são blogs e uma revista online que atuam para a aceitação do corpo gordo feminino.*** É o momento de contextualização da análise que garante “que os textos analisados sejam relacionados a suas causas mais amplas e a seu contexto particular” (VIEIRA e RESENDE, 2016, p.109). Partindo, então, para a microanálise, a análise do discurso possui duas facetas: a compreensão e a explanação. A primeira é constituída da descrição e interpretação e a segunda na relação entre o texto e conceitos em um movimento no qual “propriedades de textos particulares são ‘redescritas’ com base em um arcabouço teórico particular” (VIEIRA e RESENDE, 2016, p.110). Nesse momento de análise, as ordens do discurso são analisadas tanto em sua característica reguladora, quanto no modo como são (re)articuladas, podendo, inclusive, modificar práticas sociais vinculadas aos discursos que as regulam.

Na terceira etapa, são analisados mecanismos sociais que sustentam as relações assimétricas, ou seja, como as redes de prática social podem legitimar os discursos hegemônicos e seus efeitos na sociedade. A quarta etapa preocupa-se com possíveis maneiras de superar o problema social, dado o caráter emancipatório e crítico da ADC, evidenciando práticas que ressignificam representações hegemônicas. A última etapa está diretamente ligada a essa última já que é o momento de reflexão da análise, avaliando “os limites e alcances da pesquisa assim como suas contribuições para pesquisas futuras” (VIEIRA e RESENDE, 2016, p.112).

2.2 Corpus: constituição, seleção e sistematização

O *corpus* é constituído por 10 textos de blogs digitais e um texto de revista *online*, *Capitolina*, todos eles produzidos por mulheres gordas, de quatro sites: *Gorda e Sapatão*, *Beleza sem Tamanho*, *Kiss the Fat Girl* e *Capitolina*. O blog *Gorda e Sapatão* tem como intuito estabelecer eixos de interseção entre racismo, lesbianidade, feminismo, gordofobia e padrões de beleza. Escrito por Jéssica Ipólito, que denomina o espaço como íntimo e solidário para mulheres, principalmente negras, gordas e lésbicas.

Os textos escolhidos, focalizam a temática da gordofobia e padrões de beleza, trazendo os eixos de interseção dentro das temáticas citadas.

O Blog *Beleza sem Tamanho* é escrito pela jornalista Kalli, uma militante pela aceitação do corpo gordo feminino e tem como tônica a mundo *plus size*. Seu blog focaliza, então, em *looks* para gordas bem como muitas críticas feitas ao espaço da moda.

Já o blog *Kiss the Fat Girl* tem como objetivo trazer visibilidade do corpo gordo para questões do dia a dia e, por essa razão, possui uma intensa variedade de temáticas. A autora, Lika Gior, reitera que os corpos gordos estão visíveis no cotidiano, mas invisíveis na mídia e por isso a tônica para a visibilidade e aceitação de tais corpos.

Por último, a revista *on lineCapitolina*, que se intitula para garotas adolescentes, tem o objetivo de representar todas as jovens, principalmente aquelas que não estão inseridas no que se acredita ser o padrão de beleza da mulher. A revista acredita na diversidade da beleza e, por extensão, a aceitação de todos os corpos.

Os textos, bem como os gêneros e datas, estão sistematizados no quadro a seguir:

Quadro 2: configuração do corpus

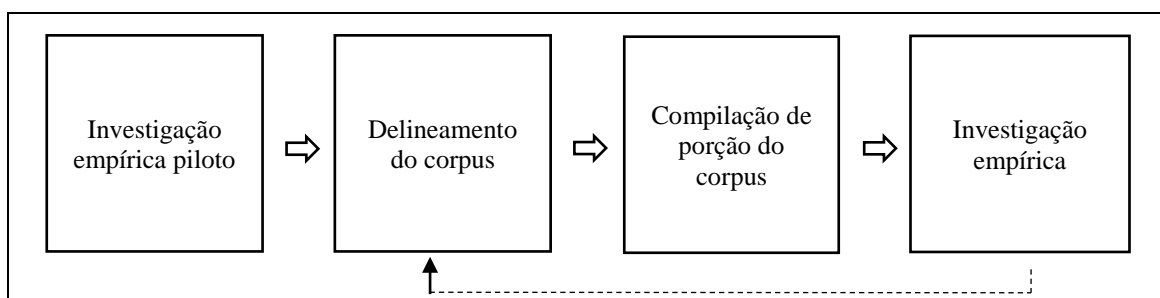
Site	Data	Título
Gorda e Sapatão	27/05/2014	Sexo gordo e o corpo que balança.
Gorda e Sapatão	8/12/2016	Você já sentou ao lado de uma gorda no ônibus?
Gorda e Sapatão	23/01/2017	CID 10-E66: eu, obesa.
<i>Kiss the Fat Girl</i>	13/08/2016	O empoderamento não vai te livrar das dores.
<i>Kiss the Fat Girl</i>	19/08/2016	Lutar contra a gordofobia não é ser contra o emagrecimento.
<i>Kiss the Fat Girl</i>	24/08/2016	Sobre ser gorda e ter alguma doença hoje em dia.
<i>Kiss the Fat Girl</i>	16/09/2016	O que mudou na minha visão depois de me cercar de bons exemplos.
Beleza sem Tamanho	15/08/2016	Pare de odiar seu Corpo!
Beleza sem Tamanho	06/09/2016	Carta aberta à C&A.
Capitolina	19/07/2015	Sobre ser gorda e a farsa da feminilidade.

O delineamento do *corpus* segue o que Bauer e Aarts (2000) assinalam como *processo cíclico* a fim de um equilíbrio no conjunto de textos a serem analisados. Para o autor, delimitar um *corpus* equilibrado pressupõe consultar os textos diversas vezes a fim de que se possa construir um material linguístico, em um ir e vir metodológico (PARDO ABRIL, 2007), um dos elementos que configura um *corpus* qualitativo. Assim, a partir de uma variedade de textos que são revisados, se consegue um número possível que seja capaz de abarcar a representação desejada nos objetivos da pesquisa:

Um processo cíclico virá trazer o reconhecimento devido a duas regras da construção do corpus. Biber observa que a variação externa precede a percepção interna e deste modo a construção do corpus deve começar de diferentes contextos (Regra 1). O objetivo é maximizar a variedade dialética interna, através das funções, registros ou gêneros que estão sendo considerados (Regra 2). Um corpus está equilibrado quando esforços adicionais acrescentam pouca variância dialética (BAUER & AARTS, 2000, p.53).

Para explicitar o caminho para a seleção de textos, os autores recorrem a um esquema reproduzido abaixo:

Figura 3: Caminho para a seleção de textos (BAUER e AARTS, 2000, p.53)



No momento de investigação empírica piloto e análise teórica, o objetivo era de comparar as representações sobre o corpo gordo feminino em mídias digitais hegemônicas, mais precisamente, em textos jornalísticos dos portais jornalísticos *Uol*, *G1* e *R7* com as representações em mídias alternativas, sendo elas os blogs *Gorda e Sapatão*, *Kiss the Fat Girl* e *Beleza sem Tamanho*. Nesse momento do primeiro delineamento do *corpus*, foi eleito um ponto em comum: a repercussão sobre a modelo Tess Holliday. Na compilação de porção do *corpus* e em sua investigação empírica, percebemos que os sites hegemônicos representavam a repercussão do sucesso de Tess Holliday dentro de três perspectivas: o corpo gordo e a saúde, o corpo gordo e a beleza e a promoção da obesidade enquanto os sites alternativos dentro das perspectivas do empoderamento das gordas e da negação das representações médicas, da moda e da feminilidade.

O fato de se encontrar negações das representações hegemônicas nos textos dos blogs alternativos, permitiu perceber que a análise dos sites *Uol*, *G1* e *R7* se repetiriam nos blogs e se escolheu, então, excluir os primeiros. Esse segundo delineamento do *corpus* levou a uma abertura deste, já que se decidiu ampliar a temática da repercussão sobre a modelo Tess Holliday para relatos de gordas. Assim, as três perspectivas já citadas seriam contempladas assim como as estratégias sociodiscursivas de empoderamento não apenas sob o viés temático de uma modelo, mas sobretudo sob o viés das vivências de gordas. Essa abertura possibilitou, também, o surgimento de outras perspectivas de representação a partir do olhar da gorda sobre si: a acessibilidade, a questão econômica e a afetividade, explicitadas mais adiante nas categorias de análise.

A seleção do *corpus*, então, partiu para as leituras dos blogs que já haviam sido selecionados anteriormente - *Gorda e Sapatão*, *Kiss the Fat Girl* e *Beleza sem Tamanho*. Foram realizadas pesquisas no Google, inserindo o nome dos blogs para saber, pelo ranking, quais os textos mais acessados. Em *Gorda e Sapatão*, o texto *Sexo gordo e o corpo que balança* foi o primeiro na lista, seguido de *CID 10-E66: eu, obesa*, o que levou a escolha desses textos e, conseqüentemente, as temáticas que os insere – **sexualidade e saúde**. Ao lermos os outros textos do referido blog, se percebeu uma repetição dessas temáticas e a inclusão de outra: **a acessibilidade**, representada pelo texto *Você já sentou ao lado de uma gorda no ônibus?* A repetição dessas temáticas levou à saturação, estratégia de seleção de texto na qual

acrescentar mais estratos pode fazer apenas uma pequena diferença com respeito a representações adicionais. Quando isso acontece, o *corpus* está saturado. A Regra 1 estipula que a seleção para a pesquisa qualitativa é um processo cíclico, e um processo cíclico requer um critério para finalizar, senão o projeto de pesquisa não teria fim. *Saturação* é o critério de finalização: investigam-se diferentes representações, apenas até que a inclusão de novos estratos não acrescenta mais nada de novo (BAUER e AARTS, 2000, p.59).

No blog *Kiss the Fat Girl*, o texto mais acessado foi *Lutar contra a gordofobia não é ser contra o emagrecimento*, inserida na temática da **gordofobia**. A leitura do blog levou a duas temáticas: **a relação do corpo gordo e a saúde**, representada pelo texto *Sobre ser gorda e ter alguma doença hoje em dia*; **o empoderamento**, representado pelo texto *O que mudou na minha visão depois de me cercar de bons exemplos* e *O empoderamento não vai te livrar das dores*. As duas primeiras temáticas já estavam inseridas na primeira seleção do *corpus*; as duas últimas, na segunda seleção. A repetição dessas temáticas levou à saturação.

No blog *Beleza sem Tamanho*, na pesquisa no Google, o texto mais acessado foi *Pare de odiar seu Corpo!*, inserido na temática da **aceitação do corpo gordo**. A leitura do blog levou à temática do corpo gordo e saúde, contudo, a preferência dos textos dos blogs anteriores levou a não inserir tal temática. O texto *Carta aberta à C&A* foi selecionado devido à repercussão da publicidade *plus size* de tal marca e inserido na temática da **idealização da beleza** do corpo gordo feminino. A repetição dessas temáticas levou à saturação. A temática da idealização da beleza do corpo gordo feminino levou à necessidade da discussão sobre as feminilidades. O último texto *Sobre ser gorda e a farsa da feminilidade* foi selecionado a partir de uma pesquisa no Google utilizando as palavras gorda e feminilidade. Assim, a revista *online* *Capitolina* se inseriu na seleção do corpus assim como a temática da **feminilidade**.

O caráter transdisciplinar da ADTO nos ajuda a compreender que as categorias devem auxiliar no “mapeamento de relações dialéticas entre o social e o discursivo, permitindo a investigação de efeitos constitutivos de textos em práticas sociais, e vice-versa” (VIEIRA e RESENDE, 2016, p.113).

As categorias são utilizadas para analisar modos de representar, de agir e de ser, respectivamente, os significados representacionais, acionais e identificacionais: “são, portanto, formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, de (inter)agir e de identificar(-se) em práticas sociais situadas” (VIEIRA e RESENDE, 2016, p.114). Esta pesquisa propõe-se, então, articular algumas categorias dos significados representacionais e identificacionais (FAIRCLOUGH, 2001, 2003), com teorias sociais, tendo em vista traçar representações que a gorda possui sobre si (e sobre outra gorda) e que os outros possuem delas bem como identidades sobre a(s) mesma(s). As categorias dos significados acionais não são trabalhadas diretamente na pesquisa, pois o intuito não é o de configurar o gênero discursivo, mas sim de investigar os efeitos potencialmente ideológicos destes. Entretanto, há a discussão das práticas sociais midiáticas, o que corresponde, indiretamente, às categorias do significado acional e a análise do quadro de negociação das diferenças intercruzado com os marcadores sociais. O quadro a seguir é uma sistematização das categorias analíticas:

Quadro 3: categorias de análise

Categorias Discursivas		Categorias Sociais	Perguntas
Significado representacional	Interdiscursividade	<ul style="list-style-type: none"> - Normatização e regulação da biomedicina: - Feminilidades/sexualidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais discursos são negados explicitamente/implicitamente? - Que representações são (re)construídas, ou seja, que formas particulares de retratar a gorda são identificadas? - As representações reestruturam os discursos hegemônicos e/ou iteram?
	Lexicalizações e relexicalizações	<ul style="list-style-type: none"> - Feminilidades/beleza Fat Studies – o obeso afirmativo 	<ul style="list-style-type: none"> - Como a gorda é nomeada nos textos? - Como ocorre a recontextualização dos léxicos obesa e gorda? - Quais são as palavras que concorrem com essas (re)nomeações? - Essas (re)nomeações ressignificam as nomeações hegemônicas?
	Representação dos agentes sociais	<ul style="list-style-type: none"> Fat Studies – o obeso afirmativo – Corpo abjeto (BUTLER) - corpo queer (BUTLER) 	<ul style="list-style-type: none"> - Como os participantes são representados nos textos? - Para que serve a hibridização dos processos atributivos e identificativos? - Quais valores são atribuídos?
Significado identificacional	Modalidades epistêmicas e deônticas	<ul style="list-style-type: none"> - Identidade de resistência/identidades de projeto (Castells) 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais identidades são combatidas nas declarações negativas? Como estas delineiam identidades sobre gordas? - Quais identidades desejadas nas ordens? Como elas permitem pensar em uma identidade para a mudança?
	Avaliações	<ul style="list-style-type: none"> - Fat Studies – o obeso afirmativo e a Gordofobia 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais os juízos de valores nas declarações? Como estes contribuem para identidades das gordas? Quais identidades elas iteram/refutam?

O estudo da **interdiscursividade** (FAIRCLOUGH, 2001; 2003) permite tanto identificar quais representações particulares materializadas em discursos estão presentes no texto quanto como eles se articulam neste. As **orações negativas** nos permitem identificar que representações sobre a gorda estão sendo combatidas e, ao mesmo tempo, investigar quais discursos hegemônicos estão sendo rearticulados. É por essa

razão que a categoria interdiscursividade pode ser articulada às teorias sociais que explicam a normatização da medicina (FOUCAULT, 2014), para demonstrar que a relação **corpo gordo e doença** é naturalizada dentro de relações de poder iteradas nos discursos. Do mesmo modo, pode também se articular à noção de feminilidade, ao negar a relação do corpo **gordo e a feiura**, desvelando questões de poder sobre a beleza (WOLF, 1992) e seus efeitos ideológicos para a representação sobre/da gorda.

As **lexicalizações e relexicalizações** (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) serão analisadas através do item lexical *gorda* a fim de se compreender como o significado dessa palavra é construído e potencializado nos textos. A forma como atribuímos sentido às palavras nos posiciona sobre aquilo que estamos nomeando e, assim, se pode analisar se a atribuição concorre com discursos hegemônicos ou os reconstrói. É preciso, pois, articular as relexicalizações promovidas pelos blogs ao *Fat Studies* (HARJUNEN, 2009; ROTHBLUM 2009), pois estes subvertem o valor negativo das representações sobre gordos, a partir da representação do **obeso afirmativo** (SANT'ANNA, 2016). As categorias faircloughianas também podem ser analisadas pelos itens lexicais que se encontram antes e depois de *gorda* e *obesa*, principalmente a recorrência da temática da beleza, reafirmando a necessidade de a mulher ser bela conforme padrões da ditadura da moda e da saúde, principalmente. As (re)lexicalizações, então, se articulam às teorias sociais sobre **feminilidades** (DINIZ, 2016) e **beleza** (WOLF, 1992) a fim de discutir como essa postura de relacionar a gorda à beleza admite discursos hegemônicos sobre o corpo da mulher.

A **representação dos agentes sociais** é uma categoria linguístico-discursiva que permite identificar, através do **sistema de transitividade**, os participantes, os processos e as circunstâncias (HALLIDAY, 2004), a fim de analisar representações, no caso da pesquisa, das gordas. A recorrência dos **processos relacionais, materiais e existenciais** (HALLIDAY, 1994) demonstram como gordas são atribuídas, identificadas, como agem no mundo e se seus corpos existem ou são invisibilizados no nível societário. Os **participantes**, representadas, principalmente, por uma oração relacional também permite analisar como a gorda é representada, em uma vivência reduzida apenas ao corpo, assim como o **atributo, a identidade e o alvo**. Os processos se articulam às teorias sociais dos **Fat Studies**, na perspectiva da ressignificação já apresentada anteriormente.

As **modalidades** são a categoria linguística que permite identificar o envolvimento do autor em trocas de conhecimento e de atividades e esse envolvimento

é uma das formas de estruturação de identidades (FAIRCLOUGH, 2003). A **modalidade epistêmica** é o envolvimento do autor com a verdade e a **negação** coloca tal agente social em uma postura de combate a identidades pré-estabelecidas. Essa categoria se articula à noção de **identidades de resistência** (CASTELLS, 1999) que possibilita tanto a identificação das identidades hegemônicas sobre as gordas quanto a luta contra aquelas, sem, ainda, determinar uma identidade afirmativa. A **modalidade deôntica**, por sua vez, é o envolvimento do autor com obrigações e necessidades e a **procura (ordem, modalização e proibição)** no **aconselhamento** estabelece possibilidades de identidades de empoderamento e aceitação do corpo gordo. Essas categorias se articulam às **identidades de projeto-resistência**, na tentativa de levar outras gordas a identificar seu corpo afirmativamente.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 Conjuntura sociopolítica e cultural

Entendendo que os discursos estabelecem uma relação contínua e dialética com a sociedade, é importante descrevermos as práticas sociais e ordens discursivas que permeiam os relatos de gordas em blogs feministas de aceitação do corpo gordo. A conjuntura permite observar as redes de práticas sociais que produzem e fazem circular os textos e garantem “que os textos analisados sejam relacionados a suas causas mais amplas (VIEIRA e RESENDE, 2016, p. 109).

3.1.1 As concepções de saúde/doença

O conceito de saúde/doença é de extrema importância já que a desconstrução dos corpos gordos relacionados à doença é a temática mais recorrente no *corpus*. Segundo Pinheiro, Chaves e Jorge (2004), a concepção de doença é objeto de estudo não apenas da biomedicina, mas também de outras esferas científicas. As noções que carregamos de um corpo doente passa não apenas de uma visão medicalizada do conceito, é uma concepção antropológica, sociológica e de linguagem, entre outras. Dessa forma, o que é doença, e por extensão o que é saúde, não é fixo, muda de acordo com as condições sociohistóricas que potencializam distintas significações. Para as autoras, a

representação e o conceito de doença tem estreita relação com o estilo de pensamento dominante. Ao longo da história, destacam-se as representações metafísicas presentes nas concepções de sociedades primitivas, as filosóficas na Antiguidade e as naturais a partir de Hipócrates (PINHEIRO, CHAVES e JORGE, 2004, p. 94).

Nas sociedades “primitivas”, a doença era entendida como algo misterioso que acometia o corpo da pessoa, ou algo resultante da feitiçaria ou dos castigos dos deuses. A doença era a perda da alma, e a cura era realizada a partir do reencontro com ela, cura essa promovida por exorcismos, ou transferência, quando a alma estranha que estava no corpo da pessoa era transportada para animais ou objetos. Caso a doença não fosse diagnosticada por possessões demoníacas, era vista como castigo de deuses, causada por desobediências. É interessante essa visão, pois a doença, mesma vista de maneira

metafísica, era uma forma de controle social, algo como uma punição à desobediência daqueles que eram as vozes legitimadoras da época: as deusas e os deuses.

De acordo com Pinheiro, Chaves e Jorge (2004), “estas concepções foram suprimidas, mas se conservam operantes nas práticas de cura realizadas atualmente por rezadeiras e curandeiros que atuam, principalmente, junto às camadas populares” (PINHEIRO, CHAVES e JORGE, 2004, p. 94). Percebemos que, por mais que essas concepções sejam suprimidas, a função social delas continua: o corpo doente ainda é alvo do controle social.

A concepção vigente na Antiguidade se constrói a partir do mito de Apolo que “enviava as doenças para a terra e dela só ele podia afastá-las. A mitologia diz que Apolo teria ensinado Medicina a Quiron, filho de Saturno, encarregado da educação de Esculápio, filho de Apolo e da ninfa Coronis” (PINHEIRO, CHAVES e JORGE, 2004, p. 95). Esculápio se torna assim um médico eficiente e diminui as almas do inferno o que lhe dá a morte como sentença de Zeus. A partir de então, ele se torna adorado em templos perto de fontes naturais de água, que se tornam centros de saúde dirigidos por sacerdotes. Aqui, a concepção de saúde/doença ainda é metafísica, associada a deuses, como forma divina de cura e por isso, de obediência.

As concepções naturais, por sua vez, partem da visão de Hipócrates de que a doença era consequência de uma patologia humoral, advinda dos líquidos do corpo: o sangue, a flegma, a bile amarela e a bile negra. Esses líquidos eram comumente associados a elementos da natureza, e essa concepção dura até o século XVII:

Até meados do século XVIII, a doença era vista como uma entidade que subsistia no ambiente como qualquer outro elemento da natureza. Esse caráter ontológico da doença está presente na transformação da medicina em ‘medicina das espécies’. Por influência de outros campos disciplinares, como a botânica, as doenças foram agrupadas em um sistema classificatório (BATISTELLA, 2007. P. 52).

A doença, então, estava relacionada a desvios que aconteciam dentro do corpo humano, ou seja, a doença era vista apenas pelo ponto de vista biológico. Entretanto, tal conceito não dava conta de explicar novas doenças que surgiam nas cidades industriais, resultado do processo de industrialização do mundo.

As mudanças sociohistóricas levam a mudanças das visões sobre saúde/doença. A transformação principal ocorre pelo advento da clínica moderna: o hospital, antes um lugar que marginalizava os doentes, agora é o local de cura o que leva à:

substituição do poder religioso pelo dos médicos na organização do hospital, o esquadrinhamento e a divisão de seu espaço interno – permitindo a separação de doentes classificados de acordo com os sintomas – e o registro sistemático e permanente das informações dos pacientes, dentre outros fatores, foram fundamentais para essa mudança (BATISTELLA, 2007. p. 52).

O hospital passa, portanto, a ser um espaço de produção de conhecimento, e os médicos, as vozes legitimadoras sobre o que é ser saudável e doente. O sintoma passa, então, a ser o ponto de partida para descrever doenças e o avanço dos estudos anatômicos do século XVII contribui para que a concepção de doença seja vista não mais como um elemento de fora, como as concepções primitivas, da Antiguidade e de Hipócrates, mas como internas ao corpo, a partir dos sinais que o corpo emite. A doença passa então a ser descrita empiricamente, e mais tarde, a partir da observação dos tecidos, o exame físico da pessoa é observado através das mudanças estruturais dos tecidos: “a cada sintoma corresponde a uma lesão anatomopatológica. A doença, então, transforma-se em patologia” (BATISTELLA, 2007. p. 53).

A observação dos sintomas pela mudança estrutural dos tecidos muda os sentidos principais para definir o que é saúde/doença: a visão se torna o sentido principal:

Os fenômenos são explicados pela nova racionalidade a partir do estudo, baseado na observação e na experiência, das mudanças morfológicas, orgânicas e estruturais. Por conseguinte, a saúde passa a ser entendida como seu oposto lógico: a inexistência de patologia, ou seja, a própria fisiologia. Essa profunda transformação na forma de conceber a doença irá assentar as bases do sistema teórico do modelo biomédico, cuja força explicativa é responsável pela sua presença até os dias de hoje (BATISTELLA, 2007. p. 53).

Esse é um ponto importante quando pensamos sobre o corpo gordo. A corporeidade dos corpos gordos são significados, primeiramente, pela visão, pois a característica de tais corpos é externa. Assim, essa forma de conceber a doença, o modelo biomédico, é iterado nas práticas sociais da contemporaneidade, já que, percebendo o corpo gordo a partir da visão, relaciona-se este à doença de forma naturalizada e tácita.

O modelo teórico biomédico passa, assim, a configurar a doença com foco na biologia e nos aspectos individuais do corpo, descrevendo-o de forma fragmentada e produzindo um conhecimento especializado sobre os corpos. Dessa forma, ao analisar empiricamente cada parte do corpo, a saúde é vista como uma ausência de doenças, “no

desempenho natural de cada parte” (BATISTELLA, 2007. p. 54). A saúde é vista, a partir de Boorse, por meio da concepção de normalidade advinda de dados estatísticos de funcionamento das partes do corpo. A saúde/doença é definida, com base em dados objetivos.

A concepção biomédica se baseia, assim, “na primazia do conhecimento anatomopatológico e na abordagem mecanicista do corpo, cujo modelo assistencial está centrado no indivíduo, na doença, no hospital e no médico” (BATISTELLA, 2007. p. 64). Essa visão objetiva do corpo e da saúde/doença, segundo o autor, apaga o que ele denomina de corpo subjetivo, e elementos como dor, sofrimento, prazer não são colocados em evidência, reforçando a ideia de que dados objetivos são a única forma de descrever e curar as pessoas.

Numa abordagem que critica o olhar biomédico sobre a saúde e doença, as concepções recentes sobre saúde/doença, iniciadas pela Antropologia, critica a ideia de que estar saudável é não estar doente, a concepção negativa da doença. Isso porque ela acredita que a saúde/doença não é determinada apenas por dados objetivos, mas também por experiências individuais e atribuições de sentido que as pessoas fazem, mergulhadas no contexto sociohistórico que as configuram. Dessa forma, a

definição de doença não inclui somente a experiência pessoal, mas também o significado que o indivíduo confere aos problemas de saúde, e ainda, cada cultura possui uma linguagem de sofrimento própria, que faz a ligação entre as experiências subjetivas de mal-estar e seu reconhecimento social, vendo o adoecer como um processo social que envolve toda a comunidade que cerca aquele doente, à medida que seus integrantes sentem-se obrigados a cuidar dele (PINHEIRO, CHAVES e JORGE, 2004, p. 96).

Essa visão nos mostra que tanto a concepção de saúde quanto de doença abarca componentes não-biológicos, o que nos leva a pensar na impossibilidade de um diagnóstico apenas com os determinantes objetivos do olhar biomédico. É interessante como Batistella (2007) exemplifica que mesmo pacientes considerados doentes em termos clínicos podem ser considerados saudáveis nas comunidades em que se inserem.

Dessa forma, os enfoques recentes nas concepções de saúde/doença apontam a necessidade de se contextualizar o paciente, ou seja, de humanizá-lo. Em outras palavras, deve-se levar em conta elementos de caráter social, econômico, entre outros, na prescrição de doenças. A descontextualização leva a uma padronização dos conceitos de saúde/doença, inserindo o indivíduo em normas e padrões que os classifica em normais/anormais, saudáveis/doentes e geram significações sobre o que pode ser uma

conduta saudável e o que não pode ser. Assim, a normalidade é posta em cheque pois ao admitir elementos culturais, as concepções recentes apontam

os equívocos na superposição dos conceitos de saúde e normalidade, destacando o duplo sentido do conceito de 'normal'. De um lado, refere-se à noção de médias e constantes estatísticas. De outro, apresenta-se como um conceito valorativo, aludindo àquilo que é considerado como desejável em um determinado momento e em uma determinada sociedade (BATISTELLA, 2007, p. 62).

Outra questão importante no aspecto da contextualização é que, colocando o indivíduo dentro das condições sociohistóricas em que ele se encontra, se evita a culpabilização do paciente como único responsável pela sua doença, já que fatores externos a ele contribuem para a descrição do quadro doença/saúde. O autor define essa contextualização a partir dos determinantes sociais da saúde, que, para ele, incluem tanto questões gerais, econômicas, culturais e ambientais, como também a rede de práticas sociais a que o sujeito está inserido.

É importante analisarmos, dentro do que Batistella apontou como duplo sentido do conceito de normal, o segundo item: a ideia de que o conceito está ligado a valores dados pela sociedade. O autor aponta a importância de admitirmos o caráter complexo das concepções de saúde/doença, ou seja, que tais concepções não podem ser descritas apenas por uma esfera do conhecimento. Assim, ele admite a necessidade do caráter interdisciplinar dos conceitos, tanto nas discussões entre disciplinas acadêmicas, quanto no diálogo com saberes populares. É a partir dessa noção de complexidade que o autor lança mão de algumas ordens importantes para uma tentativa de definição do que é saúde e do que é doença:

Microestrutural – molecular ou celular;
Microsistêmica – metabolismo ou tecido;
Subindividual (órgão ou sistema) – processos fisiopatológicos;
Clínica individual – casos;
Epidemiológica – população sob risco;
Interfaces ambientais – ecossistemas;
Simbólica – semiológica e cultural (BATISTELLA, 2007, p. 72. Grifos nossos).

Esse é o ponto de interseção entre as concepções de saúde/doença em relação aos corpos gordos femininos que a presente dissertação propõe. Ao admitir que um dos pontos de configuração da saúde/doença possui uma ordem simbólica, as representações sobre a relação naturalizada entre o corpo gordo e a doença é parcialmente construída nos discursos. Assim, ao tentar desconstruir tal relação, os relatos de si promovem uma

ruptura com o olhar biomédico sobre o corpo, ao revelar que corpos gordos podem ser saudáveis. O que vemos nos relatos nos mostra o que a conjuntura também revela: o conceito de saúde/doença é instável, participa das redes de práticas sociais que o compõem, revelam relações assimétricas de poder, e também confrontam tais relações e são parcialmente discursivas.

3.1.2 As concepções sobre a beleza

Assim como o conceito de saúde/doença, as concepções sobre o que é ser belo são mutáveis e estão relacionadas às estruturas e redes de práticas sociais que produzem os sentidos para a beleza. Esta, relacionada ao corpo, demonstra que o estudo deste é, ao mesmo tempo, o estudo da sociedade, que, partindo dos seus princípios, elaboram concepções sobre beleza e, em extensão, sobre corpos. A partir daí, segundo Barbosa, Matos e Costa (2011), que “criam-se padrões de beleza, de sensualidade, de saúde, de postura que dão referências aos indivíduos para se constituírem como homens e mulheres” (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 24).

As primeiras representações do corpo feminino encontram-se nos períodos paleolítico e neolítico, “signos femininos com triângulos pubianos, formas vulvárias, e estatuetas de mulheres nuas de seios flácidos e hipertrofiados, ventre e bacias grandes, braços finos e cabeças atrofiadas, consideradas símbolos de fertilidade” (MOTA, 2008, s/p). Dessa forma, a beleza da mulher era superior ao do homem por ela ser vista como uma divindade com o poder de gerar filhos. Por isso, características físicas ligadas à maternidade são salientadas como os quadris, os seios e a vulva.

Figura 4 – Vênus de Willendorf, estátua do período paleolítico.



Mais tarde, com a civilização grega, o padrão do corpo se modifica. Para Barbosa, Matos e Costa (2011), o corpo grego era um corpo idealizado, fabricado por e

fruto de técnicas a fim de um aprimoramento. Essa visão distancia o corpo de suas concepções naturais e, portanto, apresenta um valor político já que o corpo “corresponderia ao conceito de cidadão” (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 25). É por essa razão que o padrão de beleza não mais se configura a partir da mulher e sim do homem, rico e másculo. O nu, então, era a forma de se conceber a beleza, exaltando a beleza e o vigor dos homens bem como do cidadão grego:

o corpo nu é objecto de admiração, a expressão e a exibição de um corpo nu representava a sua saúde e os Gregos apreciavam a beleza de um corpo saudável e bem proporcionado. O corpo era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. (BARBOSA, MATOS, COSTA, 2011, p. 25).

É interessante percebermos como as concepções de corpo e beleza gregas ainda persistem nos tempos atuais, revelando a importância de se ter um corpo saudável, simétrico, além da capacidade de ser fértil e sarado, evidenciando características biológicas como forma de construir representações hegemônicas ligando naturalmente beleza ao corpo. No entanto, essa concepção do corpo, diferente da contemporaneidade, excluía as mulheres, e estas, mesmo representadas, evidenciavam elementos do corpo definidos como masculino ao passo que diminuía as características estabelecidas como femininas. É o caso da Vênus de Milo, cujos seios são pequenos, genitália coberta e musculatura torneada:

Figura 5 – Vênus de Milo, Alexandro de Antioquia, século II a.C.



A forma idealizada do corpo se estendia como formas de ser na sociedade, ou seja, o que o corpo é, representa a forma como os sujeitos se identificam no mundo. Podemos relacionar essa concepção a de estilo de Fairclough (2003) que, também, aponta a corporeidade como fator de identidade e identificação dos atores sociais nas práticas em que estão inseridos.

Na Idade Média, com o poder da Igreja Católica, o corpo passa da condição de cidadania para o da proibição. Em outras palavras, o corpo se torna o lugar do pecado e do proibido. Uma das razões para essa transformação é que, segundo Barbosa, Matos e Jorge (2011), o cristianismo elevou o valor da espiritualidade em detrimento de tudo aquilo que é material. O corpo, então, como forma material da existência, é o lado oposto na dicotomia com a alma: o primeiro, fonte de pecado e do demônio; o segundo, de fé e de Deus:

Evidencia-se a separação do corpo e da alma, prevalecendo a força da segunda sobre o primeiro. O cristianismo resume a atitude de recusa; cabia ao homem descobrir-se como mais do que o seu corpo, descobrir-se como alma que deve lutar contra os desejos para escapar da morte e conquistar a eternidade e a salvação (Vaz, 2006). O bem-estar da alma deveria prevalecer acima dos desejos e prazeres da carne. O corpo, prisão da alma, era, pois, um vexame, devia ser escondido (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 26).

O corpo, passa, então, a ser encoberto, as mulheres representadas pelo seu aspecto divinal, puro, sacralizado:

Figura 6 – Madona e o menino, de Giotto, 1320/1330



A preocupação com o corpo, comum aos gregos, foi colocada em segundo plano, já que o cuidado com a alma era fundamental para o cristianismo. O que se evidencia, aqui, é uma regulação dos corpos a partir da separação destes com a alma. Assim, o corpo é visto como o espaço do pecado e, portanto, de punição. São várias os elementos que fazem do corpo medieval um lugar punitivo: os jejuns, a autoflagelação, o Jesus crucificado, entre outros. Em relação ao corpo feminino, é revelada a condição de demoníaca, pois ligada à sensualidade, era responsável pela luxúria dos homens:

pela sexualidade o demônio apropriava-se primeiro do corpo e depois da alma do homem. Como as mulheres estão ligadas essencialmente à sexualidade, e “porque nasceram de uma costela de adão”, nenhuma

mulher poderia ser correcta, elas tornavam-se ‘agentes do demónio’ (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 26).

Denominadas bruxas, seus castigos evidenciavam o poder punitivo sobre o corpo: eram amarradas e queimadas, e o suplício do corpo na arena social tornaram-se o dispositivo coercitivo para a sociedade medieval.

No Renascimento, a ciência passa a ser o lugar central da sociedade, e o corpo, que antes era visto como uma criação divina passa a ser objeto científico: “o corpo passa a servir à razão” (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p.28). Como uma forma de revisitar a Antiguidade Clássica, a saúde se torna o sentido para o corpo de forma que possa ser manipulável para atingir esses fins. De novo, a saúde instrumentaliza a sociedade e age sobre as significações sobre o corpo.

A dualidade mente-corpo se evidencia nesse período: a mente é, pois, o lugar da razão, do intelecto, e o corpo, o espaço de menor valor dessa dicotomia. O interessante é que essa dicotomia tem relação direta com o gênero: os homens, ainda vistos dentro da universalidade assim como as mulheres, cabiam à mente; as mulheres, ao corpo. Logo, o corpo feminino se constituiu como espaço da beleza, do contorno corporal:

A beleza física se transfigura e assume um sentido positivo na sociedade manifestando-se como qualidade das mulheres, pois aos homens cabia o trabalho e a razão, a inteligência e a força. Essa beleza feminina foi concebida para o deleite e prazer dos homens, - a mulher bela e ricamente vestida denotava a riqueza e o poder do marido ou pai (MOTA, 2008, s/p).

A beleza feminina era retrato de poder e riqueza. O corpo da mulher era “mais contornado, roliço, pele clara, quadris largos e seios grandes (SILVA, 2015, p. 56). Mulheres consideradas hoje gordas era, antigamente, sinônimo de opulência e saúde. Sant’Anna (2016) denomina como “corpo-armazém”, ou seja, o corpo mais gordo representava que a família possuía comida, armazenava a comida na despensa, o que denotava, na época, prestígio social.

Figura 7 - Vênus ao Espelho, de Peter Rubens, (1577-1640)



As mudanças sociohistóricas promovidas pela expansão do sistema agrícola e comercial do século XVII que promoveram a formação do sistema capitalista desenvolveram uma mudança na relação entre a sociedade e o corpo. Agora, a noção do corpo se relaciona com a concepção de máquina, sendo assim, um corpo manipulável e disciplinado. Essa transformação associa a energia dos sujeitos não mais na esfera da mente, mas do corpo, em movimentos repetitivos e controlados, um corpo na produção em série que a Revolução Industrial faz emergir.

O século XVIII, como forma de conceber a hegemonia daqueles que lucravam com o sistema capitalista, produz um movimento denominado *Belle Époque*, marcado pela ostentação das elites. De acordo com Silva (2015), o padrão de beleza feminino era marcado pela cintura fina, fruto do uso de espartilho, um dispositivo de regulação de corpos.

Figura 8 – O padrão de corpo feminino na *Belle Époque*.



O século XIX, em sua produção industrial, padroniza movimentos e gestos, homogeneizando o corpo, colocando-o “ao serviço da economia e da produção, gerando um corpo produtor que, portanto, precisa de ter saúde para melhor produzir e precisa de adaptar-se aos padrões de beleza para melhor consumir” (BARBOSA, MATOS e

COSTA, 2011, p. 28). Uma das características da época, de acordo com as autoras, é o fato de a industrialização estar atrelado ao avanço técnico-científico que propiciou um saber sobre o corpo altamente regulatório e disciplinar, em um processo de padronização, pela lógica da produção, que servia a um ideal de beleza atrelado ao de consumo. Isso tem como efeito “uma diminuição significativa na quantidade e na qualidade das vivências corporais do homem contemporâneo” (BARBOSA, MATOS, COSTA, 2011, p. 28).

As tecnologias propiciadas pela revolução científica e tecnológica do século XX fazem o corpo e o padrão de beleza se modificarem. Uma das principais responsáveis por essa modificação são os meios midiáticos: a publicidade e, mais recentemente, a internet, geraram uma noção de corpo pautado, principalmente, na magreza, no corpo branco e a lisura dos cabelos. Sant’Anna (2014) descreve como o ideal de beleza calcada no corpo branco é realidade no Brasil: “o brutal preconceito existente no Brasil diante da pele negra e do cabelo “carapinha” foi exposto sem grandes pudores em jornais e revistas” (SANT’ANNA, 2014, p. 77). A autora chama atenção para a onda esportiva que anos 80 promoveram: uma cultura do corpo tonificado, musculoso como sinônimo de saúde e beleza.

Figura 9 – Propaganda da Mollico, 1983.



Os anos 90 foram marcados pela emergência das *top models*, evidenciando um padrão de beleza no qual se encaixam “jovens, muito jovens: altas, magras, ombros largos, pernas longas e uma pele de cetim” (SANT’ANNA, 2014, p. 162). A concepção de saúde e beleza do corpo-armazém do século XIX é substituída pelo seu oposto, alimentado pela mídia e por indústrias farmacêutica, alimentícia e médica: remédios para emagrecer, dietas e intervenção cirúrgicas marcam as últimas décadas do século

XX: “veicula-se a representação da beleza estética associada a determinados ideais de saúde, magreza e atitude” (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 29).

O corpo passa, então, na sociedade do consumo, a ser não apenas um lugar de produção, de labor, de existência pura e simplesmente, mas de consumo. A lógica capitalista focaliza no corpo o desejo de consumo para uma vida mais bem-sucedida, feliz, um olhar que carrega consigo o hedonismo, como se o corpo fosse o único espaço de prazer dos sujeitos:

É interessante notar como os discursos que normalizam o corpo, sejam eles científico, tecnológico, publicitário, médico, estético, vão tomando conta da vida simbólica/subjectiva do indivíduo, invadindo as dimensões expressivas e simbólicas da corporeidade, fornecendo imagens e informações que reconfiguram o próprio âmbito da vivência corporal (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 29).

Assim, a ideia da sociedade do consumo de possuir bens materiais, fazem do corpo, a vivência material dos sujeitos, um ponto fundamental de bem-estar social. Ele passa a ser um objeto de idealização e de marginalização como bem aponta as autoras. O corpo torna-se o elemento manipulável pelas tecnologias de cosméticos, dietas e cirurgias e aqueles que não se encaixam nessa manipulação são alvo de exclusão e significações pejorativas, passam a ser não um espaço de aceitação, mas um espaço de correção: “assiste-se a um corpo completamente manejável pela tecnociência, desenhado para superar todos os defeitos do corpo biológico” (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 31). É aqui que os corpos gordos se encaixam.

O que podemos perceber desse breve histórico das concepções de corpo e beleza é que ambos serviram para a formação de ideais que disciplinam, normatizam e normalizam corpos. Entretanto, o século XXI, com a emergência de militâncias em favor da aceitação do corpo, dentre elas, a militância gorda e negra dos movimentos feministas, começam a fazer uma dinâmica distinta: a estética desses corpos como forma de empoderamento, através da resignificação dos padrões de beleza. Em outras palavras, resignificar o belo como forma de se reconhecer bonita:

Ao abordar a questão da estética e identidade negra, em especial dos corpos femininos, considera que o empoderamento, através do viés educativo que orienta seu trabalho, confere humanidade à negritude, na medida em que promove a aceitação de seus corpos e sua corporeidade enquanto mulheres e negras. Nesse caso, o empoderamento será orientado pelo reconhecimento das diversas possibilidades históricas do corpo negro, na luta pela proteção e respeito às diferenças e à liberdade humana (OLIVEIRA, SANTOS e TEIXEIRA, 2016, p.319).

Da mesma forma, a aceitação dos corpos gordos vem sendo debatida a partir de sua historicidade e do reconhecimento da beleza e da diversidade de tais corpos. A presente dissertação tenta contribuir com isso, na análise de relatos de gordas sobre si e na tentativa de empoderamento de outras gordas, principalmente pela ressignificação dos conceitos de saúde e de beleza, e pela importância do reconhecimento da diversidade dos corpos, discussões que serão detalhadas na análise dos discursos e das práticas particulares, a seguir apresentadas.

3.2 Análise da prática particular

Essa parte da análise garante que os textos selecionados sejam relacionados a seus contextos particulares (VIEIRA e RESENDE, 2016), relacionando, de acordo com Fairclough (2003), o discurso com outros momentos da prática social:

- i. A atividade material – a discussão sobre os blogs e a militância *online*;**
- ii. As relações sociais – quais relações sociais são colocadas em articulação a partir dos marcadores sociais de diferença;**
- iii. Os fenômenos mentais – quais desejos, valores e crenças - que perpassam os blogs;**
- iv. Os discursos.**

Os blogs nasceram em 1998, cunhado primeiramente por Jorn Barger, e serviam para colecionar links e divulgá-los. Nesse momento, o blogueiro necessitava de noções de HTML, o que fazia dos blogs uma ferramenta apenas empregada por *experts* de informática. Para Quadros (2007), tal momento é denominado como primeira fase, os protótipos de blogs, que eram diários pessoais - que continham *links* para assuntos gerais ou *links* temáticos - ou diários instrutivos - com *links* para assuntos gerais. A segunda fase, os contemporâneos, surge depois da emergência de programas que facilitavam a disponibilização de conteúdos na rede, cuja característica principal é de “criar um enredo e incentivar a participação do público” (QUADROS, 2007, p.2), democratizando o uso dos blogs.

As definições e conceitos de blogs é uma tarefa difícil, já que diversos autores tentaram conceituar a partir de elementos diferentes. Para Amaral, Recuero e Montardo

(2008), diversos autores os definiram a partir de três critérios: a definição estrutural, funcional e como artefatos culturais. A primeira leva em consideração as características de formato nos quais os textos são colocados “no topo da página e frequentemente atualizados, bem como a possibilidade de uma lista de links apontando para sites similares” (AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2008, p.2). Além dessa característica, os blogs também são caracterizados como uma ferramenta de publicação pessoal, o que confere a eles uma estrutura personalizada.

A segunda, a definição funcional, traz a concepção dos blogs como um meio de comunicação, uma prática midiática, cujo caráter social se dá pelo seu elemento conversacional, tanto do texto em si, quanto das possibilidades de comentários dos leitores e dos *links* associados. Os blogs, então, são “mais que uma ferramenta de publicação caracterizada pelo seu formato, é uma ferramenta de comunicação, que é utilizada como forma de publicar informações para uma audiência” (AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2008, p.3). Esse é um ponto importante da prática particular: os blogs selecionados da presente dissertação têm uma audiência prevista: mulheres gordas e suas relações de raça, gênero e sexualidade, principalmente. Dessa forma, as escolhas lexicogramaticais dos eventos discursivos levam em consideração as possíveis consumidoras dos textos publicados (as escolhas serão analisadas na próxima seção).

A terceira, a definição de blogs como artefatos culturais, aproxima os blogs de seu contexto sociohistórico, pois admite-os como um espaço no qual os significados culturais são compartilhados, e, por essa razão, é possível perceber quais significados as blogueiras iteram ou contestam em seus relatos. Essa definição é bastante cara aos propósitos dessa dissertação pois os relatos de si das gordas nos blogs são constantemente produzidos como um combate a visões hegemônicas da biomedicina, da pornografia e da moda bem como uma tentativa de ressignificação destas. Dessa forma eles são “o repositório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, nos quais é possível, também, recuperar seus traçados culturais” (AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2008, p.4). Essa concepção dialoga com o “Relato de si” (BUTLER, 2015) nas cenas de interpelação, na qual toda narrativa de si é sempre uma resposta a instituições que, de forma explícita ou implícita, perguntam quem somos nós na reconstituição de nós mesmas.

É comum descreverem os blogs como “escrita íntima” (SCHITTINE, 2004; AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2008), uma forma de narrativa de si dentro de um espaço público. Entretanto, essa personalização não é puramente subjetiva, na qual

cria, mesmo escrevendo para um público de estranhos, maneiras de fazê-lo participar ou não de sua vida íntima. (...). De forma que determinadas informações sobre quem escreve só chegam a um grupo de pessoas escolhidas pelo autor. Ao contrário do que se pensa, a exposição na internet não anula a possibilidade de criar um segredo, mas estabelece novas formas de compartilhá-lo (SCHITTINE, 2004, p. 19).

Assim, o Outro participa do conteúdo do blog, materializando as cenas de interpelação (BUTLER, 2015), fazendo com que escolhas lexicogramaticais sejam instanciadas nos textos, constituindo os corpos-discursos. Podemos exemplificar, a partir de nosso *corpus*, o uso do imperativo como forma de diálogo e empoderamento, uma escolha que leva em consideração a Outra, as consumidoras, bem como a negação leva em consideração o Outro, a biomedicina, a pornografia e a moda.

Primo (2008) sugere uma classificação interessante em relação aos blogs levando em consideração as condições de produção a partir do número de redatores e dos estilos dos textos – reflexivos e ou informativos, ou seja, se possuem avaliações ou não dos autores sobre o que veiculam. No caso do nosso *corpus*, são todos blogs pessoais, já que as autoras não são *experts* sobre o assunto, ao contrário dos blogs profissionais. O fato de não serem *experts*, no entanto, não os retiram de seu caráter de autoridade já que, a partir de seus *posts*, pode-se se construir uma reputação e se tornar, assim, uma referência. Além de pessoal, os blogs constituem como auto reflexivos, que se definem como voltados

para a manifestação de opiniões e reflexões pessoais sobre si, sobre os outros e sobre sua vida cotidiana. Tais manifestações (mesmo em blogs privados, com acesso apenas para um pequeno grupo) podem constituir o que Nardi, Schiano e Gumbrecht (2004) chamam de “pensar enquanto se escreve”. (...). As reflexões próprias podem repercutir no próprio processo de tomada de consciência (PRIMO, 2008, p.5).

A tomada de consciência, tanto de si quanto da possível tomada das consumidoras dos textos, coloca os blogs como uma forma de manifestação de si e de contestação de valores hegemônicos. É sob este viés de contestação que os blogs desta dissertação se inserem como práticas midiáticas alternativas, que pesquisam “formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalece o

sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas” (GOÉS, 2007, p. 4). Dessa forma, as práticas midiáticas alternativas encontram na internet um espaço profícuo para atuar, de maneira mais democrática e participativa, fazendo com que valores, crenças dos marginalizados possam ser compartilhadas a fim de uma mudança nos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais: “a ‘militância online’ busca a disseminação de ideias e o máximo de intercâmbios” (GOÉS, 2007, p. 7).

A internet nasce com propósitos militares, mas segundo Castells (1999), essa função foi efetivada somente mais tarde e, segundo o autor, o uso doméstico da rede configura seu caráter mais evidente, no qual a liberdade do conteúdo favorece o diálogo com os movimentos sociais libertários. É nessa relação que se encontra os blogs de nosso *corpus*: a internet possibilitou que informações que não circulam amplamente na mídia tradicional sejam elaboradas bem como a crítica às informações que esta veicula: “em contraposição à televisão, à mídia impressa e ao rádio, a rede de computadores aponta para um caráter descentralizado e interativo na troca de informações, além de não existirem possibilidades de controle totalizante dessa rede” (MARTINS, 2014, p. 27).

Assim sendo, a internet passa a ser um lugar no qual textos são veiculados como forma de atuação política, de reconfigurações de relações sociais, de crenças, desejos e valores, no intuito de transformação social:

Atualmente, o uso da internet voltado para ação política é convencionalmente chamado de midiativismo (MACIEL, 2012), novo ativismo político (ASSIS, 2006), ciberativismo (MARZOCHI, 2006) ou, ainda, web-militância (FERREIRA, 2012). Esse novo modo de fazer política é parte do universo da cibercultura e, por assim ser, é preciso compreendê-lo como um fenômeno múltiplo e fluido que acompanha as características da própria internet. Como resultado disso, podemos observar que o termo é empregado para caracterizar as mais diversas formas de agir na internet. (MARTINS, 2014, p. 28).

Na tentativa de reconfigurar as concepções de saúde, beleza, das contestações das representações e identidades da biomedicina, da pornografia e da moda, na tentativa de empoderamento das mulheres gordas, os blogs que constituem o *corpus* da presente dissertação podem ser inseridos no chamado midiativismo⁵. Este, levando em

⁵ Por midiativismo compreendemos todo e qualquer prática midiática que tem como objetivo defender uma causa, dentro dos movimentos sociais, redefinindo representações e promovendo identidades de resistência, de projeto-resistência e de projeto.

consideração a temática, é configurado como um midiativismo de mulheres, dentro do ativismo gordo.

Além disso, cada blog faz intersecção com distintos marcadores sociais de diferença. Isso tem como efeito distintas formas de ativismo, trazendo diferentes discursos acerca das vivências das mulheres gordas, o que será explicado adiante nos cenários da negociação das diferenças. O blog “Gorda e Sapatão” intersecciona o gênero com os marcadores tamanho/gordura; raça, sexualidade, geração; o “*Kiss the fat girl*”, com os marcadores tamanho/gordura, raça e geração bem como o “Beleza sem tamanho”. A revista *online* não foi discutida na prática particular pois sua inserção teve caráter temático e não de gênero como explicada na metodologia. Sua relação com os marcadores sociais de diferença se assemelha aos três últimos blogs.

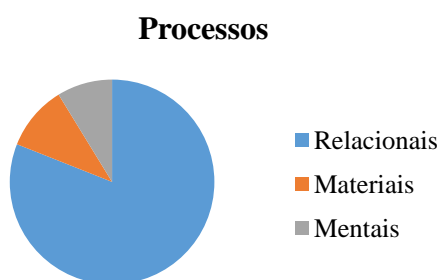
3.3 Análise do discurso

Este momento da análise, conforme os objetivos da pesquisa, refere-se aos significados representacionais e identificacionais mais relevantes dos textos bem como uma análise do cenário social da diferença. Dessa forma, o objetivo é descrever, analisar e explanar os processos, participantes e circunstâncias bem como as modalidades epistêmicas e deônticas principais assim como os temas e identidades que compõem esses discursos e sua relação com os marcadores sociais de diferença. Dividimos a análise em três categorias macrossemânticas:

- (i) **a (des)construção do corpo gordo doente e feio;**
- (ii) **a criação e transformação das representações e identidades das gordas**
- (iii) **o empoderamento.**

Os processos mais recorrentes no *corpus* podem ser resumidos no seguinte gráfico:

Gráfico 1 – Recorrência dos principais processos



De acordo com Fairclough (2003), os significados representacionais representam o mundo, ligados aos discursos que se constroem sobre determinado objeto, atrelados a (rede) de ordens do discurso que delineiam, no caso do presente corpus, atributos, identidades, ações, desejos e afetividades sobre o corpo gordo feminino. Essa articulação de representações e ordens discursivas pode ser resumida no quadro a seguir:

Quadro 4– Sistematização dos temas e ordens do discurso

(Des) construindo o corpo gordo feio e doente:	Criando e transformando o ser gorda:	Desejando o empoderamento e amando o corpo:
Ser doente - ordem do discurso da medicina	Transformações das representações sobre as gordas: ordem do discurso da militância e empoderamento	Ordem do discurso da militância e empoderamento
Ser feia - ordens do discurso da pornografia e da moda	Transformações das representações sobre as gordas: ordem do discurso da militância e empoderamento	
Ser saudável e bonita: ordem do discurso da militância e empoderamento		

3.3.1 (Des)construindo o feio e o doente.

A maioria dos processos usados nos textos é o relacional. De acordo com HALLIDAY e MATTHIESSEN (1994), os processos relacionais servem para caracterizar e identificar pessoas, instituições, coisas, etc. Dessa forma, estes constituem duas importantes funções semânticas: construir relações abstratas de atributos e de identidades. Os primeiros dão características a pessoas, coisas e fatos, e, no momento que caracterizam, demonstram a posição de quem atribui, podendo ser um elemento potencialmente ideológico. Os segundos dão identidades e demonstram como certas ordens do discurso identificam ou são identificados e, do mesmo modo, que os atributos podem carregar potenciais de sentidos investidos ideologicamente.

Além disso, os processos relacionais servem tanto para interpretar o mundo exterior, da ação quanto para o mundo interior, ou seja, as identidades/atributos interferem na constituição dos atores sociais no momento em que atuam no mundo e em que constroem a representação de si mesmo e do outro: “tanto a experiência externa quanto a interna podem ser interpretadas por processos relacionais, mas estes moldam essa experiência mais como “sendo” do que como “agindo” ou “sentindo””

(HALLIDAY, 1994, p.211. Tradução nossa). De acordo com o autor, a experiência com a vida social é interpretada como “sendo” no momento em que investigamos como atributos/identidades são interpretados durante o tempo e como estes são interpretados quando são configurados com processos e participantes. As principais escolhas lexicogramaticais que representam os processos relacionais, na presente pesquisa, são o “ser”, o “estar” e o “ter” que representam, respectivamente, identidades/atributos permanentes, identidades/atributos momentâneos e posse de identidades/atributos. Os grupos verbais são utilizados para dar identidades/atributos para o corpo da gorda, dessa forma, a gorda é identificada pelo mundo a partir de seu corpo, na perspectiva do relato de si mesma e das outras gordas quanto na perspectiva das instituições.

A primeira representação sobre o corpo gordo feminino se constitui a partir da relação entre “corpo que balança”, mole – o corpo gordo – e o corpo tonificado, duro – o corpo magro:

1. Sexo é algo sublime que mexe com o nosso corpo - literalmente, - todas as tais terminações nervosas, todos os nossos sentidos. (Gorda e Sapatão, 2014).

Tal relação é descrita no *corpus* pelo sexo, já que uma das instituições que propaga o corpo duro/tonificado/plastificado é a indústria da pornografia disseminando o padrão de um corpo feminino que seja desejável e excitante. Para Amaral, (2014), o corpo é o resultado do gosto de classe que pode se manifestar, por exemplo, “no que tem mais natural em aparência, isto é, nas dimensões (volume, estatura, peso) e nas formas (redondas, quadradas, rígidas e flexíveis, retas ou curvas, etc) (AMARAL, 2014, p. 139). Sendo assim, a pornografia configura uma das instituições responsáveis pelo valor dado ao tamanho/gordura. Segundo Pereira (2008), ela possui poder de padronizar corpos pois emerge no período histórico do Iluminismo e se desenvolve no Positivismo, portanto a indústria pornográfica contribuiu e ainda contribui para a classificação e normatização dos comportamentos humanos. Além disso, a pornografia leva em consideração o

ponto de vista masculino e em um processo que objetificou o corpo feminino. Como é sabido, na construção do moderno olhar pornográfico, a psicologia e a medicina eram fundamentais. (...) A pornografia propõe uma pedagogia da sexualidade que opera na normatização e naturalização da relação entre os corpos (PEREIRA, 2008, s/p. Tradução nossa).

O ponto de vista masculino, o homem cis, branco e heterossexual, emergiu e propagou uma indústria pornográfica normatizadora do sexo entre mulheres e homens cis, subordinando o desejo das primeiras em detrimento dos segundos, muitas vezes naturalizando violências. Em uma posição contrária à normatização e à naturalização, o texto utiliza do processo relacional atributivo: o portador do atributo “sexo” é caracterizado sendo como algo que “mexe” com o nosso corpo, ou seja, a figura do corpo como estático é irreal. É interessante entendermos a escolha lexicogramatical do “nosso”: o blog *Gorda e Sapatão* tem como público alvo mulheres gordas, negras e lésbicas, logo o corpo em questão é o corpo gordo/negro/homossexual (corpo este que não se adequa ao padrão estabelecido pela indústria pornográfica, a não ser como fetiche para homens cis). Dessa forma, a disseminação feita pela pornografia de um corpo feminino que não balança é uma das maneiras de iterar um padrão que exclui o corpo gordo. A configuração do corpo gordo feminino é feita, então, a partir da contestação do discurso da pornografia, pois a característica flácida da maioria do corpo gordo feminino precisa ser vista como algo natural, pelo fato de todos os corpos balançarem.

Em termos de significados identificacionais, as trocas de conhecimento são realizadas a partir da modalidade epistêmica em uma assertiva afirmativa “sexo é”, o que coloca a autora fortemente engajada e próxima da verdade que ela propõe:

A construção de identidades e de identificações relaciona-se ao significado identificacional, mas também está ligada aos processos de classificação, de elaboração de semelhanças e diferenças (significado representacional), e aos processos de construção, manutenção e subversão de papéis sociais e relações sociais (VIEIRA E RESENDE, 2016, p.133)

Dessa forma, o engajamento é categórico ao afirmar que o sexo é “algo sublime”, uma avaliação positiva e que “mexe com nosso corpo – **literalmente**”. O circunstanciador reforça a ideia de o corpo balançar, trazendo à tona isso como um fato natural e, portanto, colocando os corpos gordos como normais, desconstruindo o ideal simétrico/tonificado/magro que a pornografia dissemina, subvertendo tal disseminação. Há, aqui, uma identidade de resistência (CASTELLS, 1999) materializada a partir de assertivas afirmativas.

Na mesma perspectiva de contestação, as identidades propagadas pela pornografia e iteradas em outros discursos são identificadas como “erradas”:

2. Errado é acharem que corpo deva perder todos os sentidos e reações na hora do sexo. Errado é essa ideia que impregna nossas mentes de que é feio ou não excitante o balançar os seios, das coxas, da barriga gorda. (Gorda e Sapatão, 2014).

Os processos relacionais identificativos têm como identificador as pessoas e instituições que perpetuam a perda dos “sentidos e reações” quando se está fazendo sexo. Essa identificação se relaciona com o fato de que o corpo que balança – atributo dado ao corpo gordo como analisamos no trecho 1 e identidade no trecho em questão – não pode se anular por isso. Da mesma forma, o identificador “é feio ou não excitante o balançar dos seios, das coxas e da barriga gorda” demonstra que certas instituições, no caso do texto, a pornografia, propagam a concepção de que o corpo gordo é feio e não excitante o que, implicitamente, nos revela que apenas o corpo magro é bonito e causa excitação nas outras pessoas.

De acordo com Wolf (1992), a beleza é um instrumento de dominação que recai sobre as mulheres. No momento em que elas saem do encarceramento da vida privada, a domesticidade não mais serve para mantê-las submissas, “[a ideologia da beleza] se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar” (WOLF, 1992, p.13). Então, a beleza se torna uma obrigação, colocando as mulheres em uma vigilância constante sobre o corpo e desviando-as de outras, talvez até ainda a da beleza, mas não essa beleza imposta pelas indústrias de cosméticos e *fitness*, da moda ou da farmacêutica. Dessa maneira, o padrão de beleza calcado na simetria grega (PIGEAUD, 2009) e juventude passa a ser um imperativo a mulheres:

Um maior número de mulheres dispõe de mais dinheiro, poder, maior campo de ação e reconhecimento legal do que antes. No entanto, em termos de como nos sentimos do ponto de vista físico, podemos realmente estar em pior situação do que nossas avós não liberadas. Pesquisas recentes revelam com uniformidade que em meio à maioria das mulheres que trabalham, têm sucesso, são atraentes e controladas no mundo ocidental, existe uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle. (WOLF, 1992, p.12).

Todos os identificados são representados pelo item lexical “errado”, trazendo uma posição negativa e de combate aos que pensam e iteram concepções negativas sobre o corpo gordo feminino. Assim, há uma desconstrução deste ao colocar como possível a gorda ser bonita e excitante, ressignificando o que é a beleza, contrariando a

visão de belo como opressão, uma forma de identidade de resistência (CASTELLS, 1999). Em outras palavras admitir a beleza do corpo gordo é uma paródia subversiva (BUTLER, 2016) pois tem o poder de se afastar da matriz de inteligibilidade, do padrão hegemônico da beleza descrita por Wolf (1992).

Essa identidade de resistência é também encontrada no texto “*Sobre ser gorda e a farsa da feminilidade*”. Aqui, a beleza é vista como um dos traços que define o que é ser mulher. Em outras palavras, a autora se aproxima do que BUTLER (2016) argumenta sobre feminilidades, performatizações que, a partir da iterabilidade, no campo, principalmente, discursivo, geram significações sobre o que é ser mulher. Essas performatizações parodiam a norma e podem se aproximar, ressignificar ou confrontar o padrão da matriz de inteligibilidade:

3. **Amiga**, deixa eu contar um **segredo** identidade de solidariedade pra você: esse conceito de feminilidade é uma farsa. Uma mentira. (...). Saiba **que você não está sozinha**. Que seu corpo **não é** errado. Deixa eu te falar uma coisa que não é segredo e está aí pra todo mundo ver: você é linda. (Capitolina, 2015).

A autora utiliza os processos relacionais identificativos para desconstruir o conceito de feminilidade. De forma categórica, em uma assertiva afirmativa ela identifica a feminilidade como “farsa” num processo de avaliação negativa, configurando uma identidade combativa a essas performatizações que geram significações do tipo ‘gorda é feio’. Essa desconstrução é descrita a partir da negação, categoricamente de que o corpo gordo “não é errado”. Aqui, de novo, percebemos como a negação é uma escolha lexicogramatical de resposta a representações e identidades hegemônicas (errado em relação a quê? O que seria o certo? O adequado? E quem diz o que é certo ou errado a partir de quê?). O último processo relacional desconstrói o sentido de linda ao dizer “você é linda”, já que você é uma potencial interlocutora gorda. Alinhando-nos à discussão dos *Fat Studies*: há uma performatização que, além de confrontar a norma, a subverte, gerando novos significados a representações e identidades hegemônicas do que é ser belo e saudável. E o mais importante talvez seja desconstruir essa estreita ligação naturalizada entre beleza<=> saudável.

Em termos de significados identificacionais, o uso de vocativo “amiga” traz uma esfera de intimidade e confiança, elaborando uma identidade de solidariedade que perpassa também questões afetivas. Isso é reforçado tanto pelo léxico “segredo” como também pelo “você não está sozinha”. Essa identidade de solidariedade aproxima a

narradora das interlocutoras, trazendo uma alto investimento e engajamento na verdade que propõe a partir desse diálogo tão íntimo e próximo. Assim, ressignificar o conceito de beleza e ajudar outras mulheres gordas se reconhecerem belas pode se tornar mais efetivo.

A segunda representação do corpo gordo, e, portanto, da gorda, é a relação entre este e a doença. O processo de medicalização do corpo é um dos mais citados e problematizados no *corpus*. Isso se deve à naturalização que certas ordens do discurso fazem dos corpos, trazendo à tona a relação entre o corpo gordo doente e o corpo magro saudável. Os discursos se apoiam em pesquisas da área médica e da nutrição, principalmente, discursos autorizados cientificamente:

4. No rumo que essas pesquisas têm tomado, estão considerando **absolutamente** todas as pessoas com 1kg a mais daquilo que diz o IMC como obesas, porque colocando sobrepeso e excesso de peso no mesmo bojo de doença, que é a obesidade, logo, **somos** todos e todas doentes! Isso mesmo, eu que peso 150 kg e você que pesa 60kg, (a depender da altura, claro, respeitemos o sagrado IMC), **somos** doentes (Gorda e Sapatão, 2017).

O processo mental – processo que será explicado posteriormente - “considerando” coloca como agentes “pesquisas”, generalizando, portanto, todas as áreas científicas que medicalizam o corpo e que são responsáveis por atribuir ao corpo gordo o status de doente. O modalizador “absolutamente” reforça a ideia do processo de medicalização e homogeneização dos corpos, processos estes que contribuem para a configuração do corpo gordo como doente, e, portanto, algo a ser curado. Temos de novo, um maior engajamento da autora em relação ao processo de desconstrução desse conhecimento sobre os corpos gordos, elaborando uma identidade categórica de negação à medicalização dos corpos. O elemento que serve como parâmetro é o IMC, índice de massa corporal, que leva em consideração apenas a relação entre o peso e a altura das pessoas, ou seja, desconsidera outros fatores, inclusive de ordem psicológica, para identificar a salubridade. A saúde, então, é vista apenas pelas características de ordem física, um olhar que contrapõe a ideia de que a saúde seja uma interação de aspectos de bem-estar físico e emocional (RAJURNEN, 2009).

Outro ponto importante é a homogeneização do corpo gordo, uma forma de tentar dissipar a heterogeneidade desse corpo, principalmente, o feminino. Thompson (2011) descreve os modos de operação da ideologia como instrumentos eficazes para a

manutenção de representações particulares e hegemônicas sobre a realidade. O texto opera com a unificação por meio da padronização:

Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independente das diferenças e divisões que possam separá-los. Uma estratégia típica através da qual esse modo é expresso em formas simbólicas é a *padronização*. Formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica. (THOMPSON, 2011, p.86).

As pesquisas consideram, a partir do IMC, todos os corpos que não se adequam a ele como gordos e doentes pela escolha lexicogramatical “mesmo bojo de doença”, desconsiderando a diversidade do corpo gordo e a possibilidade deste ser saudável. Isso é enfatizado pela escolha “somos doentes” que configura, a partir do processo “somos”, todo corpo gordo, mesmo que seja visivelmente diferente de outros corpos. A diversidade do corpo é materializada no texto quando a autora compara um corpo de 150 kg com um de 60 kg, enfatizando como a padronização pode ser problematizada. O discurso médico, então, homogeneiza o corpo e isso serve para propagar a naturalização de que todo corpo gordo é doente.

Quando uma ordem do discurso é considerada como autoridade, legítima, outras ordens discursivas podem se apropriar dos discursos e iterar as representações particulares de um grupo. É por essa razão que a análise da interdiscursividade (FAIRCLOUGH 2001, 2003) é uma categoria fundamental para os significados representacionais. No corpus, a ordem discursiva das grandes mídias, se apropria principalmente da ordem discursivo-médica, a partir da citacionalidade (BUTLER, 2016), de forma a promover a homogeneização dos corpos e a insalubridade do corpo gordo:

5. Tem também uma mídia que colabora tanto para o convencimento de que **ter** um corpo grande e/ou gordo é errado quanto para legitimar a cirurgia bariátrica como solução dos problemas DA VIDA! (Gorda e Sapatão, 2017).

No trecho, os processos relacionais “ter” e “é” são atribuídos aos discursos da mídia que colabora, ou seja, ajuda a iterar, a concepção medicalizada do corpo gordo. A primeira, um processo relacional possessivo, mostra que o possuído – todos aqueles que possuem um corpo grande e ou gordo - é rechaçado. Esse possuído, por sua vez se transforma no identificado do processo relacional identificativo do “é” e a identidade

estabelecida é “errada”. Em outras palavras, a gorda é identificada como errante e desviada e tal identificação serve para legitimar a intervenção cirúrgica, mesmo quando não é necessária, do ponto de vista médico.

Essa discussão promovida no texto é antecedida pela discussão da cirurgia, problematizando que mulheres gordas não doentes têm engordado para conseguir alcançar a meta do peso indicada para a intervenção cirúrgica. Essa popularização da cirurgia tem raízes não somente no discurso médico, mas também em outras ordens discursivas, como a mídia, que iteram a necessidade de ser magra, levando principalmente as mulheres a se submeterem a procedimentos violentos para se adequarem a esses corpos ditos legítimos e padrões. A escolha do operador argumentativo “como” representa, semanticamente, um atributo à cirurgia bariátrica “solução para os problemas DA VIDA”. A saliência do termo “da vida” nos mostra que a o procedimento soluciona questões além da saúde, pois esta é apenas um dos elementos que compõe a vida social. Assim representações particulares do corpo gordo são feitas a partir de diálogos de discursos que se utilizam da autoridade da medicalização para promover a ideia de que o corpo gordo deve ser curado, mas ao mesmo tempo a saúde não é o ponto principal da reforma do corpo, ela é um argumento para legitimar a gordofobia:

Gordofobia, semelhante à homofobia, é uma realidade na qual corpos magros são definidos como moralmente, esteticamente e sexualmente desejáveis enquanto corpos pesados são desvalorizados. O sufixo “fobia” evoca o medo e o ódio sobre o corpo gordo tanto em si quanto em outros provoca em muitos na contemporaneidade (SAGUY & WARD, 2011, p.3. Tradução nossa).

Outro ponto importante nos processos relacionais e nas construções das identidades é o confronto das representações vinculadas às mulheres que militam favoravelmente à aceitação do corpo gordo. É o que o texto “Lutar contra a gordofobia não é ser contra o emagrecimento” problematiza:

6. Não **sou** contra o emagrecimento, **sou** contra ele ser feito de forma violenta, despreparada, descuidada, sem um controle ou acompanhamento. Fiz dieta durante 21 anos da minha vida, tempo suficiente para saber na prática que dietas de revistas e livros de alta circulação podem piorar significativamente sua saúde(...) que dietas malucas e restritivas **são** extremamente perigosas, entre outras coisas péssimas. (Kiss the fat girl, 19 de agosto de 2016).

Os processos relacionais identificativos configuram uma identidade já marcada pela negação “não sou contra o emagrecimento” o que nos revela ser uma resposta a discursos que dizem o contrário, em termos de identidade, uma identidade de resistência (CASTELLS,1999). A identidade da autora é de combate a representações hegemônicas sobre a militância. O segundo processo relacional, representado por uma modalidade epistêmica de assertiva afirmativa, configura a identidade de ser contra a forma como o emagrecimento é naturalizado na sociedade. Nas palavras de Amaral (2014):

O culto ao corpo se configura como uma marca do século XX, em radicalização na atualidade, que opera sobre as mulheres, impondo-lhes a magreza como ideal de saúde, beleza, evidenciando o paradoxo entre a liberdade e o aprisionamento que ainda permeia as corporeidades femininas (AMARAL, 2014, p.147).

Ao confrontar a ideia de que a militância gorda limita as pessoas de quererem emagrecer, a autora reforça os procedimentos irresponsáveis de emagrecimento que a sociedade naturaliza. A partir daí a, a autora lança mão de um relato, trazendo sua vivência de dieta que a fez perceber como elas são perigosas. É exatamente nesse ponto que se configura as identidades das dietas ditas no texto: “são extremantes perigosas, entre outras coisas péssimas”. A modalidade epistêmica é altamente engajada, reforçada pelo circunstanciador “extremamente” que coloca em um grau máximo as avaliações “perigosas” e, por extensão “péssimas” avaliações estas negativas. A autora constrói uma identidade categórica, assumindo como autoridade os processos de vivência, trazendo a importância política do relato de si (BUTLER, 2015).

Assim, a padronização do corpo gordo atrelado à ideia de obesidade, e, portanto, de uma doença, colabora para circular a ideia da cura da gorda e traz, implícita, a disseminação do padrão simétrico do corpo, representação esta desconstruída no trecho a seguir:

7. [onda que vem afogando todo mundo sobre obesidade] É algo muito criminalizador também e, conseqüentemente, culpabilizador. Porque as exigências estéticas chegam primeiro do que o cuidado com a saúde, isso é “consequência”. O padrão de beleza magro e a expectativa que se tem em alcança-lo é muito mais enfatizado do que propriamente uma preocupação com a saúde. (Gorda e Sapatão, 2017).

O processo relacional identificativo possui como identificado “a onda que vem afogando todo mundo sobre a obesidade”. A metáfora onda é uma escolha que identifica

o processo de desconstrução dessa representação sobre a gorda, já que indica algo que não permanece no tempo: o movimento da onda indica que podemos mudar o curso das coisas, em outras palavras, pode ressignificar as identidades sobre mulheres gordas. Essa desconstrução é representada pelos identificadores marcados, principalmente pelos itens lexicais “criminalizador” e “culpabilizador”, atribuindo um valor semanticamente negativo às representações sobre a obesidade, reforçado pelo circunstanciador “muito”. Os itens lexicais estão relacionados à noção de culpa e crime, o que nos leva a uma esfera jurídica, “definindo” as pessoas gordas como amorais, alinhando-se às ideias de Harjunen (2009) sobre a noção de saúde hegemônica, a limitando como uma busca individual de estilo de vida, tornando-se, pois, uma questão moral. Então, pessoas gordas são culpadas pelo seu peso única e exclusivamente pelo fato de ter escolhido um estilo de vida que as faz serem gordas.

É interessante como as avaliações estão presentes no excerto, avaliações negativas acerca dos valores sociais atrelados à obesidade, elemento importante para a problematização da cirurgia bariátrica, produzindo a identidade de resistência (CASTELLS, 1999). O uso de assertivas afirmativas coloca a autora fortemente engajada na desconstrução desses valores, de maneira categórica às verdades que defende. O sufixo –ador indica uma ação sobre as pessoas gordas, colocando-as como criminosas e como agentes de representações negativas de si. O fragmento indica que a onda – as representações patologizantes sobre o corpo gordo – tem como exigência não somente a saúde, mas também as “exigências estéticas”, colocando a primeira como consequência da segunda. Dessa forma, o que está sendo problematizado é a ideia de que os argumentos médicos sobre o corpo gordo é instrumento para a perpetuação do padrão de beleza magro, um movimento entre distintas ordens do discurso que trabalham mutuamente para os comportamentos de repulsa ao corpo gordo.

Uma recorrência do *corpus* significativa é o enunciado “Ser gorda é”, neste caso o atributo “gorda” torna-se uma identidade atributiva, já que está atrelado ao processo “ser”. O “ser gorda” se faz por meio do atributo corporal, ou seja, que é ter o corpo gordo. O corpo é, ao mesmo tempo, atribuição e identidade, é através dele que as representações sobre gordas são interpretadas no mundo. Por essa razão, ***estamos propondo uma categoria*** que hibridiza os processos atributivos e identificacionais: **o processo relacional atributivo-identificacional** cujos participantes **portador-identificado** enfraquecem a linha que separa o atributo da identidade. Dessa forma o

corpo gordo se identifica e é identificado a partir do que porta e é atribuído, o que faz com que admitamos um processo relacional atributivo-identificativo:

8. **Ser gorda** é ser preterida em empregos e também em relacionamentos, é ter sua saúde questionada por todas as pessoas, é pensar antes de sair de casa se o lugar aonde vai irá te “cabem” (literalmente viu? Cadeiras, catracas e muitas outras coisas não nos cabem). **Ser gorda** é estar à margem da moda e nem mesmo marcas que dizem investir no plus size cabem, por sinal C & A vocês sabiam que existem uma parcela imensa de gordas que não cabem no tamanho 54? **Ser gorda** é resistir e viver em um mundo em que a sociedade, o tempo todo, tenta nos moldar, quando digo nos moldar é nos mais diversos modos. (Beleza sem tamanho, setembro de 2016).

Os processos relacionais atributivo-identificativos mostram que as identidades de “ser gorda” passam por distintas partes da vida social: o mercado de trabalho, as relações afetivas, a acessibilidade, a vestimenta e, por fim, a resistência. As quatro primeiras revelam o processo de marginalização das pessoas gordas: o léxico “preterida” nos revela que mulheres gordas não são, normalmente, a escolha e, por isso, são excluídas do mercado. Da mesma forma, são marginalizadas de relacionamentos amorosos, trazendo a solidão da mulher gorda: “Numa sociedade capitalista que ranqueia pessoas de acordo com seu valor financeiro, a aparência da mulher é frequentemente o mais precioso atributo para o sucesso profissional e amoroso” (ROTHBLUM, 2009, p.174). Outra escolha lexicogramatical é “cabem”, um grupo verbal material, que indica como a sociedade é estruturada fisicamente para os magros, já que os espaços estão cada vez mais são compactos e os materiais escolhidos muitas vezes são frágeis ou inadequados.

Outra marginalização representada por “estar à margem” se relaciona à ordem do discurso da moda, que, mesmo com um segmento *plus size*, o qual, teoricamente atenderia às mulheres gordas, monta um padrão de aceitabilidade do corpo gordo. Amaral (2014) argumenta o poder que a moda possui sobre a regulação dos corpos ao admitir que “a seria uma das estratégias de diferenciação social” (AMARAL, 2014, p.141). Dessa forma, a moda *plus size*, ao propagar a ideia de uma gorda mais próxima do padrão, age sobre o corpo gordo feminino, traçando um ideal de gorda a ser seguido, parodiando o ideal magro/simétrico, ao tentar imitar esse padrão em corpos desviantes

dele. O corpo gordo ideal, então, não é o padrão, mas quando mais se aproxima dele, mais valor na indústria da moda *plus size* ele tem.

O texto em questão “Carta aberta à C & A, traz, em termos de significados identificacionais, perguntas que se dirigem à marca: “vocês sabiam que existem uma parcela imensa de gordas que não cabem no tamanho 54? ”. Percebemos uma forma não modalizada de pergunta, que engaja tanto a autora quanto sua interlocutora. Em outras palavras, a pergunta retórica faz com que a resposta seja presumida, tanto para os leitores quanto para a própria marca. A resposta à pergunta, mesmo que não explícita no corpo do texto, é de que a marca sabe que existem mulheres gordas que são excluídas da moda *plussize*, o que pode representar uma forma de contestação de uma moda dita inclusiva, mas que, na realidade, não o é. Observamos, também, a recusa na aceitação da diversidade do corpo gordo, a padronização (THOMPSON, 2011), pois apenas alguns corpos gordos se adequam ao padrão *plus size*. Por último, e em uma perspectiva da desconstrução, o corpo gordo é identificado/atribuído como resistência a um mundo que parcialmente “molda” o corpo gordo, diminuindo fisicamente, tentando impor padrões e limites às gordas: o léxico “resistir” nos permite interpretar o sentido ideologicamente investido de não aceitar tais imposições.

3.3.2 Criando e transformando o “ser gorda”

A segunda recorrência no *corpus* são os processos materiais. Para HALLIDAY e MATTHIESSEN (1994), as orações materiais interpretam mudanças de fluxo de eventos que necessitam de uma carga de energia despendida por algo ou alguém. Portanto, “em orações materiais, a fonte de energia que ocasiona a mudança é tipicamente um participante - o Ator” (HALLIDAY, 1994, p.179. Tradução nossa). Ressaltamos que nem sempre o ator assume a função de sujeito das orações já que em orações do tipo passiva, este é o elemento que recebe a energia despendida. O elemento que faz a função do sujeito é topicalizado, e a coerência (FAIRCLOUGH, [1992] 2001) da informação recai sobre ele, ou seja, é preciso investigar as razões pelas quais a força da informação está no ator ou naquele que sofre a ação.

Nas orações materiais, o ator ocasiona uma mudança no fluxo do tempo fazendo com que haja uma alteração tanto nele próprio quanto em algo ou alguém a quem dirige sua ação, ou seja, o resultado “pode ser confinado ao próprio Ator (...) [ou] pode ser estendido a outro participante” (HALLIDAY, 2004, p.180). A esse último, HALLIDAY

&MATTHIESSEN (2004) categoriza como a Meta. Quando a mudança é do Ator, as orações são intransitivas, quando há outro participante afetado pela ação, são transitivas. Para a presente pesquisa, a diferença entre os resultados é de suma importância:

A natureza do resultado afetando o Ator na oração ‘intransitiva e a Meta na ‘transitiva’ revela o critério geral para reconhecer subtipos mais delicados de orações materiais. A principal diferença é entre (i) orações ‘criativas’, nas quais o Ator ou Meta é interpretado como sendo trazido à existência no curso do processo e (ii) as ‘transformativas’, nas quais um Ator e Meta que já existem são interpretados como sendo transformados no curso do processo (HALLIDAY, 2004, p.184. Tradução nossa).

Assim, a análise debruça em quais atores interpretam a experiência com o mundo exterior e interior criando representações para a gorda e quais deles transformam representações já criadas, em um movimento de construção e desconstrução do corpo gordo feminino, revelando as ordens discursivas hegemônicas e de resistência e como tais vozes se articulam nos discursos.

A primeira temática sobre os processos materiais do corpus está ligada a políticas de acessibilidade para o corpo gordo. As políticas de acessibilidade devem reconhecer a diversidade para garantir o acesso de todas as pessoas nos espaços público e privado tendo como objetivo principal a justiça social (FERNANDES e ORRICO, 2008). Tal representação é discutida e problematizada a partir das experiências de pessoas gordas em transportes coletivos – o ônibus – que demonstra a falta de reconhecimento da diversidade dos corpos e compromete a justiça social. Primeiramente, pela catraca que não é produzida pensando na diversidade dos corpos; segundo, pelos bancos preferenciais, que contemplam teoricamente o corpo gordo, porém não há mudança no tamanho destes. A essa realidade de exclusão nomeamos como invisibilidade:

9. Invisibilidade tamanha, que você **cria** uma **suposta** medida de “inclusão” porque **supostamente** diz que enxergou as “tais pessoas” excluídas. (Gorda e Sapatão, 2016).

O processo material criativo “cria” tem como ator o pronome “você”, que, embora pareça estar relacionado com o interlocutor do evento social, é, na verdade, o governo. A meta é descrita a partir de um modalizador “suposta” que indica que “a medida de inclusão” não existe já que os bancos preferenciais não contemplam o

tamanho do corpo gordo. As políticas de acessibilidade incluem e, ao mesmo tempo, excluem: é o que se denomina de inclusão perversa:

A maneira de o sistema capitalista incluir faz parte dos mesmos mecanismos de iterar e sustentar a servidão, a passividade, a miséria e, principalmente, a alienação do trabalhador. A essa máscara da inclusão, Sawaia denomina inclusão perversa, que provém da produção de ideias imaginativas, feitas pelo próprio sistema nos indivíduos. Eles passam a perceber que as apropriações materiais ou simbólicas os levam a “fazer parte” do todo, finalmente correspondendo adequadamente ao que a sociedade cria a cada instante. Esse sistema inclui para excluir, ou seja, para manter os homens na dependência de um estado de coisas que não diz respeito à sua própria liberdade e potência (BERTINI, 2014, p.60).

A segunda temática relacionada à representação da gorda provém da ordem do discurso da moda:

Nesse sentido, o culto ao corpo “em forma, jovem e saudável, é algo próprio da condição do indivíduo modernos. O início do século XX representa um marco para a construção de um novo ideal de corpo, fortemente influenciado pela expansão da indústria do cinema, dos cosméticos, de moda e de publicidade. Neste período, o corpo magro se impôs como padrão de beleza. (AMARAL, 2014, p.140).

A moda *plus size* é um segmento que vem aumentando nos últimos anos e, por isso, representações sobre a gorda na moda é um ponto importante de discussão. A moda *plus size* vem sendo colonizada (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999) por esse discurso de ideal de corpo, criando um padrão de gorda, ou seja, corpos que são preferencialmente do tipo pera e numeração até o 46 são o público alvo desse segmento. Da mesma maneira que a ordem médica padroniza o corpo gordo como doente, a moda *plus size* padroniza (THOMPSON, 2011) um ideal de corpo gordo, iterando a marginalização e negando a diversidade dos corpos, em uma tentativa de criar uma aceitabilidade para as gordas. Em outras palavras, há um padrão de gorda a ser seguido que é problematizado no trecho a seguir:

10. Por que vocês usaram uma modelo não magra para a chamar de gorda? Sabem quantas mulheres se odeiam por ter um corpo que consideram gordo e muitas vezes nem são de verdade? Vocês já ouviram falar em transtornos alimentares? Sabe o que faz as mulheres pensarem assim C&A? São campanhas como essa que vocês **fizeram**. A modelo é linda e não tenho dúvidas nenhuma de que ela é sexy, mas por favor C&A

entenda que essa ação **desrespeita** as gordas de verdade e ainda **coloca** em risco a vida de milhares de mulheres que, infelizmente, ainda acreditam em coisas como vocês dizem. (Beleza sem Tamanho, setembro de 2016).

A campanha em questão foi realizada pela empresa C&A, colocando uma modelo com os dizeres: “sou gorda & sou sexy” reproduzida a seguir:

Figura 10 – Campanha C&A



As modalidades epistêmicas utilizadas são as perguntas direcionadas à C&A, que servem para o processo de desconstrução das representações que a marca faz do corpo gordo feminino. A primeira pergunta traz uma distinção interessante sobre “não magra” e “gorda”. A primeira são os corpos que não se encaixam no padrão simétrico/tonificado/duro, mas que não perdem seus direitos por isso são corpos que sofrem pressão estética, mas não sofrem gordofobia. Ao colocar uma modelo não magra como gorda, a autora questiona que essa confusão é um dos motivos pelos quais muitas mulheres perseguem o padrão magro, o que pode, inclusive, gerar transtornos alimentares, elemento da segunda pergunta. A terceira pergunta revela um dos pontos importantes do empoderamento das mulheres gordas: a aceitação do corpo (que será discutida na terceira categoria semântica), e a quarta pergunta é a chave para a conclusão que a autora estabelece: a de que a C&A é uma das responsáveis por isso. A modalidade epistêmica, a partir das perguntas, permite os leitores a se questionar, e poder responder a tais questionamentos, construindo uma identidade de resistência (CASTELLS, 1999).

O processo material criativo “fizeram” tem como ator “vocês” que é entendido como a empresa C&A. O ator traz à existência, então, uma representação de gorda ligada à sensualidade, em uma tentativa de ressignificação do corpo gordo feminino. Entretanto, a escolha da modelo é o elemento de crítica à campanha, já que esta

representa, pela presunção valorativa da lexicalização (FAIRCLOUGH [1992] 2001) “gordas de verdade”, uma falsa gorda. Essa ação da moda *plus size* idealiza um padrão de corpo que “desrespeita” e “coloca em risco” vidas. Em outras palavras, ao escolher uma modelo que se assemelha ao padrão simétrico do corpo, a empresa gera perigo às mulheres gordas que podem frustrar ao não conseguirem um corpo gordo aceito e desejável, sensual. A representatividade se torna marginalização, pois itera o padrão simétrico do corpo, mais uma vez negando a diversidade do corpo gordo.

A terceira representação dos processos materiais está ligada à temática do empoderamento das mulheres gordas. Para a análise, é importante entendermos o que esse termo significa já que ele implica em dimensões cognitivas e de ação, ou seja, leva em consideração tanto questões de autoestima, aceitação e autonomia, quanto questões de ação social coletivas. Para Sardenberg (2006), o empoderamento implica a liberdade das mulheres sobre relações assimétricas entre os gêneros, e, portanto, na desestabilização das ações que oprimem mulheres e as subjugam na sociedade. Trata-se de um processo que necessita entender as relações de poder e as ideologias que, tacitamente, colocam as mulheres em uma posição inferior e colocam à margem das ações políticas sociais:

a característica mais conspícua do termo empoderamento está na palavra “poder”, definido por ela como “controle sobre recursos materiais, intelectuais e ideologia” (1994, p.129). Segundo essa mesma autora, o poder decisório emana do controle sobre esses recursos, que tem estado, em grande parte, sob o controle masculino. Contudo, nós, mulheres, não fomos nunca totalmente desempoderadas. Sempre tentamos, de uma maneira ou de outra, “expandir nosso espaço”, mesmo quando as ideologias patriarcais conseguiram minar essas tentativas. (...), “empoderamento” é o processo de questionar essas ideologias e relações de poder (SARDENBERG, p.6, 2006).

O empoderamento, então, necessita de que as mulheres tenham uma visão crítica da realidade. Necessita, também, que tenham a possibilidade de se conscientizar sobre as relações de poder que as circundam assim como de conseguir meios de se organizar para desestruturar tais relações.

Os processos materiais representam, no *corpus*, o empoderamento na perspectiva de organização e agência e são realizados a partir de três temáticas: **a coletivização a partir de exemplos de mulheres gordas – a representatividade -, a militância contra a gordofobia e o pessimismo sobre a tentativa de desconstrução do discurso médico.**

A primeira temática de ação das gordas está relacionada à concepção de representatividade, ou seja, de trazer para a experiência exemplos de mulheres gordas que se libertaram dos padrões estéticos e de medicalização que oprimem os corpos gordos:

11. Depois que eu comecei a **me aceitar** e **me rodear** de exemplos bodypositive eu comecei a enxergar a beleza, a sensualidade e o desejo nas outras formas além do padrão (e desejo vai além do sexual). Era justamente aquilo que **me fazia me reerguer** a cada ataque que eu **sofria**. Era essa companhia, esse mundo cercado de gordas que me fazia ver que eu mereço o respeito que **me foi negado** e com isso ter forças para **exigir** o que é meu por direito. (Kiss the fat girl, setembro de 2016).

No excerto, é interessante perceber que o ator é marcado linguisticamente pelo item lexical “me”. O processo de nomeação não é dado por um nome, mas sim por uma presunção valorativa, o que faz com que aquele que despende a energia da ação seja recuperado pelo interlocutor do evento social. Os quatro primeiros atores é a voz de quem fala no texto: o “eu”. O primeiro processo material, diferentemente de levar à existência de algo, é transformativo, ou seja, muda certa característica do ator e/ou da meta. Desse modo “me aceitar” está ligado ao processo interno do empoderamento, uma ação do “eu” para o próprio “eu”, o ator e meta são os mesmos e a transformação ocorre da pessoa para a própria pessoa. No caso do empoderamento gordo, a aceitação do corpo é fundamental para a autonomia e a desconstrução das relações assimétricas de poder, pois a gordofobia é uma violência que rechaça o corpo gordo e resulta em um ódio sobre si.

O segundo processo “me rodear” é um dos recursos para a aceitação já que o “eu” se coloca dentro de uma coletivização, trazendo a representatividade gorda como forma de libertação e empoderamento. A meta deste processo “exemplos *bodypositive*” traz ao evento a ordem discursiva de um movimento de empoderamento gordo: o bodypositive. Dessa forma, a militância age, aqui, principalmente, na ressignificação do corpo gordo na sociedade e, conseqüentemente, das pessoas gordas, levando a um sentido positivo desse corpo e, por isso, desestabilizando os discursos de gordofobia, elaborando uma identidade de resistência (CASTELLS, 1999).

O terceiro processo material transformacional “me fazia reerguer” tem como meta um conector referencial “aquilo” que remete à ação de se cercar de bons exemplos. A escolha lexicogramatical “reerguer” traz o prefixo –re, que semanticamente indica

repetição, trazendo à tona a iterabilidade (BUTLER, 2016), ou seja, a concepção de que acontece frequentemente se erguer. Isso demonstra que “os ataques”, ator do quarto processo material transformacional “sofria” é comum na sociedade, é naturalizada a violência contra pessoas gordas. A meta “eu”, sofre constantemente hostilidade e o ator não é descritos por nome próprio, mas pela nominalização “ataque”. Esse é um ponto importante e recorrente do *corpus*: o ocultamento dos que iteram e exercem a gordofobia pode ser visto como um conhecimento compartilhado, naturalizado e tácito, o que permite que grupos particulares disseminem suas ideologias sobre o corpo de maneira mais eficaz e, por isso, hegemônica. Em outras palavras, não nomear a partir de um substantivo próprio atenua a ação do ator, o que pode diminuir a força da crítica aos discursos e representações hegemônicas sobre as gordas.

O quinto processo material transformacional “me foi negado” é construído a partir da passivação. A topicalização e, portanto, a força argumentativa recai sobre a meta “respeito”, algo negado ao ator “me”, demonstrando uma das ações de gordofobia. É interessante essa construção, pois esta faz a função do ocultamento gerado pela nominalização explicada anteriormente já que há uma elipse do agente da passiva. O último processo material transformacional é iniciado com o operador argumentativo “com isso” o que revela uma consequência. Assim, todos os argumentos anteriores – tanto o se cercar de exemplos *bodypositive* quanto os ataques sofridos geram uma atitude de empoderamento: a escolha lexical “exigir” possui um grau de imposição e, portanto, uma ação mais concreta e direta da gorda na luta contra a gordofobia. A meta “o que é meu por direito” demonstra, a partir de uma presunção valorativa, que os direitos das mulheres gordas não estão sendo respeitados.

Conforme Sardenberg (2006), o empoderamento é um processo que possui diversos níveis de concretização: um individual, que está ligado a questões de autoestima e aceitação – o excerto anterior é analisado por esse ponto – e um social, que está ligado a questões de coletividade e agência no mundo. No caso do empoderamento gordo, o último é representado por um viés de pessimismo quando interseccionado à temática da medicalização:

12. Nesse sentido eu comecei a perceber que empoderamento nenhum será suficiente para **desmontar** o discurso médico científico que simplesmente **edifica** o solo para que se **construam** todos os comentários e atitudes gordofóbicas que **presenciamos** cotidianamente. (Gorda e Sapatão, 2017).

O excerto inicia com o operador argumentativo “nesse sentido” que retoma a discussão das pesquisas médicas sobre o corpo gordo. A medicalização é confrontada no *texto CID – 066: eu, obesa*, mas ao mesmo tempo é reconhecida como o maior obstáculo para a ressignificação social da gordura. Rothblum (2009) discute a importância da ressignificação como estratégia para o combate à gordofobia, já que a repulsa ao corpo gordo passa pelas representações que o mundo faz deste. Entretanto o processo material transformacional “desmontar”, que semanticamente funciona como a estratégia de ressignificação, tem como ator um processo relacional “empoderamento nenhum **será** suficiente”. Dessa forma, o empoderamento é atribuído como um processo sem ação social, já que este não será “suficiente” para transformar as representações medicalizadas do corpo gordo. O uso do futuro do presente indica que essa visão pessimista persistirá durante muito tempo, em outras palavras, o discurso médico ainda será a voz hegemônica e excludente.

É interessante percebermos a metáfora escolhida para representar o que o ator “discurso médico científico” faz. O processo material criativo “edifica” demonstra que a ação do ator é sólida, arquitetada, e frutífera já que a meta “o solo” é a base de toda edificação. A circunstância de finalidade marcada pelo item lexical “para” indica os propósitos e, portanto, a ação concreta de tal ordem do discurso: “comentários e atitudes gordofóbicas”. O primeiro item lexical “comentários” demonstra os atributos negativos ao corpo gordo e o segundo, “atitudes” as ações que marginalizam gordas e gordos. A meta se torna ator do último processo material criativo: “presenciamos” circunstanciado pelo “cotidianamente” marcando a iterabilidade que performatiza (BUTLER, 2016) o corpo gordo e, portanto, cria representações negativas sobre as gordas.

Outro processo material transformacional relevante que está relacionado ao processo de empoderamento da mulher gorda é materializado pelas modalidades deônticas, em escolhas lexicogramaticais imperativas:

13. Se você é gorda e tem alguma questão de saúde, sinta-se abraçada por uma gorda diabética que aprendeu a se cuidar anos depois. Não tem problema você ter algo. Não são só os magros que têm passe livre para adoecer. Você é um ser humano e está sujeito a tal. Portanto, ao invés de se culpar e negligenciar, **cuide** de si mesma. Você é a única pessoa que estará consigo até os fins dos seus dias. Então **faça** com que sejam bons e dane-se o mundo. (Kiss the fat girl, 24 de agosto de 2016).

O excerto começa já caracterizando a interlocutora da mensagem: mulheres gordas e que tem algum tipo de doença. Essa caracterização é importante já que o processo de medicalização é um dos elementos que configuram o recurso discursivo contrário ao corpo gordo. Da mesma forma, a autora se identifica como “gorda diabética”, um recurso discursivo de identificação entre ela e as interlocutoras, o que reforça a representatividade e o lugar de fala.

Após essa caracterização, a autora se lança de um processo relacional identificativo no qual o identificado – as interlocutoras – são definidas como seres humanos e, portanto, assinala a possibilidade de adoecer tanto para gordos como magros. Assim, no processo de conscientização do ato de se empoderar, a autora utiliza dos imperativos “cuide” e “faça”, construindo uma identidade de intervenção direta, a partir da oferta de conselhos. O aconselhamento, uma das escolhas léxico gramaticais mais recorrentes no corpus, serve como uma base terapêutica, na esfera da autoajuda, como uma forma de instrumentalizar o possível empoderamento de outras mulheres gordas. O primeiro processo material transformacional “cuidar” refere-se a discussão que perpassa o texto em questão, o fato de a sociedade nos rotular como doentes faz com que afastemos do cuidado médico, a fim de evitar constrangimentos que o peso pode causar nas consultas. O segundo, “faça”, também transformacional, leva a ideia, a partir de uma presunção valorativa, de que os dias serão bons, ou seja, a transformação da gorda é relacionada a ideia de que antes do empoderamento os dias são ruins. É interessante percebermos que os imperativos demonstram ações a se fazer, formando, pois, uma identidade de projeto-resistência.

A análise demonstra que as ordens dos discursos hegemônicas – a médica científica e a moda *plus size* -, tendem a ser representadas em processo criativos, categóricos, não modalizados, criando representações sobre o corpo gordo feminino. Em contrapartida, a ordem do discurso de resistência – a militância pelo empoderamento – tende a ser representada por processos transformacionais e também não modalizados. Dessa maneira, percebemos que a ressignificação do corpo gordo é um processo que tenta problematizar e negar as representações hegemônicas, um movimento de transformar as concepções sobre as gordas.

3.3.3 Desejando a ressignificação e amando o corpo gordo

Para HALLIDAY e MATTHIESSEN(2004), os processos mentais se preocupam com as representações do mundo de nossas consciências, ou seja, diferentemente das orações materiais, o nível das mentais é abstrato. Nos processos mentais, os participantes são descritos como Experienciador e Fenômeno: o primeiro, a pessoa, instituição ou coisa (no sentido metafórico) que representa algo do mundo em sua consciência; o segundo, a representação mental feita pelos experienciadores. Estes “sentem, pensam, desejam e percebem (...). Expresso em termos gramaticais, o participante que é engajado no processo mental é aquele que é referido pelos pronomes ela ou ele, não por aquilo” (HALLIDAY, 2004, p. 201). Entretanto podemos perceber que muitas das vezes o experienciador é nomeado a partir de instituições a que ele pertence ou a discursos a ele atribuídos. Dessa forma, a nomeação do agente social pode ser referida por “aquilo”, mas não por ser uma coisa e sim por estar representado por ela.

Os tipos de processos mentais são os perceptivos, que constroem abstratamente as representações do mundo a partir dos cinco sentidos - como ver e sentir; os cognitivos que trazem à tona a consciência do experienciador - como pensar, perceber; as emotivas que demonstram grau de afetividade sobre o objeto a ser representado - como odiar, amar e os desiderativos que indicam desejos do experienciador - como desejar e almejar. (HALLIDAY, 2004; FUZER e CABRAL, 2016).

A temática predominante dos processos mentais do presente *corpus* é do **empoderamento**. Isso demonstra que o processo de autonomia e de ressignificação está ligado a processos mentais e, por isso, predominantemente individuais. É certo que as representações individuais estão em dialética com o social, mas o que se individualiza aqui é o processo de empoderamento, ou seja, ele ainda é predominantemente mental. As ações sociais, de cunho material, são minoria nas representações do empoderamento gordo e, quando descrito materialmente, predomina-se a transformação e não a criação de representações.

O empoderamento é representado por duas subtemáticas: o desejo do outro sobre o corpo e, conseqüentemente, o desejo pelo corpo simétrico, **e o desejo da gorda sobre o mundo gordofóbico e sobre si** e, conseqüentemente, a ressignificação do desejo do mundo. Essas temáticas dialogam com o que Amaral (2014) admite no que ela denomina de “cultura do corpo”. Para a autora,

na cultura do corpo é preciso estar vigilante para todos os sinais que evocam falta de saúde, de beleza ou de magreza e, mais ainda, a falta de

cuidado para com o corpo representa tanto a responsabilidade sobre si, quanto o compromisso de não onerar os outros” (AMARAL, 2014, P.142).

As temáticas do desejo da gorda sobre si e sobre o mundo gordofóbico confronta tais representações, evidenciando a necessidade de se amar e de enfrentar/combater/excluir as atitudes gordofóbicas da sociedade.

O empoderamento gordo, como já vimos até o momento, é ressignificado. A perspectiva é mental, pois evidencia a concepção de que empoderamento não livra as gordas das dores que as atitudes gordofóbicas geram. Isso se relaciona com o que analisaremos posteriormente, o fato de a mudança do mundo estar na esfera do desejo. Em outras palavras, o empoderamento das mulheres gordas não modifica a ação da gordofobia, mas a ressignifica para aqueles que a sofrem:

14. Você pode estar pensando nesse exato momento que, se o empoderamento não nos livra de sofrer, para que então eu vou me empoderar? A resposta é bem simples na verdade. O empoderamento serve para você **reconhecer** o seu valor como ser humano. E ser humano, minha gente, **SENTE**. Todo ser humano é um ser senciente. A gente, sente, tem sentimentos, sentidos físicos. **E empoderamento não serve para anestesiá-los. Serve para você compreendê-los.** (Kiss the fat girl, 143 de agosto de 2016).

O excerto inicia com uma modalidade deôntica, uma pergunta que se dirige a um “você”, no caso uma potencial leitora gorda do blog. Ao admitir, de forma categórica a ideia de que “o empoderamento não vai te livrar das dores” a autora lança a pergunta que supostamente a leitora se fará, tentando, assim, diminuir a importância do empoderamento ou admitir a falsa relação entre empoderamento e a blindagem das atitudes gordofóbicas da sociedade. A partir desse questionamento, a autora configura o empoderamento em termos de processos mentais: “reconhecer” o valor como ser humano, um processo mental perceptivo, cujo experienciador é a leitora e o fenômeno o valor como ser humano. É interessante perceber, a partir de uma presunção valorativa, o fato de se reconhecer como ser humano implica que as mulheres gordas não se reconhecem como tal. A marginalização e invisibilidade das vivências gordas é representada aqui, fazendo do corpo um “espaço de aprisionamento, na medida em que se busca a construção de uma imagem corporal, coerente com os padrões emergentes” (AMARAL, 2014, p.147). O reconhecimento de ser humano é, então, parte do

confronto dessa construção da imagem corporal hegemônica, construindo a identidade de resistência (CASTELLS, 1999).

A partir desse reconhecimento, a autora caracteriza o ser humano como um “ser senciente” evidenciado a esfera mental dos processos de formação/construção de si. O empoderamento, então, é tratado a partir de sua funcionalidade, marcado pelas escolhas lexicogramaticais do processo material “serve”, denotando a concepção de que o empoderamento não vai acabar com os sentimentos e sim vai fazer com que as mulheres os compreendam. Assim, e de novo, o empoderamento gordo está relacionado à esfera mental, ao atrelar seu conceito ao processo perceptivo “compreendê-los”. É o que ocorre, também, no excerto a seguir:

15. Eu incomodo porque simbolizo tudo de ruim que essa sociedade **não quer** para si – pessoas cisgêneras brancas, heterossexuais, herdeiras, sobretudo, homens. Eu sou tudo que **ninguém quer** ser. Ninguém estuda para ser como eu! **Ninguém quer** ser preta, pobre, sapatão, gorda muito gorda, cabelo crespo, ter pelo muito pelo... (Gorda e Sapatão, 2016).

A primeira temática – o desejo pelo corpo simétrico- é construída no excerto acima pela repetição do processo mental desiderativo “quer”. Todas as ocorrências são negadas, tanto pelo circunstanciador “não” quanto pelo Experenciador “ninguém”. Dessa forma, o desejo do mundo social é não ser gordo, ou seja, o corpo gordo é um corpo rechaçado. O primeiro processo “não quer” tem como Experenciador “sociedade” que é uma explicação sobre o que o “eu”, no caso uma mulher gorda, negra e lésbica, simboliza. Toda a representação do mundo sobre mulher e sua intersecção com o tamanho/gordura, raça e sexualidade é negada, é vista como algo que não se almeja para si, a construção do corpo abjeto (BUTLER, 2016).

Em termos de significados identificacionais, a modalidade epistêmica das assertivas negativas coloca a autora fortemente engajada naquilo que quer problematizar. É interessante como a negação, uma das escolhas lexicogramaticais mais relevantes do *corpus*, constrói uma identidade de si a partir não do que a autora pensa de si, mas como a sociedade a enxerga. É a forma de despossessão de si (BUTLER, 2015) aponta nos relatos de si, ou seja, que a construção de si está sempre atrelada a um tu que interpela a narração. Trazer os atributos corporais, de raça e de sexualidade que a compõe atrelado a “ninguém” reforça a existência da autora como uma vivência invisível, ou, ao menos, invisibilizada. O desejo do outro é outro e não o “eu”, marginalizando o ser gorda, negra, homossexual e peluda.

O “si” reforça o nível mental e individual do processo desiderativo: a representação do mundo passa pela formatação do padrão que reforça as desigualdades e evidencia as relações assimétricas de poder. Portanto, na descrição do si “pessoas cisgêneras brancas, heterossexuais, herdeiras, sobretudo homens” o padrão é descrito pelas ordens de gênero, de raça, de sexualidade e de classe. É o que Swain (2014) nomeia como “corpos-em-mulher” as constituições sociais que formam a representação da mulher, mais precisamente em seus corpos, a regulação a partir de feminilidades:

os corpos-em-mulher fixam uma identidade fictícia na qual se imbricam as injunções do amor e da sexualidade. Assim se urde a trama onde se tece e se produz o feminino – a objetificação bloqueadora do processo de subjetivação autônomo, pela produção do sujeito de um saber e a produção do saber sobre um sujeito por meio de práticas controladoras, discursivas e não discursivas. O patriarcado não cessa de discorrer sobre as mulheres, seus corpos, suas mentes, destilando “verdades” absolutas a seu respeito (SWAIN, 2014, p. 39).

As práticas controladoras geram representações sobre os corpos que não se enquadram na matriz reguladora do social e produzem efeitos sobre a construção mental de tais corpos. Assim, o corpo gordo, desviado da matriz simétrica, é alvo do não desejo, da exclusão e da repulsa, características da gordofobia.

Butler (2015, p.71), ao refletir sobre a natureza narrativa da constituição do sujeito, chama atenção para o fato de que a narrativa além de transmitir informações, atua sobre o outro uma vez que “no momento em que o relato é direcionado a alguém, ele assume uma dimensão retórica que não é redutível a uma função narrativa. Ele presume esse alguém e busca recrutá-lo e agir sobre ele” (BUTLER, 2015, p.85). Ou seja: os relatos são intensamente produtivos e operacionalizados segundo a posição de quem os produz, além de constrangidos pelas construções discursivas hegemônicas, investidas de ideologias “dominantes”. Assim que o relato se torna “invariavelmente interlocutório, espectral, carregado, persuasivo e tático” condicionando “a emissão de juízos sobre alguém ou suas ações, que ela (estrutura de interpelação) não é redutível ao juízo, e que o juízo, não obrigado à ética implicada pela estrutura de interpelação, tende à violência” (BUTLER, 2015, p.86).

É importante dizer que Butler está problematizando, nesta discussão, a forma como, ao nos relatarmos, invariavelmente nos constituímos em função de não só uma estrutura de interpelação, de um Outro, que age sobre nós, mas que também nos faz agir sobre ele, e essa dinâmica implica em questões éticas e de violência, já que a todo instante estamos interrompendo a narrativa do Outro, e deixando que o Outro nos

irrompa. Ou seja, na fala de Butler (2015): “a impossibilidade de uma narrativa plena talvez implique que, desde o princípio, estamos eticamente implicados na vida dos outros” (p.87). No entanto, esse relato, nesta estrutura retórica e de interpelação, é executado por atos performativos que criam a ilusão da existência de um relato de si-mesmo. Neste sentido, afirma a filósofa: “faz-se necessário reconsiderar a relação da ética com a crítica social, uma vez que parte do que considero tão difícil de narrar são as normas – de cunho social – que dão origem à minha existência” (BUTLER, p.107). Isso significa dizer que somos da autoria do que nos precede e excede e por este motivo temos de entender os limites das nossas ações, do que fazemos em relação a nós e em relação ao outro. Somos seres opacos, incompletos e nos constituímos na estranha conexão com o Outro.

As duas outras recorrências do processo mental desiderativo “quer” reforçam o argumento primeiro: o Experienciador “ninguém” nega o desejo da sociedade de ser como o “eu sou” é: “ser preta, pobre, sapatão, gorda muito gorda, cabelo crespo, ter pelo muito pelo”. Este fenômeno é o contraponto do padrão: o marcador social da diferença raça evidencia o segmento social oprimido – “preta”; o marcador sexualidade evidencia o lugar desviante da heterossexualidade “sapatão”; o marcador tamanho/gordura, o corpo desviado “gorda, muito, gorda” e a negação de feminilidades “ter pelo, muito, pelo”. As duas últimas ocorrências possuem a mesma estrutura: o atributo é reforçado pela repetição e pelo circunstanciador de intensidade “muito”, marcando a oposição ao corpo padrão magro/sem pelos como o elemento salientado e, portanto, mais marcado como alvo de rechaça. A identidade de abjeto (BUTLER, 2016), então, é configurada a partir dessas representações.

A segunda temática – o desejo da gorda sobre o mundo gordofóbico e sobre si - é marcada pela negação do desejo do outro sobre o corpo gordo, desejo este representado pela ordem do discurso médica e pela colonização (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999) desses discursos pela sociedade:

16. Eu **quero** a destruição desse discurso que patologiza TODOS os corpos.
Eu **quero** o fim dessa fobia à gordura em nome de uma pseudo saúde.
(Gorda e Sapatão, 2017).

O processo mental desiderativo “quero” possui o fenômeno “destruição desse discurso”, a escolha lexicogramatical “destruição” demonstra a negação em um grau máximo de combate, já que destruir significa acabar. O discurso é descrito a partir de uma oração material criativa “patologiza” que nos remete à ordem do discurso médica.

A patologização é elemento da visão medicalizada do corpo que naturaliza a relação entre o corpo gordo e a insalubridade (HARJUNEN, 2009), entretanto a saliência do item lexical “TODOS” nos permite inferir que a representação médica afeta os corpos que não são gordos. É interessante analisarmos o uso do processo mental e material: enquanto a destruição do discurso está na ordem do desejo, o discurso em si está na ordem da ação. Dessa forma, o que acontece concretamente no mundo social é a patologização e o fim dessa ação ainda é abstrato, ou seja, o discurso médico é a realidade enquanto sua desconstrução é apenas um desejo, elaborando uma identidade de projeto-resistência.

Esse é um ponto importante ao se discutir a construção da identidade da autora nesse excerto. Por mais que seja construída a partir de uma modalidade epistêmica assertiva afirmativa, o que, a princípio a torna altamente engajada na verdade que propõe, o processo mental desiderativo serve como modalizador dessa assertiva, diminuindo a força do comprometimento e engajamento, colocando a destruição do processo de medicalização que recai sobre os corpos gordos, em especial os femininos, em uma esfera do desejo, da possibilidade e não da concretude dos fatos.

A reificação do processo mental desiderativo “quero” reforça o desejo da destruição: o fenômeno “o fim dessa fobia à gordura” possui semanticamente a força de combate do item lexical “destruição”. A “fobia à gordura” é uma paráfrase de gordofobia e é desconstruída a partir do circunstanciador “em nome de” que mostra uma conformidade em relação à pseudo saúde. A desconstrução da visão medicalizada é representada pela desconstrução da concepção de saúde: o prefixo “pseudo” revela a ideia falsa de saúde propagada pela medicalização: é, portanto, e mais uma vez, uma tentativa de conceber a saúde não apenas pela saúde física, mas também a mental e social (ROTHBLUM 2009).

A segunda temática é também concebida pelo desejo por si, ou seja, o que as gordas almejam sobre a representação mental de si. Aqui é interessante como as escolhas lexicogramaticais alternam entre o processo mental desiderativo e o afetivo: a representação mental sobre si está ligada à transformação do afeto que as gordas possuem sobre seu corpo:

17. Embora eu **deseje** de coração que chegue logo o dia em que as mulheres deixem de ser ensinadas a se odiarem. (Beleza sem Tamanho, agosto de 2016).

O excerto começa com o operador argumentativo “embora” que funciona como uma relação de concessão entre os argumentos posteriores. Diferentemente do “mas” que coloca a força no argumento que contrapõe, o embora conecta duas informações que, apesar de serem opostas, não possuem força maior. Assim, o processo mental desiderativo “deseje”, reforçado pelo circunstanciador “de coração” tem como fenômeno uma oração material. Assim, o fenômeno é descrito como um desejo de que mulheres gordas “deixem de ser ensinadas a se odiarem”: essa estrutura apassivadora esconde o agente da passiva, as instituições ou pessoas que ensinam as mulheres odiarem seu corpo. Aqui se encontra o entrecruzamento entre o desiderativo e o afetivo: o desejo está relacionado com a afetividade que temos sobre nossos próprios corpos. Dessa maneira, há alguém ou algo que perpetua o ódio sobre o corpo, que formam regras de repulsa ao corpo gordo e são ensinadas de forma a naturalizar as representações hegemônicas sobre o corpo gordo:

É bom lembrar que ao instituir corpos sexuados, criam-se coerções e normas de comportamento. E para isto é preciso acompanhá-las de um aprendizado, de uma domesticação constante em relação às normas valorativas, de forma violenta ou pelo convencimento (SWAIN, 2014, p.40).

Os corpos sexuados são aqueles que carregam representações de acordo com feminilidades e masculinidades, e, portanto, carregam também valores sociais. Com efeito, a domesticação sobre o corpo da mulher, mais precisamente, do gordo, é materializada por práticas que são repassadas tanto de forma violenta – pois mulheres gordas perdem direitos – quanto por convencimento, a partir das representações que os discursos hegemônicos fazem dele perpetuando sentidos investidos ideologicamente que contribuem para uma concepção negativa do corpo gordo feminino.

A identidade de projeto-resistência construída no excerto é materializada a partir de assertivas afirmativas, de modalidades epistêmicas, modalizada pelo uso do subjuntivo “deseje”, colocando o “deixarem de ser ensinadas” como uma possibilidade, uma esfera que não se realizou na sociedade, mas que o relato no blog tenta trazer. É interessante como as identidades se misturam nos relatos de *Beleza sem Tamanho*: quando o desejo da gorda sobre o mundo é construído, há uma modalização; quando o desejo da gorda sobre si é construído, a categorização é marca importante das escolhas lexicogramaticais, como será visto adiante.

Outro aspecto sobre a temática do empoderamento na perspectiva mental é o da transformação do sentimento que as gordas têm sobre seus corpos. Há uma gradação

entre o odiar e o amar, dois processos mentais afetivos que se encontram em nível extremo de afeição. Dessa forma, a transformação se dá a partir de uma resignificação do corpo em relação à afetividade, demonstrando que o processo de aceitação é interno e que, portanto, está no espaço da consciência:

18. Não importa a sua idade hoje, ou o tempo que você já perdeu **se odiando**, o que importa realmente é que você deixe o ódio de si mesma fazer parte do passado e **comece a se amar** hoje mesmo. (Beleza Sem tamanho, agosto de 2016).

A circunstância que marca o trecho em questão é a de tempo: “idade”, “hoje”, “hoje mesmo” indica a transformação do sentimento sobre si: as duas últimas ocorrências marcam a necessidade da mudança de postura imediatamente, um processo que precisa ser iniciado. O processo mental afetivo “se odiando” representa o momento do passado a partir de um aspecto de continuidade que possui a função de marcar a iterabilidade (BUTLER, 2016). É um processo reflexivo marcado pelo item lexical “se”, promovendo, de novo, o empoderamento no nível da consciência, uma representação de si e dos outros para si. Esse tempo é descrito como algo que o interlocutor, no caso o público do blog, ou seja, mulheres gordas, “perdeu”, trazendo semanticamente um valor negativo. Dessa forma, se odiar é uma forma de consciência sobre si que deve ser transformada. A transformação é marcada pelo processo “comece” que, por uma presunção valorativa, indica que ainda não é realidade. Entretanto os circunstanciadores “hoje mesmo” marca temporalmente a mudança “se ama”, que, seguindo a mesma estrutura reflexiva da realidade iterada passada do processo “odiar”, volta para o eu a afetividade positiva.

A escolha lexicogramatical “realmente” reforça a necessidade de deixar de se odiar e, deixar como elemento do passado. A autora constrói uma identidade altamente engajada, com o uso de uma modalidade deônticas, o imperativo “comece a se amarem”. Há um aspecto neste excerto bastante significativo: quando o empoderamento dentro da perspectiva do outro é construído, as modalidades epistêmicas são a maioria. Isso representa a ideia de que o empoderamento da mulher gorda passa pela negação dos conhecimentos, representações e identidades que o mundo faz delas. Já quando o empoderamento se vincula ao desejo da gorda sobre si, as modalidades deônticas são a maioria, o que denota a ideia de que a visão de si sobre si está relacionada a ofertas e demandas, ou seja, a pedidos, ordens e clamores para se aceitarem e se amarem. A

intervenção deve ser direta, para que o processo de desconstrução de si possa ser efetivado, na forma do aconselhamento.

Dessa forma, o empoderamento gordo demonstra que ainda é uma identidade de projeto-resistência por estar no nível da consciência, seja como um desejo de concretização seja como uma mudança afetiva sobre o próprio corpo. Processos mentais desiderativos e afetivos marcam a característica do movimento de aceitação do corpo gordo, predominantemente uma ação voltada para a conscientização sobre a necessidade de ressignificar as vozes hegemônicas médicas, da moda etc. e, por consequência, na tentativa de ressignificar o próprio eu.

3.4. Os cenários da negociação da diferença

O que podemos observar da análise feita é que os relatos sobre si das autoras revelam questionamentos que se assemelham entre si, como por exemplo, a gordofobia presente nos relatos de forma explícita ou implícita e a necessidade de ressignificar os corpos. Entretanto, tais questionamentos são realizados de maneiras diferentes, problematizando, cada qual, instituições distintas, como a pornografia ou a biomedicina.

As diferenças evidenciam algo já tratado anteriormente, a ideia de que o social é um “sistema aberto”, discutido em Chouliaraki e Fairclough (1999), à luz das ideias do Realismo Crítico. Nas palavras dos autores, “a ênfase na abertura do social inclui uma ênfase nas diferenças sociais, na diversidade e fluidez das identidades sociais” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 120). Isso implica que pessoas se colocam discursivamente de formas diferentes pela posição que ocupam no social, portanto, este é constituído de distintos discursos e escolhas lexicogramaticais, gerando representações e identidades heterogêneas. Essa afirmação não significa que há uma completa liberdade nas escolhas e discursos; admitir a vida social aberta é pensar que as posições discursivas estão atreladas a posições sociais e, logo, estruturas sociais parcialmente constroem os atores sociais. Porém, tais “constrangimentos” podem e são constantemente subvertidos: “os discursos são inerentemente abertos, e nenhuma tentativa hegemônica para tentar fechá-los pode prevalecer em última instância – há sempre significados que a subvertem” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 121).

Esse é um ponto importante de intercruzamento da teoria discursiva com a social nessa dissertação. Os autores, ao admitirem que posições sociais medeiam as práticas discursivas, convergem com a concepção de interseccionalidade. Desse modo, Chouliaraki e Fairclough (1999) argumentam que tais práticas negociam constantemente com vários elementos da estrutura social, tais como raça, gênero, classe e geração. As identidades e representações não podem ser universalizadas, tampouco homogêneas: através da negociação, posições sociais são construídas, e discursos e identidades, formados.

Creshaw (2002), no *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*, aponta a necessidade de se discutir a diferença entre as mulheres para uma efetiva contribuição de combate à violência de gênero. Ela argumenta que

sendo o gênero importante, seus efeitos diferenciais devem necessariamente ser analisados no contexto de todas as atividades relativas aos direitos humanos. Assim, enquanto no passado a diferença entre mulheres e homens serviu como justificativa para marginalizar os direitos das mulheres e, de forma mais geral, para justificar a desigualdade de gênero, atualmente a diferença das mulheres indica a responsabilidade que qualquer instituição de direitos humanos tem de incorporar uma análise de gênero em suas práticas (CRESHAW, 2002, p.172).

Assim, as diferenças entre as mulheres advindas da negociação com diferentes marcadores sociais da diferença revelam posicionamentos que ora se assemelham, ora se distinguem. O quadro a seguir sintetiza os marcadores sociais de diferença das autoras com os temas e identidades construídos:

Quadro 2 – Cenário da negociação da diferença

Vozes e os marcadores sociais	Temas	Identidades
<p>Gorda e sapatão:</p> <p>Gorda; Negra; Lésbica; Adulta Cisgênero</p>	<p>(i)Contestação dos discursos da pornografia; (ii) Contestação sobre medicalização e patologização do corpo: (iii) Contestação da mídia; (iv) Discussão sobre gordofobia e acessibilidade; (v) Discussão sobre empoderamento na perspectiva da medicalização; (vi) Discussão sobre interseccionalidade; (vii) Discussão sobre o padrão de beleza.</p>	<p>Escolhas lexicogramaticais categóricas, alto engajamento; Identidade de resistência.</p>
<p>Kiss the fat girl:</p> <p>Gorda;Branca; Cisgênero; Adulta</p>	<p>(i) Discussão sobre empoderamento na perspectiva da representatividade e afetividade; (ii) Aconselhamento na perspectiva dos corpos gordos e doença; (iii) contestação de métodos de emagrecimento irresponsáveis</p>	<p>Escolhas lexicogramaticais categóricas, alto engajamento; Identidade de resistência e de projeto-resistência.</p>
<p>Beleza sem tamanho:</p> <p>Gorda; Branca; Cisgênero; Adulta</p>	<p>(i) Contestação do discurso da moda plus size; (ii) Aconselhamento na perspectiva da autoaceitação.</p>	<p>Escolhas lexicogramaticais híbridas: ora modalizadas (relação do desejo da gorda sobre o mundo), ora categóricas (desejo da gorda sobre si);</p>
<p>Capitolina:</p> <p>Gorda;Negra Cisgênero; Jovem</p>	<p>(i) Contestação do conceito de feminilidade na perspectiva da beleza; (ii) Ressignificação da beleza.</p>	<p>Escolhas lexicogramaticais categóricas, alto engajamento; Identidade de resistência.</p>
<p>Gorda Transgênero</p>	<p>Não há relatos de gordas <i>trans</i> em blogs brasileiros.</p>	

Percebemos que não há muita diferença nas escolhas léxico gramaticais que compõem as identidades de resistência e as de projeto-resistência dos relatos de gordas dos blogs do nosso *corpus*. A maioria utiliza-se de assertivas negativas e afirmativas para combater os discursos hegemônicos da biomedicina, da pornografia, da moda e das feminilidades. O alto engajamento do confronto é materializado, principalmente, nas modalidades epistêmicas, ou seja, as trocas de informação são feitas a partir das negações e afirmações valorativas que confrontam os ideais hegemônicos de beleza, saúde, magreza e heterossexualidade, a matriz de inteligibilidade que Butler (2016)

argumenta. As modalidades epistêmicas tratam do desejo da gorda em relação ao desejo do outro, colocando a mudança da sociedade na esfera do desejo e da possibilidade. Todas utilizam-se da modalidade deôntica, com o uso do imperativo, como forma de aconselhamento; no entanto, identidades distintas são observadas aqui: *Kiss the fat Girl* cria uma relação de intimidade/cumplicidade enquanto os outros uma voz mais direta e objetiva.

Em relação a temáticas, algo interessante acontece no *corpus*. Quanto maior é o afastamento dos marcadores sociais admitidos na análise, ou seja, quanto mais se afastam do padrão magro/branco/heterossexual/jovem, maior é a incidência de temáticas diferentes. Isso evidencia que quanto mais interseccional é a vivência das gordas, quanto mais marcadores sociais de diferença são articulados, mais temas elas propõem, por sofrerem mais violências que as outras. A negociação é ponto fundamental para a escolha das temáticas; mais negociação representa diálogos com mais estruturas sociais e, portanto, com mais ordens de discursos. A autora Jezs Ipóllito, gorda, negra, homossexual, adulta e Cisgênero, promove **sete (7)** discussões distintas. É importante destacarmos que a gorda está relacionada ao marcador social de diferença do tamanho/gordura: a autora em *questão* é mais gorda em relação ao tipo corpo maçã, afastando-se do ideal simétrico/magro.

Já a autora do *Kiss the fat girl*, Lika Gior, articula os marcadores tamanho/gordura, semelhante à de Jezs, mais afastado do ideal simétrico/magro, porém, se aproximando do ideal branco e sua sexualidade não é marcada nos textos nem na biografia encontrada no blog. Ela problematiza **três (3)** temáticas.

A autora de *Beleza sem Tamanho* negocia o tamanho/gordura, embora a forma do corpo e o peso estejam mais próximos do simétrico/padrão, ela problematiza **duas (2)** temáticas, bem como a autora do *Capitolina* que, além de um corpo mais próximo do simétrico/magro, se aproxima do ideal jovem da matriz de inteligibilidade.

Um ponto de convergência, em relação ao gênero, é que todas são cisgenêras, ou seja, o gênero se identifica com o sexo anatômico. Não há relatos de mulheres transgêneras gordas em blogs de empoderamento. Essa ausência é significativa, pois compõe um marcador social de diferença que as faz distanciar-se mais da matriz de inteligibilidade, o que nos faz inferir que vivências de mulheres gordas *trans* são invisibilizadas em espaços virtuais de blogs de empoderamento e militância gorda.

Em termos faircloughianos, o cenário social da diferença é uma categoria de análise que permite observar e problematizar que “eventos sociais e interações variam na natureza de suas orientações para a diferença” (FAIRCLOUGH, 2003, 41). Resende e Ramalho (2016) citam os cinco cenários da diferença propostos pelo autor:

- I. Abertura, aceitação, reconhecimento da diferença, uma exploração da diferença;
- II. Uma acentuação da diferença, conflito, polêmica, uma luta sobre significados, normas e poderes
- III. Uma tentativa para resolver ou superar a diferença;
- IV. A diferença é “posta em ‘parênteses’”, com foco na solidariedade e na semelhança;
- V. Consenso, normalização e aceitação das diferenças de poder, suprimindo diferenças de significado e norma (RESENDE E RAMANHO, 2016, p. 69).

A partir da análise dos temas e identidades, podemos perceber que há uma forte acentuação da diferença, marcada pelas modalidades epistêmicas de negação e afirmação valorativa. Essas modalidades atuam combatendo o ideal hegemônico, uma luta sobre significados nos processos de ressignificação da beleza e das representações e identidades que as gordas têm sobre si e sobre o mundo a partir de modalidades epistêmicas e deônticas categóricas, evidenciando e problematizando normas e relações de poder assimétricas calcadas, sobretudo, pela ordem médica, farmacêutica, da moda e da mídia.

Entretanto, quando analisamos a ausência de relatos de mulheres gordas *trans*, percebemos uma supressão da diferença, admitindo o padrão *cis*, invisibilizando as vozes sobre vivências de mulheres gordas e *trans* e que, certamente, contribuiriam para o processo de empoderamento e de autoaceitação, bem como de promoção de políticas públicas.

3.5. Investigação da função do problema na prática

Esse momento da análise tem como objetivo “identificar mecanismos que sustentam o aspecto problemático em uma prática particular” (VIEIRA e RESENDE, 2016, p. 111), ou seja, como, a partir das análises empreendidas, as representações e identidades das mulheres gordas evidenciam a gordofobia e, por efeito, as marginalizações das mulheres gordas na sociedade. Podemos admitir que três instituições são responsáveis em criar/produzir/circular representações e identidades hegemônicas sobre os corpos: *a biomedicina, a pornografia e a moda*.

A primeira, a biomedicina, representada principalmente pela prática médica, é responsável por naturalizar a relação entre os corpos gordos e a doença. Em outras palavras, a medicina homogeneiza os corpos, levando em consideração principalmente o IMC, taxando todos que estão fora do padrão dito normal como doentes. O fato de esta instituição ser considerada uma voz legitimadora faz com que os discursos do corpo gordo doente sejam amplamente dispersos, e a medicalização dos corpos uma forma de intervenção: temas como cirurgia bariátrica e dietas perpassam o *corpus* de maneira recorrente o que nos leva a inferir que tais discursos são constantemente combatidos nos relatos de empoderamento de gordas.

A segunda, a pornografia, é responsável por criar um padrão de beleza para os corpos, calcado em um ideal magro, simétrico e, principalmente, tonificado. A temática do “corpo que balança” nos revela um combate ao corpo duro, plastificado, resultado de exercícios físicos e de cirurgias plásticas – como implantes de silicone. O que a indústria pornográfica promove é um ideal de corpo desejável, corpo este que não balança, contrastando à característica comum da maioria dos corpos gordos – a flacidez.

A terceira, a moda, é encarregada de disseminar o ideal magro. Na análise do *corpus*, o segmento da moda *plussize* é a instituição problematizada. Ela é vista como uma forma de se criar um padrão de gorda a ser seguido, mais próxima da matriz magra e simétrica. São corpos não-magros, de forma pera, com barrigas não muito salientes e que performam feminilidades bastante marcadas: maquiagens, saltos, cabelos impecáveis, quase sempre brancas. Dessa forma, a moda *plus size*, que teoricamente seria um segmento de inclusão de corpos gordos, tem se tornado uma forma de exclusão de uma parcela considerável de gordas que não se assemelham à matriz simétrica: os corpos tipo maçã e as numerações 54+, fazendo dessa instituição um recurso de disseminação da gordofobia.

3.6. Investigação de possíveis formas de ultrapassar os obstáculos

Esse momento vincula-se às possíveis maneiras de superar o problema da gordofobia e das representações e identidades que ela provoca, evidenciando o caráter crítico da dissertação. A primeira forma de superação e a mais evidente da dissertação são os blogs de empoderamento de mulheres gordas. Eles, ao relatarem as vivências de mulheres gordas que militam a favor da aceitação dos corpos, podem promover o

empoderamento de outras mulheres, as consumidoras dos textos, uma forma de representatividade que, geralmente, as mídias tradicionais não disseminam.

A segunda forma de superação está vinculada à Ciência: a presente dissertação, ao levantar a temática dos relatos de gordas, emerge questões fundamentais para a aceitação da diversidade dos corpos: a gordofobia, a historicidade dos corpos, os relatos de si, a militância interseccional. Apesar de a Ciência ainda ser um espaço elitizado, e, portanto, de pouco acesso à maioria da população, introduzir tais temáticas é uma forma de democratizar e humanizar os estudos, fazendo com que vozes de pesquisadoras gordas (e também outras que se debruçam sobre a temática gorda) sejam ouvidas. Por ser uma voz legitimadora na sociedade, a Ciência deve se encarregar de temas que possibilitem uma vida social menos desigual e que proponha maneiras de fomentar a equidade.

A terceira forma, que está intimamente ligada à minha profissão de professora, é a intervenção pedagógica como forma de superar o problema da gordofobia. A inserção da análise dos blogs em sala de aula é uma possibilidade de discussão das representações e identidades hegemônicas bem como das representações e identidades da militância. Durante a pesquisa, fizemos uma palestra no COLUNI, o colégio de aplicação da Universidade Federal de Viçosa, intitulada “Por que odiamos os corpos gordos? E por que podemos amá-los”, no qual trouxemos uma historicidade sobre o corpo gordo no Brasil, demonstrando que a forma como os corpos gordos são representados na contemporaneidade é uma das significações possíveis. Dessa forma, discutimos que os significados estão atrelados ao contexto sociohistórico e às instituições que legitimam cada contexto. Assim, podemos revelar que a diversidade dos corpos e seus valores estão relacionados a projetos particulares que mantêm relações assimétricas de poder.

Outras formas de superar os problemas podem ser criadas. É importante a discussão da mídia tradicional dentro da Ciência e de outros espaços sociais, já que ela é um dos pilares que dissemina padrões de beleza e, por extensão, a gordofobia. É importante também a discussão dentro das militâncias feministas, como forma de reconhecer a gordofobia como uma violência estrutural, como recurso que mina mulheres e as marginalizam. A presente dissertação tenta promover informações para que isso ocorra, uma tentativa dentre várias possíveis de discutir relações assimétricas de poder sobre os corpos femininos.

4. REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE

Na abordagem metodológica da Análise de Discurso Textualmente Orientada, Chouliaraki & Fairclough (1999) evidenciam a concepção de que toda análise é uma das possibilidades de descrição, interpretação e explanação de problemas sociais parcialmente discursivos. Isso reitera a posição ontológica da/o analista, ou seja, toda e qualquer análise, primeiramente, parte da posição do/a pesquisador/a, delineando uma possibilidade entre várias de investigação. Assim, nossa pesquisa admite que outras representações e identidades sobre os corpos gordos femininos existem e que futuras pesquisas podem ocorrer diferentemente das perspectivas colocadas aqui.

As análises feitas na presente dissertação evidenciaram três temas, ou categorias macrossemânticas: a (des)construção do corpo gordo feio e doente; a criação e transformação destas representações e identidades e o desejo de empoderamento de mulheres gordas. Para tal, de acordo com os objetivos da pesquisa, utilizamos categorias vinculadas aos significados representacionais (FAIRCLOUGH, 2003), para discutir as representações de corpos gordos femininos nos blogs: os processos relacionais para a primeira temática; os processos materiais para a segunda e os mentais para a terceira.

Percebemos como os atributos e identidades construídos, assim como o atributo-identidade, revelam que os discursos hegemônicos da medicina, da pornografia e da moda disseminam a ideia dos corpos gordos como doentes e feios ao passo de que os discursos contra-hegemônicos da militância e dos blogs a desconstroem, revelando a beleza e salubridade desses corpos. Da mesma forma, discutimos como os processos materiais, atrelados à segunda temática, trazem duas formas de ação na realidade: enquanto as instituições hegemônicas citadas criam representações sobre os corpos gordos, a militância as transforma, desconstruindo as concepções negativas sobre tais corpos e emergindo a gordofobia como violência simbólica e estrutural de nossa sociedade. Por fim, os discursos promovidos pela militância nos blogs demonstram a necessidade de autoaceitação, ainda na esfera do desejo, instanciados pelos processos mentais relacionados à terceira temática.

Utilizamos, também, categorias do significado identificacional para analisarmos as identidades construídas nos relatos de si nos blogs. As modalidades epistêmicas foram instanciadas, principalmente, a partir de escolhas lexicogramaticais categóricas, evidenciando um alto engajamento das autoras sobre as negações das identidades promovidas pelas instituições da medicina, da pornografia e da moda, construindo

identidades de resistência (CASTELLS, 1999). Também foram analisadas modalidades deônticas, a partir de imperativos que revelam um alto engajamento das autoras cujas escolhas lexicogramaticais categóricas se inserem na prática do aconselhamento. Este demonstra o desejo de autoaceitação e de amor próprio, construindo, pois, identidades de projeto-resistência.

Os significados acionais, por sua vez, foram discutidos a partir do cenário da negociação da diferença e sua relação com os marcadores sociais. Percebemos que, quanto mais interseccional é a vivência das autoras, ou seja, quanto mais marcadores sociais da diferença são articulados, mais temáticas são discutidas. Dessa forma, a vivência gorda, negra, lésbica, adulta e cisgênera contestou o discurso da pornografia, da medicalização, da gordofobia e acessibilidade, discutiu o empoderamento assim como os padrões de beleza e a interseccionalidade. A vivência gorda, branca, cisgênera e adulta discutiu o empoderamento e contestou a medicalização e a moda plus size e a vivência gorda, negra, cisgênera e jovem contestou o conceito de feminilidade.

Uma das lacunas que a presente dissertação levanta é o fato de que, dentro de blogs de empoderamento gordo, não há relatos de mulheres trans. Isso revela que a discussão da autoaceitação e da diversidade de corpos na realidade não contempla todos eles, trazendo à tona a necessidade de investigações sobre a temática de mulheres gordas trans, mapeando os espaços onde elas se encontram, os discursos que proferem e outros que são proferidos e, assim, as representações e identidades dessas mulheres. É um ponto interessante para a comunidade científica, mas também a sociedade como um todo, emergir e visibilizar os posicionamentos de tais mulheres.

Em contrapartida, contribuímos teórica e metodologicamente com nossa pesquisa. Propomos um marcador social de diferença, o tamanho/gordura, que contempla a diversidade dos corpos gordos tanto em relação à forma desses corpos, como em relação ao peso. Essa proposição pode levar futuras pesquisas pensar o corpo gordo em sua heterogeneidade, emergindo vozes distintas e discursos também diferentes. A homogeneização dos corpos é uma armadilha de silenciamento de mulheres muito eficaz. Além disso, operacionalizamos os conceitos de identidade de Castells (1999), demonstrando um *continuum* entre as identidades de resistência e projeto, revelando que as ressignificações podem ocorrer, mas não necessariamente implicam mudanças sociais concretas. Outra operacionalização que realizamos foi em relação ao Sistema de Transitividade (HALIDAY e MATTHIESSEN, 2004), ao propor um processo relacional atributivo-identificacional que hibridiza o atributo à identidade,

demonstrando que o atributo “gorda” faz parte da identidade das mulheres, e que, talvez, seja uma estrutura linguística-discursiva de corpos que não se enquadram na matriz de inteligibilidade (BUTLER, 2016). Podemos admitir, pois, que este processo relacional pode ser uma escolha léxico gramatical relacionada às identidades de projeto e de projeto-resistência.

Por fim, admitimos que os blogs analisados, ao mesmo tempo que acentuam a diferença, trazendo tensões de sentido ao combater representações e identidades hegemônicas da biomedicina, da pornografia e da moda, invisibilizam mulheres trans, omitindo tal diferença. A pauta gorda é recente até mesmo nos movimentos feministas, e por essa razão, possui lacunas que mais tarde, provavelmente, deverão ser preenchidas. Nossa pesquisa é apenas um dos passos para que essa pauta seja disseminada e a gordofobia seja reconhecida como um preconceito estrutural e, portanto, como algo a ser combatido por todas e todos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella. **Blogs: Mapeando um objeto**. São Paulo: Momento Editorial, 2009
- AMARAL, Marcela. Culto ao corpo e estilo de vida: práticas estéticas e magreza entre mulheres. In: **Perspectivas e articulações de uma pesquisa feminista. Estudos Feministas e de Gênero: Articulações e Perspectivas**, 2014.
- BARBOSA, Maria Raquel; MENA MATOS, Paula; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 1, 2011.
- BATISTELLA, Carlos. **Abordagens contemporâneas do conceito de saúde. O território e o processo saúde-doença**. 2007.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- BERTINI, Fatima Maria. **Sofrimento ético-político: uma análise do estado da arte**. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 2, 2014.
- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, p. 19-41, 1997.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Autêntica, 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Record, 2016.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, p. 24, 1999.
- CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH. **Discourse in late modernity: Rethink critical discourse analyses: textual analysis for social research**. London, New York: Routledge, 1999.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. *Revista estudos feministas*, v. 10, n. 1, 2002.
- DINIZ, Debora. **Perspectivas e articulações de uma pesquisa feminista**. *Estudos Feministas e de Gênero: Articulações e Perspectivas*, p. 11, 2014.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: UnB, 2001[1992].
- _____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London, New York: Routledge, 2003.
- _____. **Critical Discourse analysis in transdisciplinary research**. In: WODAK, Ruth; CHILTON, Paul (Ed.). **A new agenda in (critical) discourse analysis: theory, methodology and interdisciplinarity**. John Benjamins Publishing, 2005.
- FERNANDES, Edicléa Mascarenhas; ORRICO, Hélio Ferreira. **Acessibilidade e inclusão social**. 2012.
- FOUCAULT, Michel; RAMALHETE, Raquel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Vozes, 2014.
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria/RS, 2016.

- GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, p. 137-155, 2000.
- GÓES, Laércio Torres. **Contra-hegemonia e Internet: Gramsci e a Mídia Alternativa dos Movimentos Sociais na Web**. 2007.
- GOUVEIA, C. A. M. **Texto e gramática: Uma introdução à Linguística Sistêmico Funcional**. Revista Matraca. Rio de Janeiro. vol.16, n24, jan-jun, 2009.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian MIM; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. Routledge, 1994.
- HARJUNEN, Hannele. **Women and fat. Approaches to the social study of fatness. Academic dissertation. Jyväskylä studies in Education, Psychology and Social Research**, v. 379, 2009.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**/David Lê Breton. Tradução de Sônia MS Fuhrmann. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.
- MAGALHÃES, C.M. A Análise Crítica do Discurso enquanto Teoria e Método de Estudo. In: ____ (org.). **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.
- MAGALHÃES, Isabel. Teoria Crítica do Discurso e Texto. In: **Linguagem em (Dis)curso- LemD**, Tubarão, v.4, n.esp., 2004, p.113 a 131.
- MAGALHÃES, Maria Izabel S. Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. ISSN 1678-460X, v. 2, n. 2, 1986.
- MARTINS, Nathale Melo. **O midiativismo e os movimentos sociais: análise da campanha de divulgação da Marcha das Vadias no Facebook**. 2014.
- MOTA, M. **De Vênus a Kate Moss; reflexões sobre corpo, beleza e relações de gênero**. Actas de Diseño, v. 5, 2008.
- OLIVEIRA, Natália Godofredo; DOS SANTOS, Maria Anselmo; TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. Mulher negra, cabelo e empoderamento: uma análise do seriado sexo e as negas. **Análise do Discurso, Linguística Textual e Pragmática**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016.
- PARDO ABRIL, Neyla Graciela et al. **Cómo hacer análisis crítico del discurso. Una perspectiva latinoamericana**. 2a. Universidad Nacional de Colombia. Instituto de Estudios en Comunicación y Cultura (IECO), 2007.
- PEREIRA, Pedro Paulo. **Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer**. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 12, n. 26, 2008.
- PIGEAUD, Jackie. Metáfora e melancolia: ensaios médico-filosóficos. **Seleção de textos, tradução e prefácio: Ivan Frias**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Contraponto, 2009.
- PINHEIRO, Josefa Nunes; CHAVES, Mônica Campos; JORGE, Maria Salete Bessa. **A concepção de doença nas perspectivas: histórica, filosófica, antropológica, epistemológica e política**. Northeast Network Nursing Journal, v. 5, n. 2, 2004.

- PRIMO, Alex. Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Intercom**. 2008.
- QUADROS, Claudia Irene de. **Sobre metodologias para pesquisar blogs**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 2007.
- RAMALHO, Viviane Cristina Vieira Sebba. **Discurso e ideologia na propaganda de medicamentos: um estudo crítico sobre mudanças sociais discursivas**. 2010.
- RAMALHO, V.; RESENDE, V. D. M. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2016.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ROTHBLUM, Esther D.; SOLOVAY, Sondra (Ed.). **The fat studies reader**. NYU Press, 2009.
- SAGUY, Abigail C.; WARD, Anna. **Coming out as fat: Rethinking stigma**. Social Psychology Quarterly, v. 74, n. 1, p. 53-75, 2011.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Autêntica, 2016.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2016.
- SARDENBERG, Cecília. **Conceituando “Empoderamento” na perspectiva feminista**. 2006.
- SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Editora Record, 2004.
- SILVA, Lucimar. Aparecida. **Representações do corpo feminino na moda Plus Size no Brasil: um olhar multimodal em capas de revistas na versão online**. Dissertação de Mestrado Letras /UFV. Orientada por: Maria Carmen Aires Gomes. Viçosa, MG, 2015.
- SOUZA, Érica Renata; MONTEIRO, Marko Synésio Alves. **Repensando o corpo biotecnológico: questões sobre arte, saúde e vida social**. Revista Teoria & Sociedade, 2014.
- SWAIN, Tania Navarro. Por falar em liberdade. In: **ESTUDOS FEMINISTAS E DE GÊNERO: ARTICULAÇÕES E PERSPECTIVAS**, p. 36, 2014.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Trad. Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da PUC-RS. Petrópolis: Vozes, 1995.
- WOLF, N. **O mito da beleza - como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

6. ANEXOS

6.1. Textos que compõem o corpus

**Sexo Gordo e o corpo que balança (+18 porque não quero ser processada)
#NFSW – Gorda e Sapatão.**

Por Jész Ipólito

. Publicado em 27 de maio de 2014.

Há quem diga que o sexo não é tabu nos dias atuais e eu tenho que discordar disso. Fala-se sobre sexo de forma repetitiva (posições sexuais, áreas herógenas, o que fazer e o que não fazer, o que pode e o que não pode) ou então, de forma científica: estudiosos analisando o cérebro na hora do sexo, depois do sexo; prevendo o momento do gozo e do orgasmo, hormônios que são liberados e hormônios que não são liberados no ato sexual. Mas e os pequenos detalhes? Ninguém comenta, né? Há muito pudor ainda, por isso comentam na superfície, ou então, à fundo demais -hormônios, terminações nervosas, adinfinitum.

Minha mãe nunca conversou sobre sexo comigo. Fui descobrindo sozinha e da pior maneira: eu assistia filme pornô na adolescência e aquilo era meu único parâmetro pra sexo, uma vez que nem entre as amigas esse assunto era o mais comentado. Confesso que assistir filmes de sexo causou uma confusão mental em mim. Eu via aqueles filmes (héteros *mainstream*, a princípio) e não gostava da maneira que estavam postos. Não sei... não gostava mesmo. Eu não tinha ideia da minha lesbiandade naquela época, mas eu sabia que não me agradava, mas o motivo mesmo só fui descobrir depois de anos...

Eu ficava pensando porquê era tudo igual e mecânico, porque as câmeras focavam nas genitais e porque era sempre uma mulher que chegava do nada num quarto e começava a fazer um boquete no cara. Passavam horas naquela cena. Eu achava nojento aquilo, sério. Também assisti filmes lésbicos. Era com mulheres que tinham vagina e eu não sei ponderar o quão estranho eram aqueles videos com elas. Umas posições esquisitas, unhas longas e salto alto pra transar. E o que dizer daqueles dildos engraçados que mal conheço e já não curto pacas? Pois é!

Bizarrices à parte, foi isso que conheci sobre sexo, tesão, excitação, prazer. Por isso que escrevi no início que foi “*a pior maneira*” para mim. Eu conheci um sexo com

roteiro escrito que era direcionado à um público específico e não a mim.

Longe de qualquer parâmetro no quesito sexual, percebi que teria de descobrir sozinha o que era o sexo e como ele seria útil a mim. Porque aqueles exemplos videográficos não me contemplavam e passavam longe de me excitar.

A ideia de que o ato sexual deva seguir uma linha de acontecimentos programados é ridícula. O que nos mostram a todo momento a respeito de sexo, envolve uma gama de corpos com determinadas características físicas, envolve posições ditas ~melhores~ e envolve uma perfeição no desenrolar do ato. Um conjunto pronto, vendido em doses separadas através de revistas, vídeos, filmes, posters, etc; que se unem em harmonia para enfraquecer nosso sentimento de pertencimento do ato sexual.

Sentimento de pertencimento do ato sexual: É quando agimos de acordo com o que desejamos para aquele momento, descartando toda e qualquer influência performática destrutiva. Aí agora vocês podem pensar “*puxa, mas que radical ela é...*” e eu sinto muito em lhes trazer uma realidade pouco dita, mas quantas histórias temos conhecimento de amigas que se privaram de fazer algo da maneira que gostariam em prol de agradar ao outro (ou, à outra) e não a si mesma?

Quantas posições eu deixei de fazer porque fiquei pensando na minha barriga flácida mexendo?

Quantas vezes eu deixei de falar que “daquele jeito” não estava gostoso?

Quantas vezes eu fiquei numa posição que me incomodava mas eu passei por cima disso e continuei pra não ~quebrar o clima~?

Quantas vezes evitei transar por me sentir ~gorda demais~ pra isso!?

Quantas vezes deixei de falar sobre o que eu preferia?

São muitas perguntas e eu não tenho aqui a pretensão de responde-las como quem detém algum conhecimento superior acerca da sexualidade alheia. Não. Muito pelo contrário. Compartilho minhas inquietações por motivos de: não tá fácil pra ninguém!

E aliás...Ninguém me falou que no sexo, eu também deveria sentir prazer. Ninguém me falou que ser gorda e querer transar, seria motivo de aflorar minhas inseguranças em níveis estratosféricos.

Ninguém me disse que meus seios balançariam em determinados momentos, nem que minha barriga idem.

Esses mesmos seios, quando deitada, se esparramariam pros lados – *porque é impossível desafiar a gravidade, migas*
Ninguém fala das coxas gordas, que junto à outra coxa gorda, não fazem aquela posição tão aplaudida nos filmes pornô; mas que essas mesmas coxas conseguem estabelecer uma sintomia e formar uma outra posição que nunca foi nos apresentada como possibilidade.

Ninguém diz que tá tudo bem não conseguir enxergar a outra pessoa te fazendo sexo oral e que isso não é impeditivo pra uma sensação de prazer. Ninguém comenta pra não seguir o que dizem ser ‘adequado’ e seguir aquilo que mais condiz com a existência do meu corpo.

Ninguém fala do corpo gordo em prazer. Que as dobras não deveriam ser intocáveis. Que os seios grandes quando caídos, não excluem o prazer.

Esse ato sexual plastificado e lotado de pseudo-perfeições intensifica o tabu sobre o sexo, uma vez que falam-se disso só através do que já está posto – e, conseqüentemente, hegemônico-, perpetuado por vários motivos.

Não há nada de errado com o balançar do seu corpo na hora do sexo. O incômodo que isso nos causa vem de toda essa rejeição ao corpo gordo que é perpetuado em todas as mídias. Desde cedo nos enfiaram goela abaixo que pra ser bonita e sexy nada tem que mexer. Que tudo precisa ser estático e plastificado. Perfeito e desumano. Sem reação alguma, ou melhor, reações pré-determinadas por outrém.

Sexo é algo sublime que mexe com o nosso corpo -literalmente,- todas as tais terminações nervosas, todos os nossos sentidos. O corpo reage à um estímulo e essa reação vem de inúmeras maneiras. Errado é acharem que corpo deva perder todos os sentidos e reações na hora do sexo. Errado é essa ideia que impregna nossas mentes de que é feio ou não excitante o balançar os seios, das coxas, da barriga gorda. As melhores posições sexuais são aquelas feitas de acordo com que nos causa prazer e excitação. São estas, testadas e percebidas como melhores para nós.

PS: Deixar o corpo existir tal qual como ele é, só significa que é tudo pra você, por você. Sempre.

Você já sentou ao lado de uma gorda no ônibus?

Por Jész Ipólito

. Publicado em 8 de dezembro de 2016.

Ultimamente eu não tenho mais passado pela catraca. Eu evito, já me dei por vencida que aquilo não me serve, principalmente, que eu não tenho que me submeter aquele negócio pra provar nada pra ninguém! De tantas vezes apertada naquilo chega um momento que a ficha cai e você se pergunta porquê? Pra quem? Preciso mesmo disso?! De certo que isso não foi a coisa mais fácil que eu compreendi recentemente, na verdade é aquele longo processo sem data de validade em curso na minha vida... Porque empoderamento a gente até tem, mas nada é suficiente para blindar a violência simbólica do dia-a-dia. E muitas vezes eu não sei se foi racismo, gordofobia, lesbofobia... Alguns momentos eu sei que aquela risada no fundo do buzão foi por ter me visto travar na roleta, eu reparo em tudo e percebo nitidamente quem cochicha depois de olhar pra mim. Mas não exclui minhas identidades como um todo. Em alguns momentos se sobressai gordofobia, noutras, o racismo... Mas sempre um de mão dada com outro, onde o emaranhado está ali, está impregnado na minha pele toda, na forma do meu corpo, no meu jeito de andar e gesticular, de vestir. Eu realmente não busco mais fuga alguma porque a todo momento eu me deparo com o flagrante institucional que decreta meu fim enquanto me observa e investiga – me põe à prova- a partir do que eu sou, das características que eu carrego.

Voltando às catracas... Eu não uso mais, exceto em 1 ônibus onde a catraca é diferente e ótima. Nos demais, eu já desencanei. Isso se deu muito pelo fato de estar namorando uma mina preta&gorda que está atenta ao que significa andar de ônibus, nós duas juntas; muito mais lúcida agora, eu percebo a hostilidade simbólica incidindo sobre a gente. Os olhares são terríveis, os comentários inevitáveis. Tal qual São Paulo onde eu vivia, aqui acontece a mesma dinâmica só que em outras faces, não saberia explicar a peculiaridade... É muita coisa para se examinar e quanto mais despedaça, menor fica e mais difícil enxergar o todo. Às vezes Ela pede ao motorista para abrir a porta de trás por mim. Uma vez o motorista não queria abrir, e ela enfrentou e insistiu, debateu e ele abriu a porta. Eu nunca tinha visto alguém me defender naquela situação... E sempre fui

motivo de escárnio e risada, sempre fui o tom de voz culpado a pedir para descer na frente, e a resposta sempre surge como se fosse um favor, uma redenção cristã atender àquele pedido. Isso sempre foi muito horrível mas não foram poucas as vezes que eu naturalizei esse tipo de situação, que **eu cedi sem que tivesse consentido, porque era a única coisa que eu podia fazer naquela situação.**

Então ela faz essa gentileza por mim, abre-se as portas, eu entro. Procuro um lugar vazio, de preferência os amarelinhos poltrona única: são tão raros! Sério, é muito difícil encontrar ônibus com esses bancos “especiais”, em frota de ônibus novos até tem, mas os antigos que ainda rodam... Só a cor é amarela, o banco continua sendo o mesmo. O que demonstra que as pessoas que tiveram essa brilhante ideia (!) não sabiam nem para quem estavam fazendo. Invisibilidade tamanha, que você cria uma suposta medida de “inclusão” porque supostamente diz que enxergou as “tais pessoas” excluídas. Mas a real é que não dão a mínima mesmo! Não estou reivindicando nada... **Banco maior não faz ninguém deixar de me odiar. Banco maior não cabe a ojeriza que as pessoas carregam em seu imaginário ao se deparar com duas sapatonas pretas Y gordas sentadas juntas no ônibus.** É uma falsa reparação essas cadeirinhas. Nem como medida paliativa eu consigo conceber, porque não reconhece a existência das pessoas gordas (a não ser pra dizer que estão doentes), muito menos o direito à cidade, lazer, trabalho, etc; o mais interessante seria ter uma mudança nas catracas mas nem isso... Enfim!

Quando nos sentamos juntas e metade da outra fica pra fora, o abraço é obrigatório para a busca de um encaixe mais cômodo, e o revezamento 4x2 é meio desengonçado porém muito eficiente, favorece também um carinho. A gente cola um corpo no outro, sente que preenchemos todo espaço ali... Os solavancos são iminentes, não tem jeito! E a gente se aperta mais, e se assusta com a gente mesma, quase como estranhas que pedem desculpas por esbarrar na pessoa da frente. E eu atrevo a dizer que é o mesmo susto que levam todas as pessoas que arriscam se sentar ao lado de uma mina gorda e logo em seguida, se levantar e sentar no outro canto. É um susto encostar demais num corpo gordo, perceber que chegou ao limite do corpo de alguém e que acontece uma fricção involuntária entre as partes colantes porque aquele espaço é apertado demais para o olhar que julgou caber ali. Eu discordo daquele bordão “*Os incomodados que se mudem, eu tô aqui pra incomodar!*” porque eu **não** estou à disposição dos outros para “incomodar”, puro e simplesmente. Eu só levo essa pecha de “A Incomoda” por não ter minha humanidade reconhecida plenamente, acreditando

também que minha presença ali seja pedagógica e cirúrgica, embora isso me tire do chão muitas vezes, porque não é todo dia que você tá pro enfrentamento – mas o enfrentamento não deixa de acontecer, não é uma opção. Eu incomodo porque simbolizo tudo de ruim que essa sociedade não quer para si – pessoas cisgêneras brancas, heterossexuais, herdeiras, sobretudo, homens. **Eu sou tudo que ninguém quer ser. Ninguém estuda para ser como eu!** Ninguém quer ser preta, pobre, sapatão, gorda muito gorda, cabelo crespo, ter pelo muito pelo... De forma mais erudita, explico: **Não sou referência alguma.**

O espelho de Narciso ainda vislumbra apenas o diâmetro de seu umbigo, e como Grada Kilomba expõe “*vivemos num cubo branco, que reflete a si mesmo*”. Bem certa a ponta dessa lança, não?! O fato é que sentando junto de outra gorda, eu enfrento esse estigma e (re)afirmo que os espaços não foram pensados para nossos corpos. Às vezes a ideia de “estar mais confortável” parece melhor, mais atraente (claro, quem não quer viajar numa boa, nean?), mas também se espelha como uma armadilha, a mesma falsa aceitação que emanam contra mim, eu devolvo numa outra mina gorda se não pensar a respeito. Tenho a chance de ficar ali e ser acompanhada e companhia à outra mina gorda que não vai ver o lugar vazio preenchido por discriminações. Senta do lado da gorda, se espreme também, se esforce também. O incomodo não é físico na maioria das vezes, ele é moral e cristão. Ninguém se machuca por causa da bunda um pouquinho de fora, já fiquei quantas vezes assim para não “incomodar” a outra pessoa ao meu lado?! E então vocês se recusam a ir até o ponto final ao lado de gordas com a desculpa de que está apertado, mas não escondem a profundidade psíquica desse aperto, desse descompasso, descontrole... vergonha! Vergonha! Vergonha!

Nem sentar ao lado no buzão, no recreio, na sala de aula, no trabalho... Não pode, não deve! Nessa sociedade lipofóbica, sentar ao lado de uma gorda parece ser altamente contagioso. Em contra partida, se esta mesma gorda se desloca do lugar subalterno para um outro, de firmeza em estar bem consigo e afirmar isso publicamente, esse ato é visto como “coragem” aos olhos dos mais ~sabidos, de quem jura que está elogiando “*mas você é muito corajosa por fazer isso!*“. Corajosa por existir? Por não obedecer à normativa heterossexual e simplesmente ser eu? Isso não é um elogio. Coragem eu preciso para pular de para-quedas ou andar numa montanha russa, fazer uma tatuagem... sei lá. Não sou corajosa por andar de ônibus, por sentar-me como todo mundo; não sou corajosa por problematizar isso e expor minhas reflexões e minhas fotos. Existo, gente, assim como todo mundo que existe e decide publicar fotos

de si mesma numa rede social. Essa ideia de transformarmos as pessoas em heroínas porque conseguiram ser ou fazer tudo que é socialmente rejeitado, só colabora para manter essas pessoas no lugar de subalterno, agora com um *status* adequado à sua época, e então elencamos algumas pessoas para serem **AS ADMIRADAS, AS BELAS E CORAJOSAS** e no restante do tempo a gente segue simplesmente mudando de lugar onde tiver uma gorda ao lado.

CID 10 – E66: eu, obesa

Por Jész Ipólito

. Publicado em 23 de janeiro de 2017.

Pesquisando sobre a “epidemia de obesidade”, eu tenho me irritado bastante porque os números estatísticos não batem, não fazem sentido; a divulgação dos resultados também é muito falha, muitas matérias que eu acessei não tem se quer a data (coisa fundamental) de publicação no rodapé da página! Além de que, as pesquisas brutas raramente ficam disponíveis, os dados já chegam bem mastigados e selecionados, fazendo sentido só pra o que querem que faça -logicamente.

Eu comecei a adentrar essas pesquisas porque, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) e seu IMC (Índice de Massa Corporal), **eu sou doente e meu CID 10 é E66**_(até decorei), considerada obesa grau III por órgãos internacionais. Eu faço parte do que chamam de “epidemia”, mesmo sendo gorda desde sempre. Nesse sentido eu comecei a perceber que empoderamento nenhum será suficiente para desmontar o discurso médico científico que simplesmente edifica o solo para que se construam todos os comentários e atitudes gordofóbicas que presenciamos cotidianamente. Para OMS, eu sou obesa e preciso me tratar. O mais curioso é que quando comecei a pensar na investigação desse tema, eu corri ligar para minha mãe e perguntar sobre um episódio que eu tinha bem ocultado da minha mente: Aos 15 anos eu pedi para fazer uma avaliação médica para cirurgia de redução de estômago. Essa parte do “eu pedi” tinha me esquecido, só lembrava de ter ido numa consulta com minha mãe e sair de lá com uma negativa por **2 motivos**: Eu só tinha 15 anos (isso foi há exatos 10 anos atrás) e a cirurgia era muito cara (uns 12 mil reais, minha mãe não lembra exatamente). Por um ano a mais e muito dinheiro na conta poupança eu estaria operada hoje. Então imaginem o quanto esse mergulho no discurso médico está mexendo comigo internamente... Tem sido bem difícil. Eu já comecei e parei tantas vezes que perdi a conta. Hoje eu consegui

dar mais passos: li e baixei muitas pesquisas e matérias a respeito desse assunto. Separei uma pasta no meu drive, salvei pdf, cheguei a pedir dados brutos de pesquisas sobre bariátricas pela lei de acesso à informação, porque pesquisas estão escondidas e eu quero entender melhor o que se passa.

Algumas coisas não fazem sentido, as contas não batem, os discursos se ancoram em pesquisas que ninguém conhece ninguém viu, não há um debate público acerca dessa questão... Insistem em medidas de “controle” à obesidade a partir da ideia de que a população mundial tem sobrepeso (tudo medido a partir do IMC, o mesmo que é relativizado quando da avaliação individual para indicação de uma bariátrica, é usado pra medir indiscriminadamente a população mundial: coerência, kd?), logo, são futuros obesos.

E as perguntas que eu me faço são várias, mas dentre elas: Porque consideram uma epidemia? As pessoas estão morrendo em quais condições?! Porque estão considerando doente as pessoas que tem alguns quilos a mais? Se o argumento gira em torno da preocupação com a saúde e qualidade de vida, porque há um alto investimento em novos remédios indicados para tratar obesidade? Porque o investimento alto nas tecnologias para cirurgias bariátricas? Porque não há se quer MENÇÃO do quanto a sociedade prioriza um padrão estético branco e margo inalcançável em detrimento da multiplicidade de corpos? Porque a publicidade não é lembrada nesse bolo todo?! Porque políticas de “controle” e “redução” de sobrepeso e obesidade tem foco nas **PESSOAS**, culpabilizando-as pelo próprio corpo? Porque não combate-se a cultura neoliberal que impulsiona não só o consumo de açúcares, gorduras e sal, mas que impossibilita políticas de avanço para agricultura familiar, acesso à saneamento básico e água potável, ou mais ainda, retira direitos fundamentais das pessoas (alo alo PEC da Morte!) como acesso à saúde pública (Adeus, SUS!) e à educação?! Preciso lembrar que (des)emprego -uns tem, outros muitos não tem- também é fator que desencadeia uma séria de coisas na vida da gente, mas isso nunca é levado em consideração nas análises que eu já li. Nem são levados em conta o papel que a indústria farmacêutica desempenha nisso tudo, menos ainda o agronegócio que deliberadamente, comanda o que a gente come... é quase como se não existissem. **No rumo que essas pesquisas tem tomado, estão considerando absolutamente todas as pessoas com 1kg a mais daquilo que diz o IMC como obesas, porque colocando sobrepeso e excesso de peso no mesmo bojo de doença, que é a obesidade, logo, somos todos e todas**

doentes! Isso mesmo, eu que peso 150kg e você que pesa 60kg, (a depender da altura, claro, respeitemos o sagrado IMC), somos doentes. Bem-vindes!

Entenda o que houve: Em 2016, o Conselho Federal de Medicina, ampliou de 6 para 21 o número de doenças associadas à obesidade e que podem levar a indicação da cirurgia bariátrica, isso significa que estão associando muitas outras doenças à uma doença, entenderam? Tipo, outras doenças associadas à obesidade, logo, se você tiver 1 dessas 21 doenças e estiver com o IMC entre 35 kg/m² e 40 kg/m² você já é uma paciente com pré-disposição à fazer redução do estômago.

Eu realmente não tenho a intenção de demonizar a cirurgia ou endeusar a obesidade porque eu compreendo que há **SIM** problemas de saúde que decorrem do excesso de peso, isso eu tenho plena convicção de que existam sim; eu tenho consciência do meu corpo e do meu peso... Não acho errado a cirurgia, porque para muita gente essa foi a única saída para não morrer, literalmente. Eu não deixo de considerar possível fazer-la se um dia a necessidade real aparecer para mim. O que eu trato aqui nesse texto não é de cunho moralista ou de perseguição a quem faz ou pretende fazer. Ao contrário, eu quero que cada vez **MENOS** esse recurso seja utilizado, quero que as pessoas se conscientizem sobre o que está por trás dessa onda que vem afogando todo mundo sobre obesidade... É algo muito criminalizador também e, conseqüentemente, culpabilizador. Porque as exigências estéticas chegam primeiro do que o cuidado com a saúde, isso é “consequência”. O padrão de beleza magro e a expectativa que se tem em alcançá-lo é muito mais enfatizado do que propriamente uma preocupação com a saúde. Eu não consigo conceber como justa a maneira como esses tantos especialistas (que eu duvido serem obesos) tratam o assunto, de uma forma economicista e na base de eufemismos, deveras desumanizada; **tratam todas as pessoas como dentes que precisam se curar**. Como podemos achar ok as diversas análises e boletins epidemiológicos que homogenizam as pessoas, os países e as culturas em prol de um alarde que não surte efeito, pois todas as indicações que fazem ora são de cunho individualista (a depender de quem fala) ora são de uma inclinação mais social e coletiva, mas **nunca contestam as políticas neoliberalistas em pleno vapor nos países da América do Sul**, por exemplo. Por outro lado é compreensível essas dualidades e contradições nos discursos... Porque até mesmo quem denuncia tem um lado, **não existe política neutra** e ir à fundo nesta questão e jogar bosta no ventilador pode irritar muita gente lá do alto dos seus poderes...

Enquanto isso, muitas pessoas tem, literalmente, engordado para EMAGRECER com a cirurgia. Sim! Isso existe e é cada vez mais recorrente essa situação porque não é exatamente a saúde que está em jogo, é a forma como nos sentimos com nosso corpo, logo, é a forma como as pessoas nos enxergam e nos avaliam – estamos em estado de vigilância constante. A questão da bariátrica ser indicada para pessoas obesas é porque elas realmente precisam, mas ao notar o número crescente do procedimento, muita gente que não tem indicação direta tá passando pela cirurgia por outros motivos que não o de saúde. Eu conheço alguém que engordou para fazer a cirurgia bariátrica porque não tinha o peso “ideal” que pede a cirurgia, *então ok vou engordar para emagrecer*. Se pensar bem, talvez você aí também conheça, e não será coincidência se essa pessoa for uma mulher, viu?!

O nível que a gordofobia tem atingido na vida das pessoas, tenham elas o tamanho ou o IMC que for, é absurdo a ponto de se submeterem a um regime de engorda só para emagrecer na base da cirurgia depois: **Porque tem alguém que faz, que aceita, que não se recusa. Pagou, fez.** Tem gente para dizer que isso é bom, que tudo bem e que não há nada demais nessa atitude. Tem também uma mídia que colabora tanto para o convencimento de que ter um corpo grande e/ou gordo é errado quanto para legitimar a cirurgia bariátrica como solução dos problemas DA VIDA! Porque o discurso é de que, se sua vida tá ruim é porque você está gorda demais. Além é claro, de endossar e atualizar o próprio discurso de que “*só é gordo quem quer*”, ou que “*gordo é preguiçoso*” e só sabe “*fazer gordice*”. Focando em histórias de pessoas que tiveram um suposto “sucesso” na cirurgia para dizer o quanto todas as outras pessoas deveriam fazer como **AQUELA** pessoa e evidentemente, “*correr atrás*” e ter “*força de vontade*”, porque “*QUEM QUER CONSEGUE*”, não é mesmo? Eu já ouvi isso tantas vezes na minha vida e ouço até hoje... É o discurso da meritocracia, esse mesmo que vai dizer que pessoas negras não precisam de cotas por que “*é só se esforçar*” pois “*tem que batalhar para conseguir o que quer*”, porque cotas é “*uma forma de preconceito*”, como se partíssemos todas do mesmo patamar e não enfrentássemos barreiras diversas para conseguir viver. É balela! É da mesma raiz...

Esse é um pequeno desabafo de quem começou a pesquisar sobre o discurso médico científico que me patologiza, que me causa ansiedades e distúrbios porque ele aparece pela boca da minha mãe, de colegas, de conhecidos; é o discurso dos homens brancos da ciência gananciosa que foram moldando no olhar das pessoas e na percepção que elas tem sobre mim. É o discurso médico que me adocece, literalmente, porque não

permite que as pessoas me vejam como alguém inteligente e capaz, útil, perspicaz para exercer qualquer atividade laboral. Não atoa eu estou desempregada há mais de 6 meses, porque a cada entrevista é o discurso médico agindo sob mim! É o impedimento físico, psicológico, econômico e financeiro agindo sobre meu corpo e não permitindo que eu me desenvolva enquanto pessoa. Esse discurso precisa ser combatido pela raiz! Não tem me deixado mais satisfeita só ir de biquíni à praia. Eu quero a destruição desse discurso que patologiza TODOS os corpos. Eu quero o fim dessa fobia à gordura em nome de uma pseudo saúde que **NUNCA** vai existir nestes moldes políticos de Estado mínimo e privatizações máximas. Enquanto os homens brancos do **agronegócio mundial** ditarem o que é a obesidade; enquanto eles aumentarem supermercados de comidas não-nutritivas; enquanto a agricultura familiar for destruída pela poluição das águas, a impossibilidade do plantio e colheita continuar sendo imposta, o roubo de terras e a usurpação das condições mínimas de vida... Enquanto o neoliberalismo reinar, nós continuaremos todos e todas obesas, fadadas realmente à essas doenças que são invenção do capital para se manter: a obesidade e a desnutrição demonstram que estamos a frente de um desafio muito maior do que imaginamos, porém, há saídas estratégicas e urgentes mas que ela terá de ser forçada por todas: A soberania alimentar pode ser uma das ferramentas de reversão das condições materiais que nos impõe o títulos de obesos e nos condena uma “epidemia” que só nos responsabiliza pelo fato de empresários multimilionários deterem o poder de decidir quem come, o que come, quando come. É algo mais profundo, diz respeito à todo um sistema econômico que nos permeia diretamente, e que precisamos nos atentar a isso também se quisermos reverter o discurso gordofóbico... porque esse discurso não surge do nada, ele tem exatamente propósitos políticos e está prestando um Serviço...

Pretendo desenrolar melhor esse assunto em próximos textos, hoje eu só precisava desaguar.

O empoderamento não vai te livrar das dores

Toda vez que alguém me diz que não está empoderada o suficiente porque fulano teve um comportamento gordofóbico, eu tenho vontade de sair de onde eu estiver, ir até a pessoa com uma caneca de chá preto com leite enorme e um sação de biscoito de polvilho, abraçar colocar no colo. Mas como não consigo, eu tomo o meu tempo para explicar a coisa mais importante sobre o assunto: o empoderamento nunca vai te livrar das dores.

Você pode estar pensando neste exato momento que, se o empoderamento não nos livra de sofrer, pra que então eu vou me empoderar? A resposta é bem simples na verdade. O empoderamento serve para você reconhecer o seu valor como ser humano. E ser humano, minha gente, SENTE. Todo ser humano é um ser senciente. A gente sente, tem sentimentos, sentidos físicos. O empoderamento não serve para anestesiá-los. Serve para você compreendê-los.

Quando alguém se empodera, consegue compreender que seu valor pessoal não é determinado pelo seu corpo. Compreende que existe muito preconceito e que a maioria das pessoas ainda está presa a este tipo de pensamento como se fosse uma verdade. Uma gorda empoderada aprende que a força que as indústrias que lucram com a insegurança feminina é muito grande e a velocidade das mensagens que elas passam é muito superior àquela que nós conseguimos atingir. Mas o empoderamento não acontece do dia pra noite. Ele vale a pena justamente porque é feito aos poucos, devagar, limpando toda a sua vida daquela gordofobia arraigada na sua mente e vai construindo uma visão nova sobre você mesma. É praticamente nascer de novo.

Obviamente, uma pessoa empoderada consegue rebater muito mais as ofensas e discernir o que vale ou não a pena desconstruir (porque tem gente que não quer desconstruir viu?), se vale a pena ou não sequer dar atenção pra alguma coisa. Uma pessoa empoderada tende a ser bem mais feliz porque o empoderamento te ajuda a você não basear a sua vida em decisões que não sejam suas. Só você tem poder sobre as suas decisões e se alguém tem algum tipo de poder sobre como executá-las, você vai conseguir arrumar meios para que elas sejam cumpridas. Isso é natural. O ser humano é uma pessoa criativa e isso não significa ter habilidades artesanais, mas sim criar várias coisas, desde cálculos até a mais bela obra de arte.

Quando uma pessoa empoderada sofre um ataque, ela está sim suscetível ao sofrimento. Não é que o empoderamento esteja fraco, mas a gordofobia é uma violência e você tem todo o direito de se sentir triste quando sofre uma violência. A diferença é que quando você se torna uma pessoa empoderada, você consegue se reerguer mais rápido e uma pessoa não empoderada tende a acreditar que aquela violência foi merecida e quer de todo jeito mudar para agradar as pessoas.

Eu não vou mentir, as coisas ficam difíceis ainda. E no começo de todo o empoderamento fica mais difícil porque você vai reconhecer toda a violência que antes você não reconhecia, como a Fernanda do blog Real Plus Size disse [neste texto aqui](#). Tem horas que você vai querer voltar pra Matrix. Mas eu garanto que a vida aqui fora é

bem melhor. Porque a hora que você mesma começar a se amar e a se respeitar como você é, você terá forças pra exigir o mesmo respeito das pessoas fora. Vai parar de se culpar pelos erros que os outros cometem contra você. Vai começar a viver bem melhor. O empoderamento não é a cura, é o caminho para ela.

Lutar contra a gordofobia não é ser contra o emagrecimento

Muitas pessoas vêm me questionar o porquê de eu ser contra as pessoas magras ou contra o emagrecimento. E a resposta é simples: não sou.

Uma vez que eu promovo a quebra do preconceito e a aceitação do próprio corpo independente de peso, tamanho de roupa, formato, cor ou qualquer outra coisa, eu deixo claro que eu estou combatendo apenas o PRECONCEITO. Preconceito este que pode partir tanto de pessoas magras quanto de pessoas gordas.

Há quem diga que, quando uma pessoa gorda que milita contra a gordofobia resolve emagrecer, ela está *traindo* o coletivo gordo. Gente, por favor. Traição só acontece se ela começar a reproduzir e disseminar a gordofobia, estando ela ainda gorda ou não.

Existem muitos motivos para as pessoas emagrecerem e estes motivos cabem exclusivamente a elas. Não a mim, não a você, mas a ELAS. Assim como nós temos direito ao nosso corpo, elas também têm. E deixar de consumir a música, admirar o trabalho ou ser amiga de uma ex-gorda somente pelo fato de ela ter emagrecido é preconceito SIM. Não existe magrofobia mas preconceito, mesmo sem um termo específico, continua sendo preconceito. Então vamos nos empenhar em ser pessoas melhores já que queremos uma sociedade melhor, certo?

Quanto às pessoas magras que acreditam que estamos querendo engordar pessoas para formar um exército gordo e dominar o mundo, por favor, ponham a cabecinha para pensar. Nós não queremos nada além de respeito. Lutamos apenas contra o preconceito e a falsa simetria. Não queremos que vocês sejam maltratados e nem percam seus direitos. O que buscamos aqui é a sua empatia, é deixar claro que somos seres humanos merecedores do respeito alheio e queremos que nossos direitos sejam respeitados também. Vocês podem ver que eu repito a palavra respeito porque é justamente essa a nossa luta. Bem simples.

Queremos que nosso almoço seja respeitado sem ninguém analisando nosso prato, que nosso espaço seja respeitado sem ninguém analisando nosso corpo, que nossas oportunidades acadêmicas e profissionais sejam respeitadas de igual para igual e analisem nosso currículo e testem nossa capacidade e não a nossa aparência. Queremos um atendimento médico digno onde o profissional que deveria cuidar de nós não fique zombando, condenando, julgando, maltratando e muito menos atribuindo qualquer doença ou sintoma nosso ao fato de sermos gordas. Queremos viver nossas vidas em paz sem que pessoas disfarcem seu preconceito com preocupação da saúde alheia e acham que não estão passando vergonha com essa desculpa que já caiu por terra tanto quanto discursos eleitorais. Queremos que as pessoas entendam que esta opressão causa problemas psicológicos graves que matam muito mais do que doenças provocadas pela obesidade ou qualquer outro argumento falho utilizado por vocês. Tudo o que queremos é viver nossas vidas sem sermos incomodadas.

Não sou contra o emagrecimento, sou contra ele ser feito de forma violenta, despreparada, descuidada, sem um controle ou acompanhamento. Fiz dieta durante 21 anos da minha vida, tempo o suficiente para saber na prática que dietas de revistas e livros de alta circulação podem piorar significativamente sua saúde (muitas vezes de forma irreversível), que não se deve pegar o remédio da amiga porque “ele é ótimo para emagrecer” (e pode te levar à morte), que dietas malucas e restritivas são extremamente perigosas, entre outras coisas péssimas.

Quer emagrecer com dieta? Visite um endocrinologista e um nutricionista e faça o acompanhamento. Quer fazer uma reeducação alimentar para desintoxicar seu corpo, independente de emagrecer ou não? Acompanhe com um profissional ou grupos de apoio como Peso Ideal que tem vários profissionais por trás de uma orientadora. Quer fazer a bariátrica? Verifique bem se é a opção correta, pense, converse com profissionais e decida-se. Se for isso mesmo, apenas seja muito feliz.

O que desejamos aqui é erradicar a gordofobia e ensinar as pessoas a amar seu corpo independente de como ele é ou de como deseja que ele seja.

Sobre ser gorda e ter alguma doença hoje em dia

Quando se trata de saúde das pessoas gordas, não sei o que acontece mas uma onda de bondade, interesse com uma leve pitada de clima natalino toma conta das pessoas e de repente todo mundo está apenas preocupado com a nossa saúde por pura

escolha, óbvio. Não ficam preocupados com os tabagistas, nem com os alcoólatras, nem com aqueles que usam drogas (na verdade alguns deles até fazem uso de um pouco de alguma coisa *para fins recreativos*), nem com os depressivos ou aqueles que não têm condições humanas de saneamento básico, ou aquelas que estão em condições precárias de higiene e nutrição. Não. São os gordos que têm total atenção das bondosas almas. Que sorte a nossa, não?

OBS: Se você não entendeu o tom sarcástico que eu usei, sugiro ler até entender. Não tenha pressa.

Quando se fala sobre gordos e as pessoas falam sobre a saúde, o esquadrão dos gordos saudáveis anda cometendo um erro absurdo ao levantar seus belíssimos exames de sangue com todos os resultados impecáveis, para que os pseudo fiscais de saúde os deixem um pouco em paz, mas sempre com aquele *lembrete amigo* de que se você não está doente hoje, com certeza vai infartar amanhã. Quanta bondade!

Acontece que, assim como nem todo magro é saudável, nem todo gordo é saudável. Existem aqueles que são diabéticos (eu), aqueles que são hipertensos, aqueles que têm o colesterol alto, aqueles que têm qualquer problema de saúde. Assim como existem magros nas mesmas condições.

A diferença entre um magro e um gordo com uma doença tecnicamente relacionada à obesidade (lembrando que nem todo mundo que está na tabela marcado como obeso de fato é gordo) é que acham que o gordo ter alguma doença é óbvio, era certeza que ele ia ter. Já o magro... Tadinho, foi um azar do destino. #SQN

Me incomoda demais o fato de pessoas gordas ficarem falando de seus exames. Você não vê um magro falando “Eu sou magro, mas meus exames estão uma beleza!” ou “Eu sou magro mas estou com o colesterol muito bom!” ou mesmo “Eu sou magro mas meu médico me parabenizou pelo meu check up mesmo que ele queira me engordar um pouco”. Não. Quando se fala de saúde, ninguém pergunta como vai a saúde dos magros, dos fitness, dos *bodybuilders*, mesmo das modelos que estão muito abaixo de um peso considerado “saudável”. Ninguém está nem aí com o estilo de vida de quem é magro, mesmo que este só se alimente de junkie food, fume como uma chaminé, beba como um peixe e tenha uma dinâmica de vida digna de dar inveja à Super Vicky.

Mas não é só isso. O que me incomoda mais é que quando você é gordo e cresce com aquela pressão de saúde e acredita que você pode ter sérios problemas pelo fato de ser gordo, você se sente acuado de falar que tem alguma doença e chega a não se tratar.

Existem muitas pessoas até que deixam de fazer exames por anos com medo de descobrir algum problema e ser humilhado por isso. O que é um absurdo porque se houver alguma coisa, quanto antes descobrir mais chances de tratar e curar ou no máximo conviver em paz com isso.

Quando eu descobri que era diabética, eu cheguei a não tomar remédios porque eu tinha medo de alguém ficar falando na minha orelha que eu tinha que emagrecer, que eu tinha comido muito açúcar, enfim aquela intelijumência toda de médicos formados por 12 temporadas de *Grey's Anatomy*. Quer dizer, eu negligenciei minha própria saúde e bem estar com medo de ser julgada por ter uma doença e ter que cuidar de mim? Julgadas por pessoas que não vão fazer a mínima diferença nos meus exames e na minha qualidade de vida, sejam elas conhecidas ou não. Entende o quão absurdo é isso?

Você ser gordo e saudável e ficar esfregando seus exames na cara de todo mundo é muita falta de empatia com os gordos que têm alguma questão de saúde a ser resolvida. Isso porque nós acabamos entrando no estereótipo do gordo doente que todo mundo julga e condena e acabamos com tanta vergonha do nosso hemograma ou da nossa glicemia quanto tínhamos do nosso corpo em um biquíni.

Se não formos nós por nós, mais uma vez estamos lutando sozinhos. E lutar sozinho é bem mais cansativo e demorado que nos unir.

Portanto, cada vez que alguém falar da sua saúde por ser uma pessoa gorda, responda apenas que sua saúde diz respeito somente a você e ao médico que você escolheu para cuidar dela, seja com exames de rotina, seja com algum tratamento.

Ninguém tem o direito de futricar na sua saúde se você não permitir e, a menos que essa pessoa vá lhe pagar o convênio ou fazer o tratamento correto para você, então esta pessoa pode se morder de curiosidade, porque seus exames não lhe dizem respeito.

Se você é gorda e tem alguma questão na saúde, sinta-se abraçada por uma gorda diabética que aprendeu a se cuidar anos depois. Não tem problema você ter algo. Não são só os magros que têm passe livre para adoecer. Você é um ser humano e está sujeito a tal. Portanto, ao invés de se culpar e negligenciar, cuide de si mesma. Você é a única pessoa que estará consigo até o fim dos seus dias. Então faça com que sejam bons e dane-se o mundo.

O que mudou na minha visão depois de me cercar de bons exemplos

A primeira vez que eu vi uma foto da Beth Ditto foi na livraria Saraiva, na capa de uma revista com a seguinte foto (que não era a Love):

Foi uma amiga quem me mostrou e me disse que ela era conhecida por ter um estilo diferente como o meu e por ser gorda (não disse como eu mas eu saquei). E eu confesso que na hora não me senti nada bem.

De primeira esta imagem da Beth para quem não está acostumada com representatividade pode ser chocante mesmo. Olhei para as dobras dela (na época eu era mais magra) e pensei imediatamente que não queria ser “feia e estranha” como ela. Eu tinha que dar um jeito de ser “normal”. Sim, meu passado me condena.

Depois daquilo passei por inúmeras dietas, sofrimentos, tentativas de não ser quem eu realmente era e toda uma luta que já pontuei algumas vezes aqui. Hoje eu tive a oportunidade de rever esta foto e pensar que eu quero ser tão linda e poderosa quanto ela nesta foto.

Não pense você que foi um ato voluntário não. Foi de repente que eu pensei nisso e também de repente meu passado me deu um soco no estômago dizendo AH É BONITONA? ELA NÃO ERA FEIA E ESTRANHA?

Minha reação quando eu me toquei do que eu pensei da MESMA foto em questão foi tipo

Quer dizer então que quase uns 10 anos depois eu estava achando a mesma foto que eu tinha achado estranha, feia, a mesma mulher que eu não queria ser, era justamente alguém em quem eu estava me espelhando? COMO ISSO ACONTECEU?

E foi aí que eu me toquei: eu me liberei dos maus exemplos opressores que faziam com que eu me odiasse e passei a ter perto de mim exemplos mais parecidos comigo que me mostraram a beleza e o poder de ser quem eu sou.

Esses dias rolou um adedão das gordas no Facebook (foi de repente que aconteceu nada muito programado não) e eu vi muita mulher querendo adicionar cada vez mais as gordas. Isso porque é algo importante para nós. Isso porque não temos representatividade como as pessoas padrão têm. Isso é o que toda minoria deveria fazer, justamente se unir.

Certa feita uma mulher gorda nos contou sua história e de como ela se sentia mal e uma vez ela comemorou estar rodeada de mulheres gordas no face e eu vi que cada dia mais ela mostrava muita força. Era justamente o poder de estar no meio de quem faz

com que a gente se sinta bem. É importante saber que tem muito mais pessoas como você do que a mídia tenta pregar. E isso nos dá força para continuar cada dia.

Depois que eu comecei a me aceitar e me rodear de exemplos bodypositive eu comecei a enxergar a beleza, a sensualidade e o desejo nas outras formas além do padrão (e desejo vai além do sexual). Era justamente aquilo que me fazia me reerguer a cada ataque que eu sofria. Era essa companhia, esse mundo cercado de gordas que me fazia ver que eu mereço o respeito que me foi negado e com isso ter forças para exigir o que é meu por direito.

Quando você começa a se amar e se aceitar como é, você começa a se tratar diferente, o mundo te enxerga diferente. Tem aquele lance da lei da atração que funciona em conjunto com vários outros fatores e tem o fato de você impor o respeito.

Meu pensamento, meus conceitos, meus gostos mudaram muito. Tive muito mais coragem de assumir meu estilo, meu corpo, minha atitude, minha voz depois que eu comecei a abraçar cada vez mais mulheres gordas e colocá-las no meu convívio. Se você está no caminho do empoderamento e acha que está estagnada, faça uma reflexão e veja o quanto você já mudou. Isso vai ajudá-la a continuar cada vez mais.

Exclua de uma vez por todas pessoas que fazem mal. Una-se a quem te faz bem. Faça novas amizades parecidas com você tanto em estética quanto em pensamento.

Você verá como faz bem

PARE DE ODIAR SEU CORPO!

Dia desses, eu estava conversando com uma amiga sobre como uma menina era linda, ela me disse: *“Fico com raiva, devia ter me gostado antes, agora estou ficando velha haha”*. Naquele momento, eu que também analisava sobre o quanto aquela menina era linda e parecia novinha, pensei comigo mesma que seria lindo se todas se amassem ainda jovem, como ela demonstra se amar. Mas, infelizmente, nós somos, desde pequeninas, **ensinadas a odiar nossos corpos**, essa cobrança e ódio existe em qualquer manequim, mas é claro que, quando maior o número do jeans que usamos maior é o incentivo do mundo para que a gente se odeie.

Como quase tudo na vida, aqui também cabe aquele ditado: *“Antes tarde do que nunca”*.

Embora eu deseje de coração que chegue logo o dia em que as mulheres deixem de ser ensinadas a se odiarem, sei que a nossa realidade não é essa e que tem muita mulher maravilhosa que ainda odeia seu próprio corpo e é com vocês que quero papear nesse post. <3

Se HOJE você ainda não consegue amar seu corpo do jeitinho que ele é, tente ao menos não o odiá-lo mais, nosso corpo merece ser amado e respeitado todos os dias.

Façam um acordo consigo mesmas, se esforcem para não se autodepreciarem e não emitir sinais de ódio ao próprio corpo. Em paralelo ao mesmo tempo comece a descobrir pedacinhos do seu corpo que você admira os exalte sempre para si. Aos poucos você vai perceber que quanto mais partes você consegue amar do seu corpo, menos importância terá o ódio que um dia você alimentou por ele. Não importa a sua idade hoje, ou o tempo que você já perdeu se odiando, o que realmente importa realmente é que você deixe o ódio de si mesma fazer parte do passado e comece a se amar hoje mesmo. <3

Você já se amou hoje? *_*

CARTA ABERTA À C&A

Olá C&A (responsáveis pela marca)!
Hoje venho, em nome de uma causa, bater um papo com vocês. Vi o lançamento da campanha em que vocês usaram uma modelo curvy model (definição dela mesma) com os dizeres **GORDA e SEXY**.

Como militante da aceitação corporal eu me sinto incrédula com as fotos e os dizeres, vocês sabem o que é ser GORDA? Creio que não e vou ajudar vocês nessa: Ser gorda é ser preterida em empregos e também em relacionamentos, é ter sua saúde questionada por todas as pessoas, é pensar antes de sair de casa se o lugar aonde vai irá te “cabem” (literalmente viu? Cadeiras, catracas e muitas outras coisas não nos cabem). Ser gorda é estar à margem da moda e nem mesmo marcas que dizem investir no plus size cabem, por sinal C &A vocês sabiam que existem uma parcela imensa de gordas que não cabem no tamanho 54? Ser gorda é resistir e viver em um mundo em que a sociedade, o tempo todo, tenta nos moldar, quando digo nos moldar é nos mais diversos

modos.

Por que vocês usaram uma modelo não magra para a chamar de gorda?

Vocês já ouviram falar em transtornos alimentares?

Sabem quantas mulheres se odeiam por ter um corpo que consideram gordo e muitas vezes nem são de verdade?

Sabe o que faz as mulheres pensarem assim C&A?

São campanhas como essa que vocês fizeram.

A modelo é linda e não tenho dúvidas nenhuma de que ela é sexy, mas por favor C&A entenda que essa ação desrespeita as gordas de verdade e ainda coloca em risco a vida de milhares de mulheres que, infelizmente, ainda acreditam em coisas como vocês dizem.

Nós GORDAS não precisamos do reconhecimento de vocês, caso insistam em nos negar como sempre, mas lamento que vocês precisem usar “erradamente” uma causa para se promover.

Nós estamos nos empoderando e empoderando outras mulheres gordas, nenhuma gorda que já conhece o seu valor consegue ver nada de positivo nesta campanha, nem precisamos pensar em boicote já que a marca já boicota as gordas, não tendo nada que nos sirva nas araras.

C&A em 2016 não dá mais para vacilar, melhore!

SOBRE SER GORDA E A FARSA DA FEMINILIDADE

Existem certos traços que nossa sociedade relaciona à figura da mulher. Esse conjunto de atributos é o que chamamos de feminilidade. É como se fosse uma lista com quadradinhos do lado, e quanto mais ‘xises’ você consegue marcar mais é vista como perfeita, ideal. Cada item nessa lista tem alguns subitens, e você só pode marcar um xis no item principal se todos os subitens estiverem marcados. Acredito eu que no item beleza exista uma quantidade gigantesca de requisitos a serem atendidos, e um deles seria alguma coisa como “ter um corpo sexualmente desejável pela maioria dos membros do Sexo Masculino™”.

Nós sabemos que esse item em específico é um daqueles que a maior parte das mulheres não têm “direito” de marcar com um xis, mas também que gordas são ainda menos merecedoras disso. É só dar uma olhada em revistas e desfiles: mesmo que mulheres muito magras não façam parte desse grupo idealizado, elas ainda são muito mais aceitas visualmente do que quem está do outro lado do espectro peso, e apesar de sofrerem com a necessidade de se sujeitarem a um padrão estético não são submetidas a um tipo de opressão específico para seu corpo.

Nos vemos forçadas a compensar a ausência desse xis de alguma forma. Para muitas mulheres gordas, a moda e a maquiagem entram aqui. Se você der uma rápida busca de imagens no Google com os termos “plus size + estilosa” ou similar e comparar com uma busca pelo segundo termo sozinho, vai ver que a maioria das meninas gordas está usando vestidos e saias com a cintura marcada, ou muita maquiagem, ou salto alto, ou cabelos compridos e soltos, ou combinações desses itens, enquanto as meninas magras estão usando botinhas e gorros e camisetas e roupas larguinhas. Ser gorda e ser estilosa significa, nesse contexto, ter que performar muitos mais itens daquela lista metafórica do que se esperaria de uma menina considerada atraente pela maioria das pessoas. Significa que somos obrigadas a nos desculpar pelos nossos corpos usando roupas que não fogem do padrão como as nossas formas fogem. Se as pessoas já têm a ideia que gordas só são assim porque são desleixadas e não se importam com sua aparência, a maquiagem e as roupas elaboradas servem para desfazer essa impressão. É como se estivéssemos dizendo “desleixada, eu? Mas olha o tanto de maquiagem que eu estou usando! Alguém que tem todo esse trabalho de manhã não pode ser desleixada!”.

Somos, ainda, excluídas de todos os assuntos tipicamente femininos. Você quer conversar com suas amigas sobre moda? Você só pode falar disso até certo ponto, porque as lojas preferidas das suas amigas nunca têm os tamanhos que você usa e as inspirações de estilo delas não têm o mesmo corpo que o seu. Quer falar sobre garotos? Mas por que? Você não é o tipo de nenhum deles mesmo, então qual é o sentido de se preocupar com esse assunto? Quer sair para beber com suas amigas? Hmmm, melhor não, beber já é feio para mulheres, imagina para uma gorda. E para comer, então? Não é à toa que a frase da Rae, personagem da série *My Mad Fat Diary*, sobre comer em público soa tão verdadeira: se você está comendo fast-food todo mundo provavelmente está pensando “é, desse jeito você nunca vai emagrecer” ou sempre tem alguém pra falar que “está fazendo gordice” e se está comendo alguma coisa saudável teme que

alguém fale que você não está enganando ninguém, porque “com certeza não foi comendo salada que ficou desse tamanho”.

Se não somos capazes de cumprir com as expectativas de uma maneira temos duas opções: nos esconder (o que muitas garotas fazem, mas isso é assunto para outra discussão) ou usar artifícios para chegar ao patamar idealizado de outro jeito, nesse caso com roupas. Juntando esse fato à ausência de tamanhos grandes na maioria das lojas, fica fácil perceber como é difícil ser mulher e gorda ao mesmo tempo. Tem ainda outro problema: se você já tem a auto-estima baixa, odeia seu corpo, odeia olhar no espelho e acha que ninguém nunca vai te amar por causa do seu corpo, qual o sentido de se arrumar? Isso tudo está relacionado com a ideia de que mulheres são objetos de enfeite e depósito de atenção sexual. Se seu corpo não é sexualmente atrativo pelos padrões da sociedade, então você se convence de que não serve pra nada.

Amiga, deixa eu contar um segredo pra você: esse conceito de feminilidade é uma farsa. Uma mentira. Um padrão idiota inventando pelo patriarcado pra impedir você de ter confiança para acabar com ele. “Mas, Bia, a gente ainda não destruiu o patriarcado e mesmo que eu saiba que eu não tenho que pedir desculpa por ser quem eu sou, corpo e alma, as pessoas ainda julgam! Ainda me chamam de gorda como se isso fosse pejorativo e não só mais uma característica do meu corpo! E isso me atinge!!!” Eu sempre odiei quando as pessoas falavam para não ligar para o que os outros pensam, porque eu ligo e não é de uma hora pra outra que eu vou conseguir não ligar, né. É um processo. Um processo que é muito mais fácil quando eu sei que tem gente do meu lado para me defender dos meus próprios pensamentos ruins quando eles aparecem. Saiba que você não está sozinha. Que seu corpo não é errado. Deixa eu falar uma coisa que não é segredo e está aí pra todo mundo ver: você é linda. Usando um vestido acinturado e batom vermelho ou uma camiseta larga e ankle boots que, alias, não engrossam a canela porque não têm o poder de mudar o formato do seu corpo. Que é lindo. Que nem você.